fon fon
ff

È QUANDO, NO MELHOR DA FESTA ACABAM-SE OS CUBOS DE GELO... COMO TE ARRANJAS, QUERIDA?

Noções d'hontem sobre refrigeração electrica tornam-se antiquadas deante de uma Frigidaire 1934.

Frigidaire fornece 42 cubos de gelo de cada vez e tão depressa! tem dispositivo para desprender automaticamente as gavetas, cesta corrediça para ovos, etc., degelo automatico, porcelana á prova de manchas e tudo isto gastando actualmente menos corrente do que uma lampada electrica commum.

SOC. AN. BRASILEIRA E S.

MESTRE E BLATGÉ

RUA DO PASSEIO, 48/54 — RIO DE JANEIRO

A vida não espera...

De Brenno Silveira

1931. Um navio allemão deixa Buenos-Aires rumo da Europa. Entre uma multidão heterogenea e cosmopolita de passageiros, viaja em 2ª classe, sózinha, uma joven cujo passaporte a identifica como sendo Polita Blasco Dávila, argentina, natural de La Rioja, na provincia do mesmo nome. Tem olhos e cabellos escuros e vinte e seis annos de idade. Sua belleza provoca commentarios. Quanto a ella, sabe-se apenas que deseja interpôr entre a sua pessôa e o passado algumas milhas de oceano. E' nada mais.

* * *

Rio de Janeiro.

O transatlantico córta as aguas de lapislazuli da bahia mais bella do mundo. Polita Blasco Dávila, do convez, aprecia as montanhas verdes e as pállidas "cordilheiras de arranha-céus", que um binoculo approxima dos seus olhos cheios de distancia.

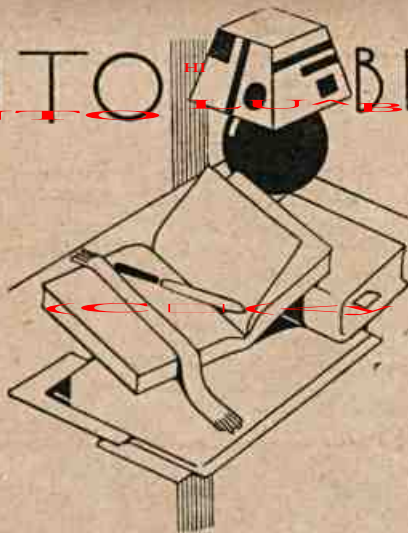
Ao pisar terra carioca, um chauffeur a conduz a uma pensão modesta. Durante mais de um mez procura inutilmente uma collocação qualquer. Afinal, quasi desanimada, quando na sua bolsa não havia mais que algumas dezenas de mil reis, consegue trabalho, como dama de companhia, na residencia de um casal de inglezes, em Copacabana.

Naquelle "bungalow", construido com vigentes requintes estheticos, poderia viver tranquilla e socegada. Talvez pudesse ser até eternamente feliz, cuidando do viveiro de passaros e das rosas do jardim.

Um dia, porém, ouve falar numa outra grande cidade. Mister Alfred elogia esse povo, em cuja grandeza e altivez acha qualquer cousa de britannico.

Polita Blasco Dávila ouve em silencio. E como tem nas veias o sangue aventureiro dos hespanhóes que cruzavam as aguas de todos os mares á conquista de novos dominios, deixa um dia o lyrico cultivo das roseiras e embarca, no meio de duas pequenas malas, com destino a S. Paulo.

* * *

1934. Um automovel negro, de longa carrosseria, pneus obesos e rodas nickeladas, deslisa, com rumor de seda rasgada, pelo asphalto de uma avenida central. A' porta de um arranha-céu o vehiculo pára. Salta, agil, a mesma creatura que, tres annos antes, todas as tardes, na sua magnifica Buenos-Aires, descia, como bôa portenha, a "calle" Gangallo, até Esmeralda e Diagonal.

Os seus olhos são maiores e mais tristes. Ha nelles como que um torpor illuminado.

Tem conta corrente num grande banco. Todas as noites, na roleta, uma pequenina esphera de marfim, correndo em sentido contrario a 36 numeros vertiginosos, multiplica de tal modo as suas emoções, que, ao chegar ao seu appartamento, está tão cansada, tão exhausta como se tivesse vivido toda uma breve e febril existencia.

Ninguem sabe o seu verdadeiro nome; nem a sua nacionalidade. Uns, dizem-na uruguaya. Outros affirmam tél-a encontrado, cantando tangos, no casino de Mar del Plata.

As hostias, purificadas, têm a pallidez das suas mãos.

* * *

Uma tarde, no "grill-room" do Esplanada, Polita Blasco Dávila conhece um joven que a impressiona de um modo insolito. Ao estender-lhe a mão, os seus dedos tremem.

Roberto Neiva fala o castelhano com um sotaque encantador. Conta-lhe que esteve varias vezes em Montevidéo, Buenos Aires e Santiago do Chile. Nesta ultima capital vivêra dois annos. Os dois esquecem-se das pessôas presentes e encerram-se em deliciosas confidencias. Os goles de whisky" succedem-se.

Vão depois a um "cabaret".

Dançando um tango que se contorce nos bandoneóns, ella sente gravitar sobre a sua vida a infinita melancolia dos amores inevitaveis, que estão dentro do Destino. Fatalista, entrega-se toda áquelle homem, sem previsões, sem calculos, sem analyses sentimentaes — apenas um pouco receiosa. Já é tarde para retroceder. A Vida não espera...

No outro dia Roberto é o seu pensamento mais insistente. Ella sabe que se trata de amor, mas a amiga que a ouve acha graça nessa sua supposição. Polita, porém, já não tem duvida alguma: ama-o.

Idéas loucas passam, então, pelo seu cerebro. Aquelle amor é uma resurreição. Um milagre!

A alegria, mesmo nos melhores dias do seu passado, jamais se tinha apresentado assim tão intensa. Ella nunca acreditára numa felicidade como aquella, e essa felicidade existia, e era della, Polita!

* * *

Roberto Neiva é considerado por todos um conquistador incorrigivel. Em verdade, a sua maior preoccupação consiste em descobrir automoveis e mulheres que possam, ante os amigos, augmentar o seu prestigio de homem elegante. E nas duas coisas — é mistér convir — é elle um "mestre".

Ao ver pela primeira vez a joven e estranha mulher, cuja esquisita feminilidade desperta commentarios cheios de exclamações, Roberto cede á tentação de representar, para conquistal-a, mais uma das suas muitas farças sentimentaes.

(Continúa na pagina seguinte)

ENTRE AMIGAS — Voltamos precipitadamente de Poços de Caldas, porque meu marido não poude supportar a altura...
— Dos preços?...

A AMA E O EXPLICADOR

— CLAUDIO, quér fazer-me um favor?

— Com toda a certeza, mamãe.

— E' que eu estou desconfiada dos pulmões da ama do Arthursinho. Ella tem uma tósse permanente...

— Mamãe não pediu a papae que a examinasse?

— Pedi. Mas o Arthur fez um exame muito superficial... Que não me convenceu...

— Nesse caso pósso examinal-a tambem...

— Não. Não é isso o que desejo. Eu queria é que você me arranjasse outra ama. Será possivel?

— Como não, mãe! Hoje mesmo, após a minha aula na Gambôa, irei atraz de uma.

— Sim. Mas ólha, Claudio, eu gostaria duma ama "ageitadinha". Que pósse apresentar-se com o meu pequeno...

— Eu sei, mãe. Fique tranquilla. Trar-lhe-ei uma que excederá a expectativa.

— Obrigada, meu filho.

— E é só o que a senhora deseja?

— Sim, Claudio. Só isso.

— Então, até logo, mãesinha...

E o rapaz beijou a progenitora na tésta. Pôz o chapéu. E sahiu para a aula na Gambôa...

* * *

Era um homem barrigudo. Sentado deante uma vasta escrivaninha. Com bem respeitavel charuto sob o bigóde de escova.

Claudio Medeiros aproximou-se do dono da agencia. Este, com a deferencia que exigia a figura aristocratica do rapaz, se apressou em saber:

— O cavalheiro deseja?

— Uma ama sêcca, senhor.

— Ah! Tenha a bondade de esperar um minuto.

O gordo personagem ergue-se. Foi abrir uma pórta na outra extremidade da saleta onde estavam. E, para uma nóva saleta, falou:

— Amas sêccas!

E escancarou a pórta.

Claudio poude vêr um compartimento repleto de gente. Caras de todos os feitios. Homens. Mulhéres. Moças. Velhas. Até creanças.

Entretanto, daquella móle de empregados disponiveis, haviam sahido varias mulheres. E, uma a uma, entravam na sala da escrivaninha.

— São 16, senhor. Póde escolher.

Aquillo parecia um mercado de gado. Moças e senhoras esperando que a mão daquelle moço as arrançasse daquella miséria para uma existencia melhor. Como os cães que, nas exposições, olham para os visitantes longamente, pedindo que os levem.

Claudio correu os olhos pelas candidatas. E deteve-os numa joven muito loira.

A moça era bastante bonita. Mimósa. Com um vestido de linho branco. Com uns olhos cheios de

A VIDA NÃO ESPERA...

Os amigos, quando elle lhes assegura que aquella mulher será sua amante, sorriem com scepticismo, pois estão acostumados a vêl-a sempre altivamente só, indifferente ao assédio perseverante de uma legião infinita de fanaticos adoradores.

— Pois essa mulher será minha, como o foram todas as outras — affirma, orgulhoso pelo triumpho que aquella phrase significa para a sua vaidade.

E accrescenta:

— Digo-lhe mais: ella vae ser nas minhas mãos, apenas um fantoche movido pelo cordel dos meus caprichos. Vocês vão ver!

* * *

Polita é feliz durante mezes. Uma tarde, porém, uma sua amiga lhe affirma que Roberto se vangloria de têl-a conquistado; havia mesmo garantido aos amigos que o faria nem que fosse necessario representar a comedia de um amor incendiario, volcanico, cheio de erupções sentimentaes, escorrendo lavas de ridiculo...

Polita Blasco Davila, mais uma vez, attonita, contempla, com olhos espantados, aquelle immenso pantano que é a sua vida. A principio pensa na Browning fria e quadrada, que está sobre a mesa; mas não tem coragem de morrer. Fu-

De Affonso Netto

candura. Delgada de corpo. "Ageitadinha" como exigia Mme. Medeiros.

E, mentalmente, já a escolhêra Claudio, quando seus olhos correram até a ultima da fila. E a ultima deixou o rapaz embasbacado. Era uma morena de fórmas aggressivas.

Duvidoso, Claudio indagou:

— Você tambem é ama?

— Sim, senhor. E não ha creança, principalmente sendo garoto, que não goste de mim.

Claudio lembrou-se de Arthursinho, o mano de 5 annos que elle, um dia, encontrára embevecido deante de um retrato de Mae West em "maillot"...

— Já esteve empregada em alguma casa aqui no Rio?

— Já. Em tantas que até perdi a conta...

A moça mentia com tanta graciosidade... E sua vóz era tão quente...

— Tem carteira?

Claudio falava com as pupillas pregadas no rosto delicioso, de labios polpudos, da morena...

A ama, debaixo dos olhares invejósos das outras, apresentou ao rapaz o documento pedido.

Cladio abriu a carteirinha. Havia, entre a primeira folha e a encadernação, uma photographia. Era um grupo de banhistas entre os quaes sobresahiam as pernas diabólicamente tentadoras da ama.

O rapaz nem se deu ao trabalho de folhear a caderneta. As pernas da dona haviam-no convencido. Devolveu-a com estas palavras:

— Optima. Com taes recommendações merece um excellente ordenado... Poderá acompanhar-me agora mesmo?

— Estou ás suas ordens.

— Bem.

E, voltando-se para o dono da agencia, que o olhava maliciosamente:

— Quanto lhe devo?

— Apenas 30$000.

Claudio pagou. E sussurrou-lhe:

— Você é um idióta!...

Depois, olhou com pena para a loirinha e as outras amas desempregadas. Disse-lhes um "muito obrigado". E sahiu seguido pela morena victoriosa...

* * *

Desde o dia em que sahira para ir á aula na Gambôa Claudio não apparecia em casa. Dois mezes se haviam passado. E dona Maura, nervósa, não sabia a que attribuir a ausencia do filho. E chorava por elle...

Entretanto, era plenamente justificavel a ausencia de Claudio. Procurava desempenhar-se bem da tarefa que a mãe lhe déra. Estava em São Paulo. E occupava-se em explicar á morena de fórmas aggressivas os gostos e tendencias de Arthursinho para que ella pudésse ser uma bôa ama sêcca...

(conclusão)

...ta-lhe covardia ou heroismo para matar-se.

Poucos instantes depois da amiga retirar-se, a porta abre-se. Roberto entra com uma caixa de bombons e um sorriso abaunilhado, perfeito, como se, antes de entrar, o tivesse friamente composto deante dum espelho.

Polita vacilla. No emtanto, sabe que só ha um caminho a seguir. Docemente:

— Telephonaram-me ha pouco do Rio dizendo-me que uma pessôa de minhas relações, chegada da Argentina ha dias, está ansiosamente á minha procura... Talvez chegue dum momento para outro.

Faz uma pausa. Roberto já sabe o que essas palavras significam. Num segundo o seu rosto vive a infinita tristeza de toda uma existencia.

— Basta, minha amiga. Não é necessario continuar. Comprehendo tudo perfeitamente: na sua vida já ha um outro homem. Não é isso?

Essas palavras vibram na alma de Polita como um vento de inverno numa arvore de onde tenham cahido todas as folhas.

— E' isso... Perdõe-me, mas eu não poderia occultar-lh'o...

Mentia. Mentia como Roberto, que continuava a dizer aos amigos, vaidoso, que ella era apenas um fantoche nas suas mãos...

LOUQUINHA — De Alvaro Marinho Rego

LOUQUINHA abriu a bôcca, num longo bocejo. Atirou os cabellos crespos, em desalinho, para traz. Não se penteára, ainda. Nem fizéra o *maquillagem*. Estava ao natural. Não havia artificios... O pyjama de seda transparente fingia esconder as linhas curvas... Puro engano. Bancava, tambem, não vêr nada...

Louquinha levantára-se naquelle momento. O seu corpo guardava um pouco do ambiente quente da cama. As negras pestanas deixavam-se cahir, pesadas, umas sobre as outras. Teimavam em não querer acordar. Imitando, com certeza, essas crianças malcriadas, que nunca obedecem a ninguem. Mas o sol tornou a bater, em estilhaços, na vidraça da janella. Chamando-a para a vida. Só então Louquinha despertou. E foi se preparar. Como actriz, dalli a pouco iria experimentar as mesmas sensações de sempre. Todo o dia se repetiam as mesmas coisas. E isso com uma regularidade, que a aborrecia. Chegava, até, a irritál-a. Já se fartáva de tudo.

O director do theatro dobrára-lhe o ordenado, tal era o movimento de bilheteria. A jovem artista se impuzéra, desde logo, á admiração do publico. Após o espectaculo, as palmas choviam, numa consagração unanime. Via-se, depois, cercada de muitos homens. Recebendo muitas flôres. Todos elles eram uns hypocritas. Mentirosos. Nenhum sincero. Verdadeiro.

De que lhe adeantavam honrarias e phrases bonitas? A gloria? A fama? A publicidade? Nada a seduzia. Ella andava enjoada de ter de viver as mesmas horas. Os mesmos dias. A vida da gente de theatro. Coisa insipida!

E ainda a tratavam por Louquinha. Que ironia!... Como se ella fosse uma pequena... levada. Perigosa...

Era verdade que gostava de cortar o inglez. Sabia falar O. K., alló boy, by-bye. E com que geitinho especial pronunciava essas palavras!...

Quando dançava, Louquinha fazia todos perderem a cabeça. Não se divertia. Achava nisto uma graça extraordinaria!... Só por isso. Porque era alegre, chamavam-na de Louquinha...

Agora, porém, olhando para a boneca de louça, pousada em cima da penteadeira, ella sentia uma enorme vontade de ser aquella boneca. Isto é, boneca ella já o era. Mas não de louça. Uma boneca grande. Não se contentava com isso. Um desejo immenso de ser aquelle bibelot de faces carminadas se apoderou de Louquinha...

Bibelot faceiro. De olhos arregalados. E com uma expressão tão bella de alteiamento das coisas... Só assim poderia continuar dormindo. Sem ser incommodada... por ninguem.

Mas a porta se abriu. O commendador F. vinha buscál-a para o ensaio. Ella lançou um ultimo olhar ao objecto de sua cobiça. E, já na escada, dando-lhe o braço, o commendador arriscou um galanteio:

— *Mademoiselle* está, hoje, encantadora!...

Paginas d'alma

PÁSSARO morto...

Sobre o frio daquella manhã de junho, com as plumas eriçadas e o bico aberto, o pássaro estava morto na gaióla.

E quem o via, tão lyrico e tão lindo, não pensava que elle estivesse morto, mas, sim, que, louco, dormira cantando...

* * *

Grão de areia...

Se eu fosse um grão de areia, grão miudinho e doirado, poderia ao vento que me carregasse com elle. Entraria em tua casa, esconder-me-ia na tua almofada de plumas e ouvir-te-ia dizer em vóz baixa e sentida:—

"Pobre poeta, que estás tão sózinho!"

Depois, á minha praia, louco de alegria, eu voltaria, todo vestido de sol...

E ao me verem, assim brilhando, diriam, depois, os que não me conhecem: —

"Não é que aquelle grão de areia até parece brilhante?"

* * *

Queixava-se a noiva linda, ao noivo que a ouvia, os olhos:

— "Tenho tristeza dos meus verdes!

E elle, apaixonado, lhe dizia:

— Verde é o mar e não se queixa; olhos verdes teve Minerva, e verdes são as pupillas das Lauras dos prophetas. Verde é gala, é ornato do bosque da primavera, e entre as sete côres "Iris" o verde ostenta! As esmeraldas são verdes, os laureis dos poetas dessa côr tambem são; mas lembra-te querida, que, sobretudo, verde é a côr daquelles que esperam!

E ella agradecem a Deus ter nascido com aquelles olhos."

PLINIO MENDES

CHIROMANCIA

CONHECERAM-SE em Petropolis, noivaram em Caxambú e casaram no Rio, onde estabeleceram domicilio numa deliciosa vivenda á beira da Lagôa Rodrigo de Freitas. Ambos viuvos ha muitos annos já se conheciam vagamente de nome, embora elle tivesse permanecido sempre no Brasil mergulhado no abysmo dos negocios e ella tivesse feito muitas viagens á volta do mundo com prolongadas demóras em Paris, onde frequentava a colonia, ou antes os destroços da colonia brasileira, que hoje, com as exigencias do cambio e as difficuldades de exportar capitaes para o estrangeiro, transportára-se, quasi que em totalidade, para este lado do Atlantico. Viram-se, amaram-se e casaram rapidamente, com o escasso convivio prévio que aggrava os inconvenientes desta especie de casamento a vapor em que cada um dos conjuges leva para o ambiente da vida commum todo um lote de amigos e de conhecidos pessoaes que uma das partes interessadas ignora completamente, pois que fazia parte da vida anterior de cada um dos conjuges. Frequentemente, quando José da Silva Telles voltava á tardinha, para o seu novo lar, achava-se na presença de cavalheiros e senhoras desconhecidos, que sua mulher lhe apresentava com grande cerimonia:

—Dr. Sicrano e a senhora, meus velhos amigos.

Ou então:

—Minha amiga Petronilha, uma camarada de infancia.

José cumprimentava, apertava as mãos, pronunciava phrases convencionaes de polidez, com apparente amabilidade, mas com um fundo de rancor para com todos aquelles individuos de ambos os sexos que haviam tido a sorte de conhecer a sua esposa antes delle. Aliás, eram demasiadamente numerosos... e vinha sempre gente nova. O que mais o intrigava era o ar embaraçado de Ada, quando elle a surprehendia no meio de seus numerosos amigos. Não havia duvida; escondia-se-lhe alguma coisa. Mas o que? O acaso devia dar-lhe a chave do mysterio. Uma tarde chuvosa, em que ficára prudentemente em casa, devido a uma grippe teimosa que lhe provocava um pouco de febre, tocaram a campainha. O criado trouxe-lhe um cartão de visita: "Madame J. B. Lopes".

—Não conheço; diga que d. Ada sahiu.

—Mas a visita diz que espera, porque tem *rendez-vous* marcado com d. Ada.

—Então faça entrar para a sala e diga-lhe que já vou.

Naturalmente José se achou na obrigação de vestir-se e de ir fazer companhia a uma amiga da mulher.

—Apresento-me sózinho. Queira desculpar a ausencia de minha senhora. Estou sem duvida falando com uma amiga della? Ada sahiu sem me dizer nada, mas certamente não tarda a voltar.

—Não; eu é que cheguei cedo de mais. E' a primeira vez que venho a estes lados e não sabia bem o caminho. Móro no alto da Tijuca. Eu sou muito amiga de uma amiga della, de Madame Alvim. Foi esta ultima que me recommendou a d. Ada Silva Telles e considero-me bem feliz de ter podido obter uma entrevista; tanto é que vim, apesar de toda a chuva. Ella tem um talento formidavel!

—Quem? Quem tem talento? — perguntou José embasbacado.

—Mas d. Ada Silva Telles, a sua senhora. Um talento rarissimo de *chiromante*. O senhor não sabia? Mas é coisa do outro mundo. Não ha profissional de nomeada cujas previsões se realizem com a mesma exactidão. Nem as do famoso Vasem, nem de outros. E' absolutamente maravilhosa! Si d. Ada quizesse fazer pagar suas consultas, ganharia uma fortuna!

Foi assim que José descobriu a verdade e que se sentiu de repente coberto de um immenso ridiculo. Elle, um homem de feso, conceituadissimo e conhecidissimo industrial, com a fortuna feita, occupando situação de relevo na melhor sociedade do Rio, casára com uma sybilla com uma especie de *cigana* que predizia o futuro e que vinham especialmente consultar, mesmo em dia de chuva diluviana até do alto da Tijuca! Por esta elle não esperava! Alem do mais, era scéptico, inteiramente scéptico, e sempre escarnecêra das sciencias occultas, das superstições e das manias que levam os pobres ignorantes a crer nas *pseudo-revelações* dos iniciados. E agora a sua mulher era, não sómente uma adepta, mas uma sacerdotiza desse culto ridiculo. Já lhe parecia descobrir na mulher um vicio degradante, uma tára inconfessavel, que o enchia de vergonha. No seu espirito a palavra *chiromante* se associava á imagem convencional da bruxa classica, com uma coruja no hombro e um jacaré embalsamado suspenso sobre a cabeça. Que horror! Como podia uma mulher moça, bonita

De Itala G. Vaz de Carvalho

é elegante se prestar a semelhante comparação?

Ha uma especie de protocollo subentendido, que impede a um cavalheiro de fazer á sua mulher observações de certa gravidade durante a lua de mel, e José era bem educado demais para transgredir essa regra; mas tambem sentia-se demasiadamente impaciente para esperar que escoasse esse limite imponderavel de tempo. Após longas reflexões, achou bom abordar a questão em tom de brincadeira:

— Sim, senhora! Meus cumprimentos! Não me tinhas communicado teus dons de Pythonisa!

— Pensei que já os conhecias — respondeu Ada, um tanto embaraçada. — Isto te contraria?

Isto o contrariava em excesso, mas era ainda recem-casado demais para affirmal-o categoricamente.

— Meu Deus, não! — fez elle, esforçando-se para misturar muita ironia á sua resposta. — E', como direi, — é uma distracção como qualquer outra.

Ada ficou séria de repente:

— Não é uma *distracção* — disse, convencida: — quando examino a mão de uma pessôa que me consulta, tenho a certeza de lhe prestar um serviço, porque lhe desvendo a verdade!

José riu-se muito.

— Ora, a verdade!... a verdade!

Ada, ferida no seu amor proprio de prophetiza, resolveu persuadir o marido e começou a lhe fazer a impressionante enumeração dos seus successos:

— Olha a Madame Pereira Cardoso; tu bem a conheces. Não é verdade? Eu lhe predisse que o marido deixaria... e foi exacto. Pergunta ao dr. Dias da Silva se eu não lhe annunciei exactamente a morte do tio que parecia gozar de perfeita saúde. E o Antonio primo? Não foi graças a meus conselhos que tirou seus capitaes do banco *Regresso e Progresso* oito dias antes da declaração de fallencia? E Camilo, que acaba de tirar a sorte grande? Elle já sabia desde a vespera, porque eu lho havia dito 24 horas antes!

Apesar de tantas precisões, José continuava a rir! Era enervante, afinal! Ada zangou-se!

— Tu não acreditas? E' desafôro! — gritou ella — Dá-me tua mão!

— Para fazer o que?

— Quero saber o que te vae acontecer! Assim ficarás convencido, senão já, pelo menos quando minhas predições se averiguarem!

Sem esperar resposta, agarrou a mão esquerda do marido e começou a observa as linhas.

— Excellentes, muito bôas — disse logo: — tens o tridente maravilhoso!

— Que?

— O tridente maravilhoso! Olha aqui, na base do annular, esta especie de forquilha E' um signal de sórte.

— Eis a razão que me fez casar comtigo — respondeu elle, galanteador.

— Não caçoes! Estica bem os dedos... Assim mesmo. Eu não me enganei! o annular é sensivelmete mais longo do que o indicador!

— Ah, meu Deus! será muito grave?

— Pelo contrario, é excellente. Significa exito. Exito completo em todas as emprezas. Deixa ver os montes: — muito bem, os montes tambem são perfeitos.

Ada estava cheia de alegria, de vivacidade, quando, de repente, ficou séria, franzindo a testa.

— Não mexas tanto assim. Deixa-me ver... Ah! meu Deus! — disse, com uma voz cheia de angustia:

— Que ha? — perguntou José, impressionado.

Mas ella já se havia dominado:

— Nada! Nada de interessante!

— Mas tu fizeste *"Ah! Meu Deus!"* Que significa isso?"

— Nada, meu bem. Asseguro-te que nada. Tens mão de um homem feliz!

E não houve meio de lhe fazer dizer nada; mas era visivel que Ada escondia seu verdadeiro pensamento. Mal impressionado, José tentou reagir.

— Sou um idiota em dar importancia a semelhantes bobagens — pensava elle para se tranquillizar.

Todavia uma idéa o perseguia sem descanso.

— Que teria ella visto na minha mão que não me quiz dizer?

Andou fazendo-se a si proprio a mesma pergunta durante trez dias. No quarto dia, como Ada se obstinasse a não responder, sua curiosidade e sua inquietação tomaram proporções tão fortes, que não mais resistiu e foi correndo consultar o famoso chiromante Visnú que todos conhecem; mas ninguem conheceu a resposta que mereceu a clamorosa capitulação occulta do sr. José da Silva Telles, mesmo porque nem elle conseguiu ainda obtel-a que o satisfizesse ao correr das innumeraveis visitas que faz continuamente a todos os chiromantes do Rio de Janeiro e dos diversos Estados do Brasil.

A DESCONFIANÇA

CARLOS AZZALI, rico industrial passava todos os annos suas férias na solidão das montanhas, longe da agitação da vida, pela necessidade de descansar o corpo e o espirito. Ia sempre para o mesmo hotel; e essa noite, achando-se em seu quarto, ouviu uma voz alegre, que dizia:

— Bôa noite!... Bôa noite!...

Surprehendido pelo tom, com uma subtil intenção, chegou á janella para ver de onde partia e a quem era dirigido. Tudo estava deserto no espaço livre deante do hotel. Seria de espantar se a essas horas alguem chegasse ao "Alpino", cujos hospedes dormiam cedo.

Mas, uma risada fresca fez-lhe virar a cabeça em direcção ao andar inferior, de onde uma figura feminina, envolta em um roupão, olhava para cima.

Carlos, admirado pela apparição, perguntou:

— Ah! é a senhorita Lori? Póde-se saber a quem se dirige?

— Perfeitamente... A' lua...

— Conhecem-se?

— Ha muito tempo!

— Quer me apresentar?

— Não se póde.

— Comprehendo... A lua só gosta das moças bonitas?

— Vejo que não sabe. Explicar-lhe-ei: na lua cheia deve-se desejar-lhe bôa noite, trez vezes.

— E a lua responde?

— Sim... com um lindo olhar.

— Deveras?

— Como o vê. Se fizer isto, dentro de trez dias receberá um presente.

— Já o verificou?

— Eu não... mas minhas amigas...

— Acredita nellas?...

— Por que não?

— Para não ser enganada, quando se desconfia, não se é logrado.

— E' um principio?

— Se o quizer...

— Não sou de sua opinião E' muito aborrecido se desconfiar sempre. Prefiro crer... se me enganarem...

Disse essas ultimas palavras com um vago tremor na voz. E bruscamente desappareceu exclamando:

— Bôa noite!

* * *

— Já a enganaram — disse Carlos, interpretando a seu modo a repentina fuga da moça.

Era tal sua experiencia da vida, que essa scena fôra uma brincadeira. Não se enganava nunca a respeito das mulheres.

Amelia Lori fôra enganada; obrigada a trabalhar, entrou em um banco, onde sua belleza não passou despercebida.

Um dos directores apaixonou-se por ella, e prometteu casar. Mas uma de suas companheiras tirou-lhe o noivo. Fôra enganada unicamente em prejuizo de seu coração apaixonado e cheio de fé.

Perdeu o logar no banco e depois de muitas difficuldades arranjou um logar de modelo em uma casa de modas. Em menos de trez annos tornou-se pessôa de confiança do chefe, e seu ordenado foi augmentado; de modo que poude satisfazer a seus gostos de elegancia e todos os annos procurava distrahir seu espirito e refazer seu organismo.

De sua desillusão não ficára vestigios no coração. Sómente quando se lembrava, sentia de novo sua amargura. Fôra isso que succedera depois das inesperadas palavras de Carlos Azzali; a respeito da desconfiança como norma de conducta para evitar decepções.

Já em seu quarto pensava: "Não, não se deve ter isso como principio... Talvez em negocios e não nos assumptos da vida... Desconfiar?... Quando e como?... Só quando não se tem sorte!... Eu não a tive..."

Carlos Azzali mantivéra-se solteiro, pelo amor á sua liberdade; Seu passado estava saturado de experiencia e conhecia bem a psychologia feminina. No emtanto, nunca tropeçára na vida com um typo de mulher semelhante a Amelia Lori, a qual já encontrára no "Alpino" quando chegára cinco dias atráz.

(Continúa na pag. 12)

O facto de estar só no hotel accrescentava mais um encanto, do que lhe produzira sua belleza physica e que podia se traduzir por um sentimento de curiosidade.

Não perguntava quem seria e sim o que faria. Seria digna de respeito?... Talvez uma aventureira?...

Sabia que era modelo, por ter ouvido della mesma, em uma dessas conversas, que a viajante acceitára francamente, desde o primeiro dia, em tom de sympathica camarada-

A desconfiança

(Continuação)

gem e sem o menor constrangimento.

Em outra occasião teria a idéa de conquistál-a, mas estava alli para descansar de toda preoccupação e não lhe tentava o desejo de uma aventura.

Na realidade, contribuira para essa renuncia o porte de Amelia, aberto, sincero, sem a menor astucia, nem má intenção.

Apoiado no parapeito da janella, Carlos olhava a praça e os logares adjacentes; não podia fugir á attracção desse panorama maravilhoso.

— Já a enganaram — repetia.

Essa verificação, que vinha dissipar de chofre todas as duvidas mantidas durante cinco dias, apesar de sua experiencia, fez-lhe sorrir.

Não sabia, ao certo, se lhe aborrecia essa descoberta. Mas comprehendeu que Amelia, estando fóra de seu alcance, se transformava em um perigo, em um embaraço para sua tranquillidade.

Quando, no dia seguinte, se viram, ella disse a Carlos:

— Esta manhã, vendo afastar seu automovel, cuja partida presenciei da minha janella, pensei que tivesse partido.

— Sem cumprimental-a? Que idéa faz de mim?... Não... O auto foi só. Emprestei-o á lua... Mas, como vê, já está de volta.

Effectivamente, nesse momento appareceu o carro na curva do caminho e parou deante delles e o *chauffeur* entregou um embrulho a Carlos Azall.

Era uma linda *bomboniere*, cheia de doces, e que elle offereceu á Amelia, dizendo-lhe:

— Para você... E' sua!

— Minha?!... Por que?... — perguntou ella, assustada.

— E' a lua que lhe envia. Não me disse que dentro de tres dias receberia um presente?

Amelia deu uma risada tão crystallina que mostrava sua angelical ingenuidade.

— Mandou a carro expressamente?

— Sim... e por que não?

Um leve rubor appareceu de repente sobre o luminoso rosto de Amelia. E foi tal essa confusão que o industrial se achou no dever de afastar toda a suspeita.

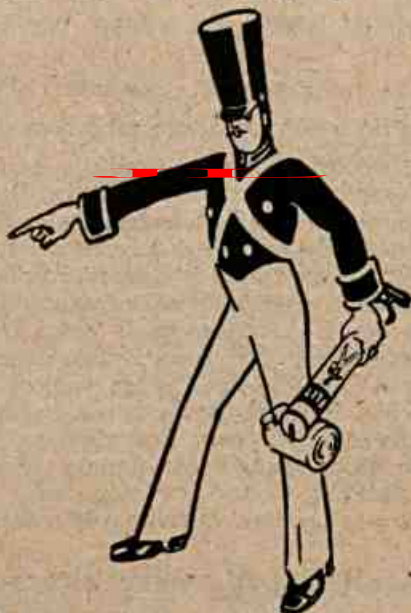
— A lua quiz premiar sua confiança.

— Então, sou eu quem tem razão?...

— Desta vez, sim... Mas, tenha cuidado; os golpes da lua são mais perigosos do que os do sol.

— Sempre a proposito da credulidade?

— Tambem por isso.

A maior parte dos dias viveram ambos em uma atmosphera de amizade quasi fraternal. Havia no homem tal desejo de ser amavel e attencioso, que era como a expressão silenciosa da gratidão que provava o bem estar que lhe dava a rapariga.

(Continúa na pag. 14)

Emquanto as cerejeiras floriam...

De NANCY VILLAR

Lien-Va era uma japonezita de boquinha nacarada, olhos grandes, côr de mel, que habitava um lindo palacio ás margens do lendario rio Azul. Era naquelles tempos primitivos em que as geishas eram mimos de valor e ainda traziam os mimosos pésinhos aprisionados em rudes tacões de madeira.

Numa rutilante manhã da primavera, quando o sol, entrando alegremente pelos jardins do palacio de Lien-Va, beijava os galhos pendentes das cerejeiras em flôr, um vulto esgueirou-se de mansinho entre o espesso arvoredo. Quem seria? A passos furtivos alcançou o balcão de Lien-Va e entoou uma canção harmoniosa, bella como o romper da aurora e sonora como o murmurio de um regato... Quanta emoção vibra na linda canção japoneza! As notas de oiro, succedendo-se, despertam a joven geisha, que se mostra timidamente á janella do balcão.

—Lien-Va! — murmura o cantor.

— Bemvindo sejas! — responde a menina.

E, tirando dos negros bandós uma rosa vermelha, tão rubra como a sua boquinha de coral, leva-a aos labios e atira-a ao terno trovador. Uma voz firme interrompe o innocente idyllio...

—"Lien-Va! Acordada, já tão cedo!"

—Sim, paezinho! — foi o unico som que emittiram os labios da assustada geisha, que, atirando um ultimo beijo ao eleito do seu coração, fechou, bruscamente, a janella.

O resto do dia, Lien-Va passou-o tristemente; o formoso joven não mais apparecera e a japonezita de olhinhos côr de mel, só ao atirar a flôr ao seu cantor, imprudentemente lhe jogára tambem... o coração...

A noite se aproxima. O marmore roseo do palacio refulge ao clarão da lua. Lien-Va refugiou-se num caramanchão florido, que se mira vaidoso nas aguas irrequietas do Yantsê-Kiang. Os rouxinóes gorgeiam. As cerejeiras, agitadas pela brisa, espalham capitoso odor... Aquelle recanto de verdura é doce e calmo como um cantinho do céu e, por isso, a geisha enamorada deixou correrem as horas... A noite já desceu e ella nem dá por isso... Subito, uma canção conhecida bailla no espaço... E' linda, e Lien-Va escuta... E' a mesma que cantou o moço pallido que lhe roubou o coração... De onde virá a voz amada?

E, então, — oh, que surpresa! — numa gondola que, de leve, encrespa as aguas, o cantor de seus sonhos se aproxima lentamente...

Depois? Depois, foi um deslumbramento! A pequenina geisha ouviu muitas canções de amor e muitas promessas cheias de encantamento, até que a lua subiu alto lembrando a Lien-Va a hora de partir...

Os demais dias passaram como um sonho... E, quando os pintaroxos começaram a construir seus fôfos ninhos de verdura, já Lien-Va e Sing-Mi, unidos para sempre, construiam tambem, carinhosamente o seu ninho côr de rosa — feito de paz de ternura e de canções de amor...

Era a primeira vez que acontecia ficar ao lado de uma creatura deliciosa, sem se deixar arrastar pelos sentidos. Em compensação, sentia uma especie de ternura quasi fraternal.

Uma manhã, em que se levantaram cedo, Carlos perguntou-lhe:

— Se dessemos um passeio de auto?

— Que prazer! — respondeu Amelia.

— Iremos vêr o mar e estaremos de volta para o almoço.

Foram... Viram o mar... Amelia se extasiou como uma creança. Mas, á hora do almoço, não estava

A desconfiança

(Conclusão)

no hotel, porque estavam debaixo do auto virado em consequencia de um choque na estrada.

* * *

Amelia e o *chauffeur*, apenas tiveram um grande susto. Carlos soffreu grandes lesões e fractura de uma clavicula e ferimentos internos.

No hospital, Amelia permaneceu ao pé do leito do ferido, attenta e commovida.

Quando Carlos, ao voltar a si da dolorosa operação, manifestou desejo de ser levado para Turim, Amelia o acompanhou silenciosa e vigilante. Ao sentir a presença da joven junto delle, não percebendo a situação, disse:

— Veiu vêr-me?

— Sempre estive a seu lado. Sabia que não havia mulher em sua casa, e resolvi attendel-o pessoalmente.

— Mas isso não póde ser...

— Não discuta! Não póde se cansar.

— Não tenho a quem dar contas.

E Carlos sorriu com gratidão.

Os amigos commentavam. Uma noite, no club, interrogaram o conde Salis, amigo intimo de Carlos Azzali.

— Diga-nos a verdade!... Já sabia?...

Salis não respondeu; fez um gesto que podia ser interpretado á vontade de cada um.

Não tardou muito para Amelia perceber a gravidade do ferido; os amigos viam em seu rosto os vestigios de uma grande dôr.

— Gosta delle? — perguntou-lhe Salis, olhando para a rapariga, que chorava.

Mas, como os olhos eram bellissimos, apesar de tudo, Salis desempenhava o papel protector e alliado.

Quando Carlos morreu, Amelia achou natural que o conde a tomasse paternalmente em seus braços, dizendo:

— Coragem!... Não ficará só na vida.

Ella não tinha a menor desconfiança.

Já não era creança; tinha uma distincção que despertava sympathia.

— Eramos bons amigos, Carlos e eu, não deixará de causar prazer ao espirito do morto o facto de sua mulherzinha ser agora minha...

Amelia julgou-se no dever de precisar que nada fôra na vida desapparecido.

Viu primeiro no olhar do conde uma expressão de scepticismo e, depois que lhe contou toda a historia, a physionomia de Salis reflectia uma profunda desillusão.

— Não fôra esposa de Azzali?... Só os ligava uma cordial amizade?... De modo que o lindo modelo nada tivéra com Carlos?...

— Ah!... A coisa agora é differente?...

Tão differente que nunca mais appareceu.

— Desconfiar!... Desconfiar!... — repetia Amelia. — Não se póde saber quando... Principalmente eu para quem nunca teve sorte... não tive...

F. Steno

O RETRATO DA MORTA

De R. GOMEZ DE LA MATA

DEPOIS de nos mostrar os ultimos quadros, devidos ao seu pincel minucioso e esquisito, Jayme Losa fez com que entrassemos em um commodo contiguo ao atelier, annunciando-nos com emoção:

— Vão ver agora a minha obra prima.

O aposento estava atapetado de preto, sem mais moveis que um divan tão funebre como as tapeçarias, um cofrezinho de prata dourada, sustido por um fino supporte, e em um cavallete de ebano e prata, com crystal, um esquisito retrato de mulher, muito moça, de uma composição symbolica e prolixa. A' esquerda, sobre um fundo escuro e quasi indiscernivel de salgueiros melancolicos, apparecia uma creatura esbelta e languida, apoiada em uma harpa e vestida com um traje azul desmaiado, que tinha um pouco de tunica e um pouco de sudario. Ladeava-lhe a bocca o impulso de um ambiguo sorriso de bondade ou talvez de dôr, apertando uma das chamadas flôres de paixão, um martyrio, contra o peito estreito de virgem doentia. O pescoço deixado e comprido "bipartia-se" um apice sob o peso de uma cabelleira maravilhosa que lhe cobria o semblante de belleza triste, e lhe punha um capacete, por assim dizer, de ouro sem brilho. Em um plano distanciado, á direita, desfilavam brancas figuras veladas, conduzindo um ataúde para um lúgubre edificio, cuja porta se abria sombria ao extremo do quadro, e, por cima da commovedora donzella, revoluteava um passaro, o pasarinho dos sonhos casadouros... Com a sua feitura consciensiosa, o retrato resultava rico de expressão, um tanto esmaecido em côr talvez, como convinha ao modelo.

— Admiravel! — disse um de nós, exteriorizando a opinião commum, não em rasgo de mera cortezia.

— Já terão deduzido que se trata de uma morta — esclareceu o pintor. — Mas, o que não sabem é que se trata de uma morta a quem não conheci, nem a importancia que no meu fôro sentimental este retrato tem... Toda uma historia, meus amigos!

Contemplava a effigie pállida e desfallecente que revivia pela thaumaturgia da sua arte, e, apesar de que se haviam tornado grizalhos os cabellos, e de que as costas se lhe curvavam ao peso dos annos, reluzia-lhe no olhar um fogo juvenil, um fogo inextinguivel...

— Se não fôsse uma indiscrição —, aventurei — atrever-me-ia a supplicar-lhe que contasse essa historia.

— Com todo o prazer.

E um tanto ou quanto envergonhado do que poderia considerar-se uma fraqueza sua, revelou-nos a origem daquelle retrato.

* * *

Certo dia do outomno anterior, apresentou-se no atelier de Jayme Losa uma senhora ingleza, "mistress" Cleaver, para lhe fazer uma encommenda. Correcta e um tanto rigida, com o seu austero vestido e a sua touca de luto, sob os crepes da qual se alisavam os nevados cabellos, em duas tranças, não carecia de distincção pelos seus modos e porte, mesmo sem ser da alta roda.

(Cont. no proximo numero)

M E N Ú

LINGUA A' CALIFORNIA

1 lingua fresca; 1|3 de chicara de azeite; 1 1|2 chicara de celoba picada; 1 dente de alho; 1|3 de chicara de pimentão verde de conserva; 1 chicara de passas sem sementes; 3 chicaras de pôlpa de tomates frescos; 1|2 chicara de azeitonas verdes finamente picadas.

Limpe a lingua, mergulhando-a em agua a ferver e arrancando-lhe a pelle branca. Cozinhe-a em agua e sal até ficar macia (2 horas mais ou menos).

Frite o alho e a cebola no azeite até ficarem douradas. Retire o alho, junte as passas, frite-as até ficarem embebidas no azeite, junte o pimentão, os tomates, azeitonas, sal, e cozinhe até que a mistura ferva. Despeje esse môlho sobre a lingua e léve ao forno moderado durante uma hora.

SALADA TRICOLOR

Cozinhe 3 beterrabas com casca. Quando estiverem macias, refresque-as em agua fria, descasque-as, deixe-as esfriar bem e córte-as em rodélas. Misture uma colher de vinagre branco, sal e uma colherinha de assucar e ponha nesse môlho as beterrabas.

Escolha as folhas brancas de alguns pés de alface bem tenra, corte-as bem fininhas, como se faz com a couve á mineira.

Descasque e córte em fatias 3 maçãs verdes.

Arrume no centro da saladeira as rodélas de beterrabas bem escorridas, em vólta uma corôa de alface e por fóra as fatias de maçãs.

Tempére com vinagre branco, ou succo de limão, sal e azeite.

TORRADAS RECHEIADAS

Tome um pedaço de carne de porco assada da vespera, faça um picadinho bem miúdo ou passe na machina; Para 2 chicaras de carne junte um pimentão bem picado e uma cebola pequena, léve ao fogo com um pouco do môlho da carne engrossado com farinha de trigo até ficar bem ligado.

Para as torradas, córte fatias de pão da vespera em quadrados de 1 centimetro de espessura, cave um pouco no centro, léve ao forno para torrar, passe manteiga quando ainda quentes e encha os centros com o recheio.

NINHOS

1|2 kilo de carne de vitella passada na machina; 1|4 de chicara de pó de pão torrado; 1|2 chicara de leite; 1|2 colherinha de sal; 1|2 cebola bem picadinha; 9 fatias de toucinho inglez (*bacon*).

Misture a carne, ó pó de pão, os temperos e o leite. Com essa massa faça bolas de tamanho regular, enróle em torno de cada uma tiras de toucinho, mantendo-as com palitos. Collóque os ninhos em assadeiras e Asse-os em forno moderado.

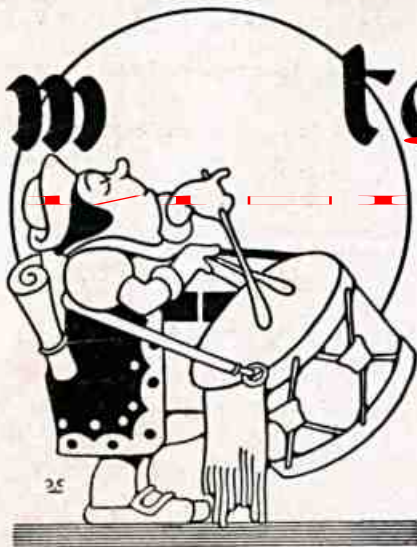
OVOS DE COLOMBO

Cozinhe alguns óvos, descasque-os. Tome alguns tomates bem maduros e de bom tamanho, córte a parte superior, retire cuidadosamente as sementes, salpique por dentro e por fóra com sal e pimenta do reino, ponha dentro um pouquinho de manteiga e introduza um ovo em cada tomate. Unte-os com manteiga derretida e salpique com pó de pão torrado. Léve ao forno quente para tostar delicadamente.

Em nossa redacção recebemos a visita do sr. Arthur Pati, do alto commercio desta praça, de regresso de Buenos Aires após uma viagem de recreio. O sr. Pati trouxe daquella capital uma grande novidade, as "TABLETAS DE SANTO", producto unico no mundo para tingir instantaneamente os cabellos nos tons ruivo, castanho claro, castanho, castanho escuro e negro natural, com resultados maravilhosos, e observou de sua applicação e acceitação naquelle grande paiz amigo.

Essas "TABLETAS" são de fabricação de um dos mais importantes laboratorios de productos de toucador da vizinha Republica. O nosso patricio sr. Pati, na qualidade de representante, espera introduzil-as, em breve, em nosso paiz.

FON-FON felicita o sr. Pati desejando-lhe successo.

Saibam todos...

LILA (S. Paulo) — Uma cartinha côr de esmeralda. Datada de S. Paulo. Muito bem. As cartas femininas, que me chegam da terra de Piratininga, são sempre recebidas por mim, com a maior sympathia.

De modo que é com a maior bôa vontade que rasgo o envelope da sua...

Que me dirá v. ex. Vamos vêr...

"Illm.º Sr. Bastos Portela. Meus cumprimentos. Diz o velho adagio: "quem sae á chuva é para se molhar" e, assim sendo, dirijo-me a V. excia. disposta a levar ainda que o "granizo" da sua critica mordaz.

Junto aqui um ensaio litterario, ao qual V. Excia. dará, estou certa, o destino merecido: publicação ou... cesto.

Com um "muito obrigada" aguardo uma solução. — *Lila.*"

São Carlos. (S. Paulo), 27 de Setembro de 1934.

Li o seu poema em prosa, ou antes, a sua composição reveladora de um equilibrado espirito de mocinha, habituada a fazer, sem erros, os seus deveres escolares... Mas, quero convir em que *A Voz dos sinos* é já uma bôa promessa. A promessa de que v. ex. poderá produzir coisa mais consistente...

Espere. Espere com paciencia e, na primeira opportunidade, a sua collaboração será publicada.

LANES PENEDO (Capital) — O sr. é excessivamente gentil. E não sei como não lhe agradecer, com palavras amaveis, igualmente doces, as gentilezas que me conceu.

Leiamos a sua cartinha gentil:

"Prezado sr. Yves. Cordiaes saudações:

E' com agradavel e feliz satisfação que torno a enviar uma missiva á sua presença.

Venho, confesso, francamente, antes de tudo, abusar da sua benevolente amabilidade, afim de, com essa occupação, que me é tão grata, tambem proporcionar a mim mesmo o insuperavel praser de me corresponder com o estimado e admirado Yves. Pois é, pode crêr na minha sinceridade, com indizivel contentamento que leio sempre as respostas que o sr., tão gentilmente, concede a todos que se dirigem á sua página literaria: seja para este ou para aquelle fim.

Por esse motivo, e tendo lido, no "Saibam todos" do ultimo "Fon-Fon", as referencias benevolentes que o sr. despensou á minha pessoa. Sinceramente agradecido, deixo, aqui, nestas linhas, o meu espontaneo preito de gratidão.

O sr. certamente, não gostou — disse-o com franqueza — dos meus versos. Achou-os "ôcos e banaes"; chamou-os de "prodigios de vulgaridade poetica" e etc. Mas, por causa disso, hei de lhe fazer injustiça, quando a sua apreciação foi extremamente imparcial? Não! Não, porque, se eu procedesse assim, não passaria de um tôlo despeitado. E eu sei, felizmente, em qualquer circunstancia, ser rasoavel. Demais a mais, reconhecendo o seu elevado espirito de justiça, lógo me convenci de que a sua resposta foi sincera. E toda a sinceridade eu sei reconhecer com a justa gratidão, pouco me importando que ella externe um sentimento favoravel ou não á minha pessoa. Aliás, o sr., na sua attitude de critico inflexivel, fez-me um grande bem. Por isso, mil vezes prefiro a severidade justa á benevolencia amigavel e céga ante os defeitos. E digo que a sua critica imparcial fez-me um grande bem, por que, fazendo-a, o sr. me proporcionou um optimo ensinamento, que, certamente, se eu souber aproveital-o, foi-me immensamente util. Assim sendo, na realidade, consegui um valioso resultado. Por isso, embora eu nã otenha tido a almejada satisfação de vêr realisado o meu desejo, ao menos o sr. me concedeu uma optima lição que me conformou, reparando a minha tentativa malograda de vêr publicados os meus sonetos.

Agora, quero me referir ao que o sr. me disse. No seu interessante e mordaz trocadilho o sr. me julgou errado. Chamou-me de poeta doce apesar de ser Penedo, que é pra lá de duro. Naturalmente, se trata de uma ironia da sua parte, mas é preciso que o sr. entenda que a minha polidez nunca chega a ser demasiada, e não a emprégo com qualquer pessoa. Dirigindo-me ao sr., por exemplo, que é um intellectual, cuja cultura e personalidade me inspiram uma sincera admiração, devido tão sómente a esta circumstancia, eu não poderia tratal-o de outra maneira. E que esse tratamento que dispenso a uma pessôa, depende do gráo de estima, consideração e etc. que sinto por essa pessôa. Demais a mais — queira perdoar a ousadia — sendo seu leitor constante e admirador, considero-o meu amigo espiritual. Por isso, toda a afabilidade que dedico ao sr., a meu vêr, sempre se conserva mesquinha deante do seu espirito tão elevado e fino, que merece todas as sinceras homenagens de todo aquele que compreende a verdadeira manifestação artistica.

Afinal, a minha missiva está se prolongando muito.

Por isso, concluo lhe fazendo um pedido (julgue este soneto que lhe mando e lhe rendendo a minha estima e admiração, subscrevo-me profundamente agradecido

Lanes Penedo"

Agora o soneto:

DESENGANOS

Murmurando num ritimo de prece,
Doce a brisa perpassa na campina,
Beijando a flor singela que florece
A' beira de uma fonte cristalina.

A linda flor risonha lhe oferece
As pétalas rosadas, qual menina
Que espera, ansiosa, desde pequenina,
As caricias de amor que o sonho tece.

Docemente iludida, a pobresinha
Mal sentira os afagos que almejava
Quando a brisa raivosa a desfolhava!

. . . .

Na vida, qual a flor que os sonhos tinha,
Quanta gente ás caricias, iludida,
Entrega a face e ganha uma ferida!

N. B.—Como o sr. deve notar, o 1º verso está e não está certo. Quero dizer que, para alguns poetas, "ritmo" tem apenas 2 silabas e, para outros — 3. Se o sr. estiver de acordo com o 1º caso, muito bem. No caso contrario, rógo-lhe a

(Continúa na pagina seguinte)

fineza de modificar então o verso, tornando-o assim: "Murmurando num ritmo de uma prece."

Continuo a achar o seu soneto infantil, ou por outra, digno de uma colegial.

O sr., no seculo do avião e do radio, ainda fala em "brisa, que perpassa na campina, beijando a flor singela".

Quero dizer, o seu soneto é, e não é soneto. E' soneto porque está contado direitinho, com linguagem correcta, etc. etc. Mas, não é soneto, no sentido literario e artistico, justamente porque lhe faltam as qualidades brilhantes, exigidas em um soneto.

G. RODRIGUES (3) — *Caro* poeta, aqui está a sua *cara* carta, que me deixou de *cara* á banda.

Não sei si julgará que o meu juizo, sobre o seu soneto, vae sair *caro*, á nossa carissima amisade...

Antes, porém, quero dar aqui a sua delicada missiva, delicada com dois *ll*, por via das duvidas...

Escreve o sr.

"Presado Yves: Saudações: Antes de tudo peço permisão para tratal-o familiarmente, pois, espiritualmente, sou seu amigo ha muito tempo.

Pela primeira vez, medrosa e tremulamente envio a você a singeleza de umas linhas; medrosa e tremulamente digo, porque conheço o seu rigor, aliás muito justo, em responder, através da sessão "saibam todos" ,aos atrevidos e pretenciosos literarios que dirigem ao Fon-Fon, por seu intermedio, producções sem merito.

Eu sou mais um ousado que vem collocar á claridade das suas vistas largas um punhado de versos.

Reconheço a pobreza dos meus sonetos, devia até conserval-os no sillencioso fundo da minha gaveta juntamente á muitos outros que tracei e que alli permanecem numa atitutde inoffensiva. Entretanto o desejo de ver os meus versos estampados nas paginas dessa

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

brilhante Revista, fez com que eu me dirigisse a você, pedindo um recantosinho.

Pretender escrever para o publico sem ter sufiscientemente conhecimentos gramaticaes, sem ter clareza de idéias, sem possuir riqueza de intelligencia, é o mesmo que querer construir um edificio sem ter o material necessario. Eu o reconheço. Mas quando não se pode erguer, rumo ao céo, uma obra grandiosa, um predio artistico, ergue-se uma cabana humilde.

As minhas poesias são assim: pobres e sem artes. Yves, seja camarada, seja benevollente para commigo; não me atire a um canto com a chicotada de uma resposta; não me desanime.

Quem sabe, mais tarde, lá para as bandas do futuro poderei escrever cousas melhores.

Por enquanto limito-me a esperar sua resposta na sessão "saibam todos".

Junto a esta seguem os referidos sonetos.

Muito o agradece o rabiscador destas linhas, que é um amigo ao seu dispôr, as suas ordens."

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

F O N - F O N — 20 - 10 - 934

Data da consulta............

Nome da consulente.........

....

Leiamos agora o seu soneto intitulado:

SONHA OUTRA VEZ

Porque, alma, este profundo abatimento?!
A' nosa volta a vida é vibração:
Ar aves cantam, canta alegre o vento,
A natureza inteira é uma canção!

Se a vida te agitou, como o tufão
Agita um pobre arbusto no relento,
Lançando suas folhas pelo chão,
Oh! não te entregues, não, ao desalento.

Canta, alma, que, decerto, alguem te escuta;
Sê alegre, decidida, resoluta;
Encara o teu fracasso sorridente.

Atira ao lado o teu assombro ou susto;
Revista-te de sonhos, como o arbusto
De folhas se reveste novamente.

Como vê, nada posso fazer em seu favor, uma vez que o seu soneto, além de banal, denota que o seu autor não conhece bem os tempos de todos os verbos...

Releia-o, e veja si não estou com a razão...

JENY (Capital) — Realmente, sabbado, 7, eu estava ausente, quando me telephonou, pedindo informações sobre a sua carta. Mas, eu sempre aqui estou, entre 4 e 6 horas da tarde, e terei prazer em attender o seu telephonema.

A. M. (S. Paulo) — Tenha paciencia. Mas a sua fantasia não pode ser publicada.

YVES

Belleza, inimiga da virtude?

De ARY KERNE

> "Pensez, *donc comment être vertueuse quand on est jolie!"*
>
> (Emile Bayard)

AFFIRMAR tal coisa n'uma época em que nas praias, nos banhos de mar e sol, nos sports, nos institutos de belleza, a maioria das mulheres vae tornando sem effeito certas maldades da natureza, seria condemnar cincoenta por cento (1) do sexo fraco á tendencia para o peccado...

Mas, na verdade, uma mulher feia tem em si propria o melhor antidoto contra os venenos do demonio e... de Cupido.

Geralmente as mulheres que possúem verrugas, pellos, pés de gallinha, etc., e que, por ser um breve contra a esthetica, entraram na casa dos trinta incolumes, defendidas pelo trem blindado da feiúra, têm uma tendencia especial para a virtude... para usar *pince-nez*, cabellos compridos, vestidos sem decotes, etc., etc.

Quem póde concorrer ao "sweepstake" em que se inscreve uma mulher bonita? Ella um páreo difficil. Principalmente no Brasil, onde as estatisticas attestam inferioridade no numero de pessôas do sexo feminino... Dahi o natural retrahimento dos "canhões"...

Quanto ao facto da belleza ser inimiga da virtude, não resta a menor duvida. A mulher bella é perseguida por toda a sorte de galanteadores, ora bonitos, ora habeis...

Envaidecida pelo proprio éxito, gosta de ferir corações com a arma terrivel do "flirt", perigosissimo campo para o assalto inesperado de Cupido...

"Amor por nossa vontade se toma, mas não por nossa vontade se deixa" — disse Seneca.

E quantas coisas e circumstancias se poderiam ennumerar, capazes de attrahir a mulher bella ao peccado?

Porem, o peor é que a lei das compensações a faz, geralmente, como dizem os hespanhóes: "buenas para el gosto y para el gasto"...

Notas de ARTE

COMPANHIA DRAMATICA INGLEZA — STIRLING-REYNOLDS. — Dos cinco espectaculos realizados na ultima semana, no Theatro Municipal, pela Companhia Dramatica Ingleza do Theatro Alberto 1º, de Paris, dirigida pelos actores Edwards Stirling e Frank Reynolds, e constituidos das peças — *The First Mrs. Fraser* (A primeira sra. Fraser), de St. John Ervine; *You never can tell* (Nunca se poderá saber), de Bernard Shaw; *While parents sleep* (Emquanto os paes dormem), de Anthony Kemmins; *The green bay tree*, de Mordaunt Sharp (O Laurel Verde); *Ten minute alibi*, de Anthony Armstrong (Uma attenuante de dez minutos) — só nos foi possivel assistir ao de estréa, com a comedia *The First Mrs. Fraser*, representada, hontem, 2ª-f., 8 de outubro, com a seguinte distribuição: *Janet Fraser* — Margaret Vaughan; *Elsie Fraser* — Megan Latimer; *Maid* — Kathleen Williams; *James Fraser* — Edward Stirling; *Philip Logan* — Charles Carew; *Niniam Fraser* — Michael Bazan; *Murdo Fraser* — Hugh Moxey.

James Fraser após vinte annos de casamento feliz com Janet, de quem tem dois filhos já homens, Murdo e Ninian, apaixona-se por Elsie, de quem poderia ser pae. Divorcia-se e casa-se com Elsie. E' naturalmente infeliz no segundo casamento, mas não quer de novo divorciar-se. Elsie porém o deseja, pois pretende unir-se a um nobre, o marquez de Larne. Não o ama como não amava James, mas como se casou com este pelo dinheiro, vae casar-se com aquelle pela nobreza. Para satisfazer a nova ambição, a frivola e insensata não hesita em solicitar a intervenção da primeira esposa de James. Esta, que após cinco annos de divorcio continua amando James, repelle a proposta de Elsie, que lhe suggeria requeresse James o divorcio e uma vez livre casasse de novo com Janet, emquanto ella, Elsie, casaria com o marquez de Larne. Mas, sabendo por intermedio de um velho pretendente á sua mão, Philip Logan, que Elsie é adultera, é amante de um dançarino, e só finge amar a Larne para adquirir o titulo de marqueza, Janet intima-a a fugir com Larne a fim de que James se resolva ao divorcio. Deante das provas de adulterio, Elsie não tem remedio sinão ceder á suggestão de Janet, que nada revela ao marquez de Larne. Livre da 2ª mulher, James,

A pianista prof.ª Zilah de Moura Britto, illustre collaboradora do prof. Ch. Cachmund nas conferencias analyticas que está realizando esse prof. no I. N. M. sobre obras de Beethoven, Schumann e Liszt.

que já vinha fazendo a côrte á primeira, mostrando-se mesmo ciumento deante das manifestações amorosas de Philip Logan, não hesita em fazer-lhe como este proposta de casamento; de sorte que Janet apparece então requestada por dois pretendentes. E a peça termina sem a realização effectiva de um novo matrimonio de Janet. Mas se sabe pelo desenrolar das scenas que a primeira será tambem a terceira senhora Fraser. O que contenta não só aos antigos esposos, ansiando por se unirem de novo, mas tambem aos filhos, que cada um a seu modo tem o mesmo desejo: Ninian, o solteiro advogando sempre a causa materna e revoltando contra o pae, e Murdo, pugnando sem distincção pela conciliação dos dois.

Simples e bonita a comedia de Etervine. Sae da bitola commum (talvez por ser ingleza) das peças que exploram o divorcio e o adulterio. Sem ser didatica, ella ensina encantando, a verdade do velho conceito — *nous revenons toujours à nos premiers amours*...

Embora não o realize em toda a plenitude, A primeira sra. Fraser pode ser incluida entre as poucas producções de valor literario dos tempos de hoje, em que a belleza não se incompatibiliza com a moral.

Embora só lessemos depois de representada, a comedia de Ervine, nem por isso, ou por isso mesmo, gostamos do trabalho dos artistas que a representaram. E' que viveram os personagens com intenso poder communicativo de gestos e atitudes. A mimica expressiva suppriu para nós a carencia de uma completa comprehensão verbal.

Embora todos nos agradassem dentro das respectivas caracterizações e tivesse especial destaque a scena do telephone altamente communicativa, vivida no 2º acto pela sra. Megan Latimer, em que Elsie sob o dictado de Janet dialoga á distancia com o marquez de Larne, o que sobretudo nos impressionou foi a excepcional naturalidade com que encarnou a figura de Janet Fraser, a sra. Margaret Vaugham. Nem uma phrase, nem uma palavra, nem um gesto, nem uma atitude, onde se lhe notasse o minimo artificio. Quem estava em scena não era Margaret Vaugham, mas só e só Janet Fraser. Impressão semelhante só nos lembramos ter tido com tamanha intensidade vendo Eleonora Duse representar A mulher de Claudio, a famosa peça de Dumas Filho.

Homogenio como poucos os conjunctos que nos visitam, a C. D.

teve um auditorio relativamente numeroso, talvez pouco menos de um terço da lotação, auditorio que applaudiu com enthusiasmo que se podia chamar não pequeno, sabendo-se da tradicional frieza do temperamento inglez, e eram inglezes da Europa e da America a maioria dos espectadores. Ainda assim irromperam palmas estrepitosas no meio do 2º acto, ao terminar a que já nos referimos scena do *telephone*.

Das mais auspiciosas a estréa da Companhia Dramatica Ingleza Stirling Reynolds.

CARMEN BRAGA BOURGUY. — A tarde de 13 de outubro, no salão Leopoldo Miguez do I. N. M. realizou, com o concurso da pianista Marilinha Braga, um concerto de violoncello, a prof. Carmen Braga Bourguy, fazendo-se ouvir nos seguintes numeros deste programma: I) VALENTINI-PIATTI (1687-1740) — Sonata X (Grave-Allegro, Tempo di Gavotta, Largo, Allegro); FIOCCO-BAZELAIRE (1690) — *Concerto* (1a audição) (Allegro, Moderato Gracioso, Lento, Motto animato); II) L. GALLET — *Elegia* e *Dança Brasileira* (Dedicada á recitalista); J. NUNES — *O menino carinhoso* (1a audição para violoncello); F. NASCIMENTO — *Dança das sylphides*; F. BRAGA — *Toada* (Dedicada á recitalista); A. NEPOMUCENO — *Tarantella*.

Ha mais de quatro annos, cremos, não ouvimos a sra. Carmen Braga, e neste periodo a violoncellista progrediu bastante quer em recursos technicos quer em effeitos estheticos.

Notas de arte

(CONCLUSÃO)

Pelo menos assim nos pareceu pela força communicativa que imprimiu ás suas recentes interpretações. O de que pouco dispunha quando a ouvimos em 26 de junho de 1930. Agora mais do que antes soube transmittir com apreciavel relevo á sua á sensibilidade dos ouvintes. Distinguimos especialmente o *Largo* e o *Allegro* da *Sonata* e o *Lento* do *Concerto*, *Elegia*, *O menino carinhoso*, *Dança das sylphides* e acima de tudo o *Moderato Gracioso* do *Concerto*, que intensamente nos emocionou.

Correspondeu o publico ao valor da violoncellista saudando-a com

Maestro Francisco Mignone, que regerá o grande Concerto symphonico que a Orchestra do Municipal dará no dia 30 do corrente.

fragorosas palmas e doze ou quinze cestas de flores, que transformaram o tablado num jardim.

Duas peças tiveram as honras do bis: a de J. Nunes que, presente ao recital recebeu e agradeceu muitas palmas, e a de F. Nascimento. Cada uma no seu genero, souberam ambas encantar: uma, *O menino carinhoso*, pela delicadeza, pela finura do estylo, outra, *Dança de sylphides*, pelo movimento vivo, pelo dynamismo da inspiração. O que tudo foi bem caracterizado pela interprete.

MARIA DE SA' EARP. — Esta jovem cantora brasileira, que, apenas no inicio da arte lyrica já obteve bellos triumphos na Italia o anno passado, cantando *Mme. Butterfly*, *Bohemia* e *Traviata*, e que estreou entre nós na grande Companhia Lyrica do Theatro Municipal, encarnando com bello successo, ao lado de Gina Cigna, a figura de Liú, da op. *Turandot*, vae de novo voltar áquelle paiz, onde a esperam varios contractos e onde continuará a sua carreira artistica, que de certo é auspiciosa e será triumphal. A partida está marcada para o proximo dia 14 de novembro.

Antes de nos deixar, Maria de Sá Earp, a De Saerp, como lhe chama a imprensa italiana, dará no Municipal um concerto de despedida em a noite de manhã, 3ª-f., 30 de Setembro, fazendo-se ouvir em musica de camera, de classicos como Scarlatti e modernos como Debussy, e ainda, a instantes pedidos em musica dramatica, em duas arias celebres: *Fors' é lui*, da "Traviata", *Un bel di vedremmo* de "Mme. Butterfly".

Annunciando-lhe o proximo concerto e a proxima partida, queremos deixar tambem aqui os nossos votos para que na temporada de 1935, Maria de Sá Earp canté no Municipal como principal heroina de algumas operas do seu repertorio, muito embora repita ainda o exito alcançado em Liú de "Turandot".

O S C A R   D ' A L V A

— A dona da casa está muito preoccupada, porque vamos ser treze á mesa.

— Ah! E' supersticiosa?

— Não. Mas é que ella só tem doze talheres...

— Ainda que não creias, fica sabendo que sou um homem!

— Caramba! Assim, á primeira vista, parece mais um camello.

Á BASE DE
EUCALYPTO
EU TAMBEM!...
Papae, mamãe... e agora eu, todos usamos o Creme Dental Eucalol. As visitas me dizem sempre: "que lindos olhos", "como está robusto". Mas desde hontem começaram: "Que bellos dentinhos! Alvos como leite!" ● Eu nunca mais deixarei de usar o esplendido Creme Dental Eucalol.
TUBO GRANDE
2$500 NO RIO
PERFUMARIA
Creme Dental Eucalol
CD9 - Standard - PC

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 42

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1934

DOMINGOS PAULISTAS

Os domingos paulistas são tristes. Parece que a cidade repousa da sua vida trepidante de trabalho. Um grande silencio envolve todas as coisas.

As ruas estão desertas, sem o fonfonar dos caminhões de transportes, que gemem sob o peso das mercadorias sahidas das fabricas. As chaminés dos bairros industriaes não ostentam o pennacho de fumo, e os teares descansam. A população parece dormir, refugiada nos magnificos *bungalows* plantados em molduras de relvas.

Nos campos de *sports*, a mocidade cheia de saúde prepara os musculos, em torneios empolgantes. Uma camada fóge para as cidades proximas. Outra, entrega-se ao prazer do banho de mar, nas lindas praias de Santos. Os domingos paulistas fazem-me lembrar os de Paris, de Londres tambem, longos, silenciosos. Os enormes arranha-céus trazem as janellas cerradas, fazendo suppôr que os moradores passam as horas entregues á leitura de algum romance, ou, então, clarinam risos, festejando o Amor no aconchego dos velludos. Não se ouve tambem o pregão dos jornaes nas calçadas, e apenas a voz dos *speakers* não cessa, terrivel, ameaçadora, fazendo a propaganda dos partidos politicos. Do balcão do meu hotel, olho a formidavel arteria vazia, a bella avenida S. João. Olho tambem o céu azul, festivo, que me põe a alma inquiéta. Saudades? Talvez... Saudades do que ficou atraz, da minha mocidade, dos meus paes, dos amigos que se dispersaram, das garotinhas que marcharam ao meu lado para a escola. Como tudo isto vae longe! Outras cidades e outros amores, de um lado a outro, cortando o mundo em todas as direcções, e, depois, o repouso obrigatorio distante do meu torrão natal. A vida!

A minha vida... Entretanto, como tenho a loucura da garôa paulista, aqui estou para receber a doçura do seu refrigerio á flôr da pelle, quando a cidade dorme e a bohemia festeja a vida, fumando um cigarro loiro deante de uma taça de bebida loira tambem...

A minha cidade cinza, das mulheres de olhos humidos!...

Do meu balcão, onde ha uma latada de flores, scismo em tanta coisa linda...

E uma voz, mysteriosa, impelle-me para a rua deserta, sem destino.

Num extremo da cidade, surgiu um novo jardim, Reviéra. A curiosidade arrasta-me até lá. O auto desliza, em amplas estradas.

A represa de Santo Amaro espelha as suas aguas, cortada de embarcações. Velas ao vento.

Depois, um amplo edificio, rustico, encantador, onde uma multidão alacre se movimenta ao som da orchestra ruidosa.

Ambiente aristocratico, fazendo lembrar os famosos recantos europeus, centro de turistas. Mocidade, alegria! Rapazes de hombros largos, appolineos, levam pelo braço figuras de sonho, esguias, vaporosas...

Esqueço a tristeza dos domingos paulistas.

Os mais estranhos typos de mulheres, exhibindo *toilettes* caras, empolgadas pelo prazer da dança. Uma raça sadia, de olhos claros, limpidos, de movimentos largos, trazendo no rosto a belleza do sol da minha terra.

As primeiras estrellas...

Anoitece...

Pouco a pouco, o salão vae ficando vazio.

O silencio. O cheiro do matto, ar fino, penetrante. O automovel rasga o silencio das estradas.

As luzes da *urbs* grandiosa apparecem ao fundo, augmentando, augmentando sempre.

A Reviéra, lá atraz...

Agora, um grito civilizado, bebado da claridade que jorra do alto, dos enormes *placards* luminosos.

E novamente o silencio, a doce paz, a quietude romantica do meu balcão florido.

Um cigarro, para esquecer...

E, dentro da tristeza deste domingo paulista, experimento a alegria de ter aberto os olhos para a vida nas colinas de Piratininga, onde não mais existe a poesia das rotulas e das mantilhas, mas onde os sinos ainda soluçam como um hymno de fé, despertando uma raça que ha de cumprir o seu destino glorioso...

MARIO POPPE

Tulipas

ETIENNE REY, o grande psychologo francez, escreveu, certa vez: "Chez l'homme l'amour oscille éternellement entre le désir et le dégout." Realmente, no amor só ha dois sentimentos distinctos: o desejo e o desgosto.

Dahi, sem duvida, as psychopathias, as psychoses do amor, os distúrbios da alma, os desequilibrios do coração.

E o certo é que nunca se ha de saber porque é que a bocca que hoje beija é a mesma que amanhã nos maldiz e maltrata; e a mão que nos acaricia é a mesma que nos apunhala.

Não ha muito tempo eu tive um casal de namorados por companheiro de bonde.

Quasi todas as manhãs e á noite, lá elles estavam juntos, agarradinhos, felizes, num banco á frente do meu.

Certa vez, o meu vizinho não se conteve, e chamou a minha attenção para o caso. Disse elle:

— Vê aquelle casal?

— Sim. Que tem elle?

E o meu vizinho de banco explicou:

— E' um caso que interessa a um chronista, como o sr.

— Por que? — perguntei sorrindo, e já adivinhando uma scena lyrica.

E o meu vizinho contou que, uma occasião, elles dois haviam brigado de modo escandaloso. O rapaz chegara a torturar a moça. Com um alfinete, elle lhe picara o braço, até fazer sangue.

A joven por pouco não havia sido accommettida de uma crise de nervos. Foi um horror! — concluiu o attencioso informante.

— E os passageiros? Que fizeram? — indaguei.

— Ninguém se metteu — affirmou-me o meu vizinho.

Tive um gesto de indignação.

— Covardia! — exclamei. Eu, si assistisse a tal brutalidade, teria interpellado o sadista.

Rindo, o meu companheiro de viagem, que era um bom philosopho, rematou:

— Pois faria mal... Sabe por que? Porque, no dia seguinte, elles estavam como agora: agarradinhos...

ANATOLIO era um bohemio incorrigivel. De uma irreverencia pasmosa.

Possuia, por assim dizer, o instincto malicioso da "blague". Nos momentos mais tragicos da vida, elle tinha sempre uma bôa pilheria, uma phrase de bom humor, uma anecdota engraçada.

Uma occasião, achava-se elle em uma roda de amigos, onde cada um contava um incidente dramatico, uma peripecia, um desastre, um episodio empolgante.

A certa altura da palestra, Anatolio tomou a palavra. E contou:

A maior tragedia de minha existencia, occorreu nos meus tempos de estudante.

E logo emendou:

— Occorreu, não, occorria... Porque, de facto, era uma tragedia permanente...

Todos prestaram attenção ás suas palavras, com a mais viva curiosidade. E um da roda pediu:

— Pois conte lá esse caso.

E elle disse:

— E' simples. A maior tragedia de minha vida, quando nos meus parcos tempos de estudante, era almoçar um pão de duzentos réis, com manteiga, e um café pequeno, e acabar, ao mesmo tempo, não sobrando pão nem café.

TRABALHO, olhando, pela janella aberta, um trecho largo de morro.

Sol abrazador do meio dia. As arvores, que se alastram, pelo barro vermelho, esgalham-se, aqui e ali, sob o mormaço escaldante.

Por cima, um céu sem nuvens. Um céu limpo, muito azul, cahindo sobre a verdura da collina, á maneira de um tecto de setim — tão baixo elle se mostra.

O casario irregular, e de aspecto diverso: são casebres de zinco, de telha vã, outros de palha ou de taboas; — o casario humilde povôa as chapadas amplas, as encostas, os barrancos e recôncavos do morro. Minusculos, alegres, espertos, vejo cães, bois lentos, cabras, gallinaceos, que emprestam ao bucolismo daquella vida tranquilla a doçura de paizagens pastoraes, onde só falta a ingenuidade de Daphnis e Cloé, amando-se, como duas creanças, entre os arbustos e as flôres bravas da montanha.

Entretanto, naquellas cabanas socegadas, sob aquelles tectos modestos, e aquelles casebres toscos, deve reinar a maior felicidade. A gente que ali vive, olhando, a seus pés, a cidade brilhante, ha de sentir, dentro da alma simples, certamente, o prazer de estar longe da civilização, do "struggle-for-life" e, consequentemente, do vórtice das paixões.

E, emquanto escrevo, daqui da minha banca, entre os rumores do progresso, olho o morro distante, e invejo aquella vida pastoral, que mo'dorra ao sol do meio dia.

QUEM se dá ao prazer de observar as filhas de Eva, na rua, colhe impressões magnificas. E' muitas dellas até originaes.

Remy de Gourmont dizia: "Quem quizer ver as mulheres como na realidade ellas são, basta surprehendêl-as em casa, na intimidade. Ali ella é o que é".

Na rua, em publico, não raro, ellas se mostram como são.

Na rua, são vaidosas, egoistas, economicas, altivas, immediatistas, etc. A's vezes, altruistas.

Vaidosas? Basta ouvirem um galanteio a que fingem não dar importancia. Mais adeante, ellas se voltam, abrem a bolsa e consultam o espelho. Verificam si, de facto, o galanteio estava bem applicado.

São egoistas, por exemplo, quando esperam, num cruzamento de ruas, um desfile longo de automoveis.

Ellas se collocam sempre ao lado das calças dos homens — expondo estes aos possiveis perigos do transito. E' como si dissessem: "Morram elles primeiro..."

Dão provas de economia irritante.

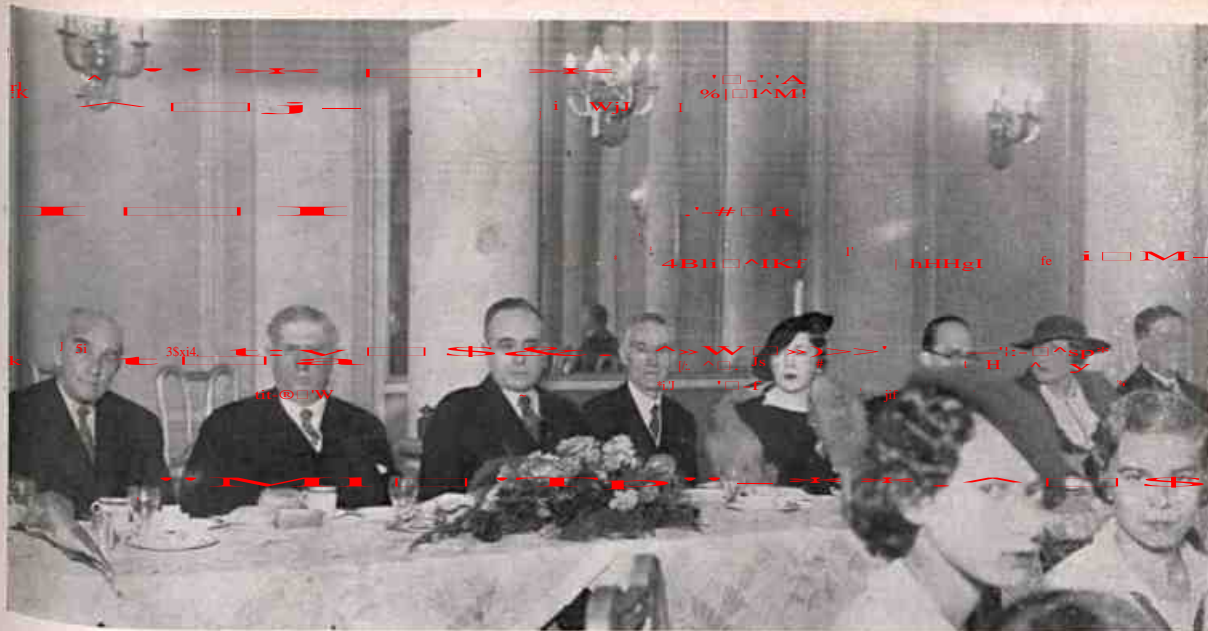
Si estream um vestido novo, elegante, — em vez de tomarem um taxi, ou um omnibus, vão mesmo prosaicamente de bonde. E não permittem que lhe toquem nas sêdas... Jesus!

Por isso, Pitigrilli diz que, "uma mulher, quando sozinha, anda kilometros a pé; mas si está em companhia de um homem, pede um automovel para atravessar a rua de um lado para outro..."

Altivas, ellas desdenham todo mundo; isto é, todos aquelles que lhes não rendem homenagens.

Immediatistas, não perdem vasa para tirar proveito das occasiões favoraveis.

Exemplo. Si vão ao cinema, e encontram um conhecido, preferem que elle lhe pague a entrada... Num chá, é claro que a consummação cabe a elle... Num baile, em vez de refrescos, gostam mais de *champagne*...

Oh, as mulheres são sempre um bello assumpto para um chronista sem assumpto!...

A Cruzada Nacional de Educação encerrou a campanha da «Semana de Alphabetização» com um chá offerecido a todos os elementos que concorreram para o êxito do bello movimento. E' um aspecto dessa festa o que fixa o nosso «clichê», vendo-se, ahi, o presidente da Republica e senhora Getulio Vargas, que compareceram á mesma.

QUANDO O AMOR E' INFINITO...

Você não percebeu, nos meus olhos tristes, a alegria interior com que a sua exaltação amorosa distinguiu o meu orgulho de homem? Você não vislumbrou, no meu sorriso languido, o reflexo intranquillo da felicidade que a sua confissão plasmou no meu destino? Você não sentiu, deslumbrante princeza da minha vida, a vibração emocional que agitou a minha sensibilidade, quando a sua voz doce e frágil sussurrou, lindamente, aos meus ouvidos:

— Estou gostando muito mais de você...?

Pois acredite que eu fiquei desolado por não poder retribuir, numa confidencia igual, a homenagem commovedora do seu coração de mulher. Augmentou o seu amor. Cresceu o seu delirio sentimental. Palpita mais forte, na alma que você me deu, a paixão que a trouxe para mim. Consegui prendel-a mais ao meu destino.

Mas, infelizmente, não lhe posso dizer o mesmo. Meu amor continúa assim como você o encontrou quando nossas vidas se confundiram no tumulto e na festa das affinidades. Não ficou maior. Não cresceu mais. Não palpitou mais forte no coração que você guardou para sempre.

Quero-a como a queria. Não sei por que não acompanho o rythmo progressivo do seu bem-querer. Não sei...

Mas sinto que o grande amor que você me inspirou, desde o primeiro instante, encheu logo, de uma vez, literalmente, o coração insatisfeito de seu pobre sonhador.

Como é possivel, então, caber mais amor onde já o amor é infinito?...

Lucio Gama

O Touring Club do Brasil, collaborando com os poderes publicos e com a imprensa, patrocina, neste momento, uma cruzada benemerita: a guerra ao barulho. Para tratar do assumpto, realizou-se, na semana passada, importante reunião na séde do prestigioso gremio, vendo-se, á cabeceira, o dr. Octavio Guinle, seu presidente, tendo á direita o dr. Lourival Fontes, commissario geral de turismo da Prefeitura, e, á esquerda, Humberto Gottuzo, festejado chronista e homem de sciencia. Entre os presentes, vêem-se, mais, os drs. Floresta de Miranda, Carlos Brandes, representantes do chefe de policia, e os nossos confrades Berilo Neves, Oswaldo de Souza e Silva, Lincoln Nery, R. Magalhães Junior e outros membros do Comité de Imprensa do Touring Club.

O MANTO de ARLEQUIM

Subordinado ao titulo de «Maravalha», Eduardo Tourinho, o festejado poeta de «Cantico Perdido» e dos «Melancolicos Poemas do Desejo e da Renuncia», acaba de enfeixar num volume excellentes estudos literarios. O prosador confirma o poeta. Seus ensaios deste livro revelam o artista eximio, que a critica tem exaltado com justiça. «Maravalha» é um livro deleitavel, de prosa fina e harmoniosa. Compõe-se de varios ensaios, estudando assumptos diversos, cada qual mais expressivos da intelligencia do brilhante autor.

PALAVRAS CRUZADAS

O commandante Mowat consagrou vai para alguns annos um estudo, nas "Memorias" da Sociedade dos Antiquarios de França ás seguintes palavras cruzadas que figuram em uma Biblia latina do anno de 822 e em um antigo manuscrito grego :

SATOR
AREPO
TENET
OPERA
ROTAS

Esta formula serve para curiosa combinação de cartas de jogar e como formula de sortilegio. O dr. Trengu, na Allemanha, estudou o caso tambem e Hardenberg fez sobre elle algumas considerações.

Segundo este ultimo, considerando-se em primeiro lugar o centro da figura se vê que é um N no meio duma cruz formada por dois TENET, isto é, sustem. N é nomen ou numen, a divindade. Os quatro angulos do quadrado formam cada qual a palavra ROSA. As rosas enfloram a cruz formada por TENET. Seriam as rosas de Saron ou de Salomão.

O professor Oscar Clark, lente de clinica medica da nossa Faculdade de Medicina, chefe da 2.ª enfermaria da Santa Casa, fundador da Clinica Escolar do seu nome, reorganizador dos serviços de inspecção medica escolar do Districto Federal, autor de quasi 200 trabalhos originaes de observação clinica, acaba de fundar, com grande exito ,um curso gratuito de medicina preventiva para as professoras publicas, que acodem, todas as semanas, a lhe ouvir a palavra brilhante e eruditissima.

Com effeito, se se accrescenta a ROSA o N central, se obtem a palavra SARON.

As letras mais proximas de N são R. P. P. R. que representam as funcções do Christo : Pontifex - Rex - Propheta - Redemptor, grupadas em torno de N, o santo nome. Considerando-se as diagonais do quadrado, se verifica que terminam por S. S. R. R. Nas quatro extremidades da cruz de Santo André que se combina com a cruz grega dos TENET. Essas letras significam Rex-regum, Spiritus - Salvator.

Se, depois de haver supprimido ROSA SARONA, se lerem as letras restantes, obtem-se esta phrase : "Petro et Reo Patet Rosa Sarona", que se traduz assim : Para Pedro, embora culpado, a rosa de Saron florescerá !

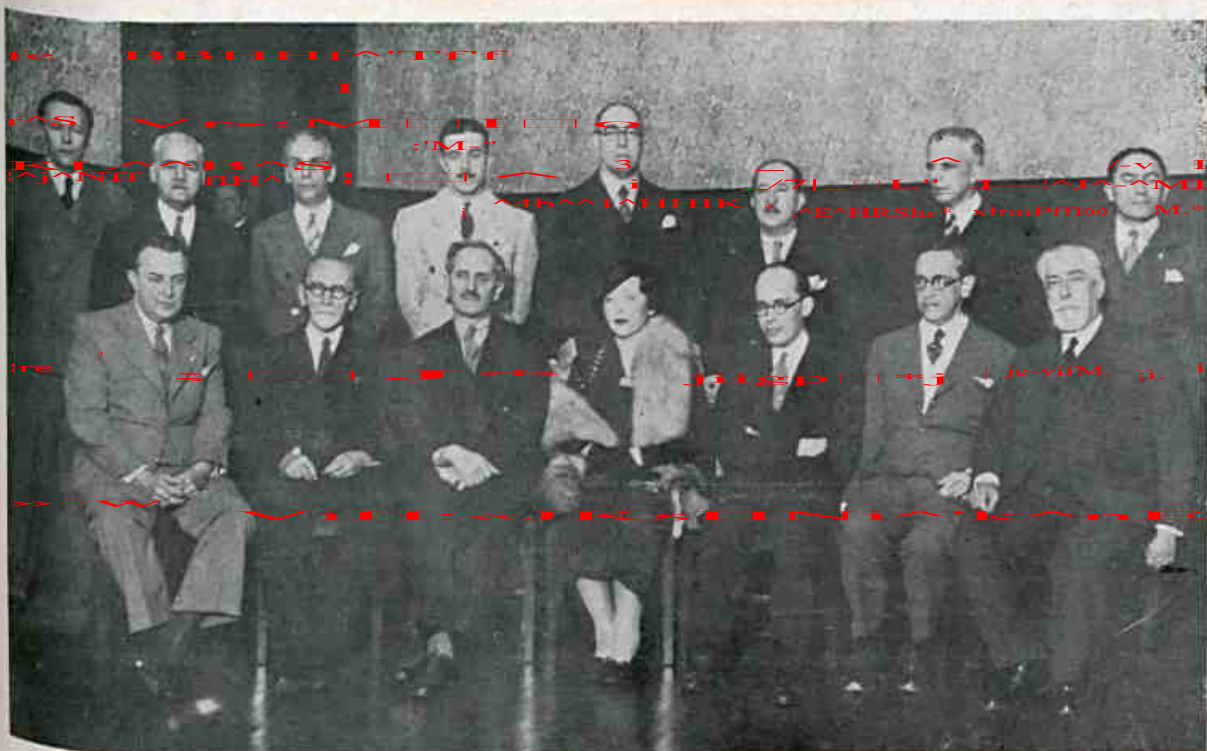
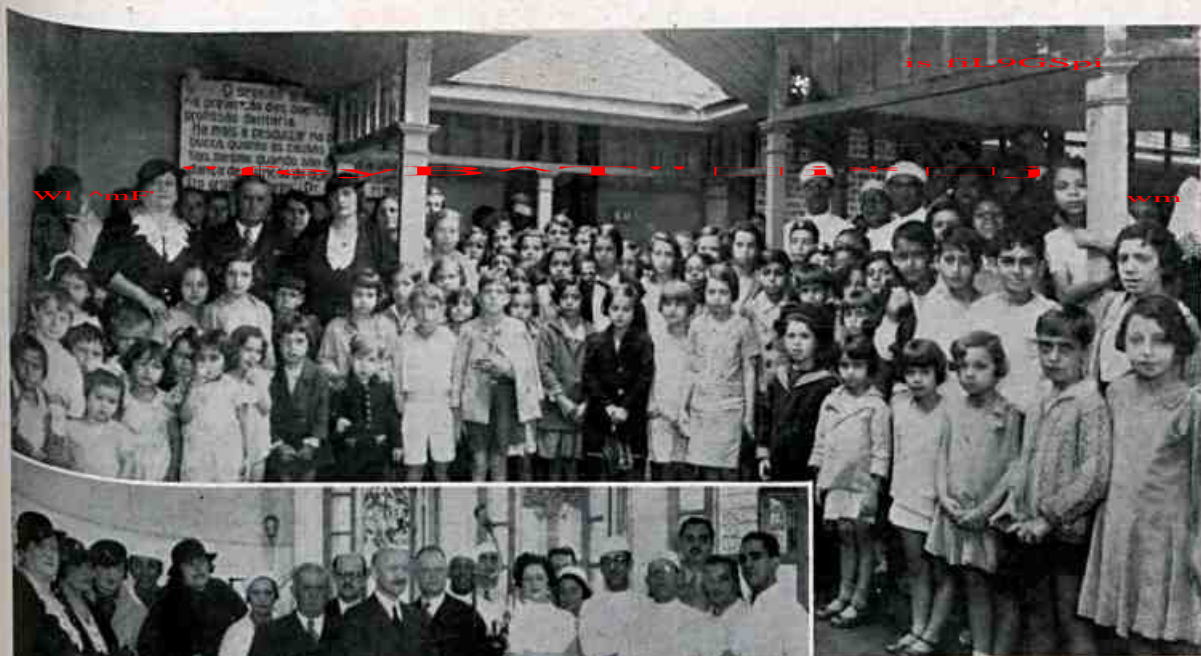
A rosa de Saron é um symbolo do Amor Divino.

A interpretação definitiva desse curioso e antiquissimo quadrado de letras é esta : "Pedro que trahiu o Senhor achará tambem seu misericordioso amor."

Encontra-se frequentemente esse quadrado magico nos vestibulos das velhas igrejas. De caracter puramente religioso, nunca foi um sortilegio e sim como que uma consolação para os que haviam sido banidos da Igreja.

A gente do nosso interior ainda o emprega para diversos fins.

BEMTEVI

Depois do seu interessante livro «A vida eterna», que tão grande successo alcançou em poucos mezes, Gomes Netto, o talentoso e apreciado novellista patricio, publica «Novellas fantasticas», que apparecem em cuidada edição de Selma Editora. Como o titulo indica trata-se de uma collectanea de novellas inspiradas no impossivel, e que a exuberante imaginação do autor apresenta cheias da belleza e da fascinação do mysterio. Paginas para impressionar a todas as sensibilidades. Vigorosas e Estranhas. Bem acabadas. com a nota pessoal de um escriptor de «élite».

Fazia parte do programma de commemorações do «Dia da Criança» a solennidade inaugural da campanha em pról da alimentação da criança brasileira, que se realizou na tarde da penultima sexta-feira, na séde da Associação Brasileira de Imprensa, sob a presidencia do dr. Olynto de Oliveira, director da Protecção á Maternidade e á Infancia, e promotor do patriotico movimento, e com a presença da senhora Getulio Vargas, esposa do chefe da Nação, que o patrocina. O grupo do «clichê» foi tomado por occasião da cerimonia.

Na Assistência Dentaria Infantil o «Dia da Criança» foi brilhantemente commemorado com uma festa infantil, durante a qual a directoria da benemerita instituição mandou distribuir mimos e doces aos pequenos protegidos da A. D. I. Compareceram á reunião o conde Pereira Carneiro, que visitou demoradamente as dependencias da Assistência Dentaria Infantil, e outras pessôas gradas especialmente convidadas para a solennidade do dia 12 de outubro último.

Um grupo de jornalistas visitou, na penultima sexta-feira, a convite do respectivo director, coronel Augusto Manoel de Aguiar Filho, o mostruario do Laboratorio Chimico Pharmaceutico Militar, installado no «stand» do Ministério da Guerra, na Feira Internacional de Amostras. E' um aspecto dessa visita o que focaliza a nossa gravura.

O *ESTAFETA*

Distribuidor de illusões, mensageiro de alegrias, quanta vez fizeste palpitar meu coração, ao te avistar, numa esquina de rua, sob a cupola de ouro do sol, enfeixando a tua mão velha e descarnada a esperança ambicionada o consolo longamente esperado...

Enfrentando — quantas manhãs! — a chuva impiedosa, para levares, na tua peregrinação abençoada, a noticia alviçareira de um filho distante a uma mãe afflicta, quanto de grandioso tem esse teu gesto! Mas, tú o repetes todos os dias. Mal o sol se ergue, já estás na rua, de porta em porta, distribuindo com todas as almas, bôas e más, feias e formosas, o alimento de uma noticia bôa, o pão Miraculoso de uma mensagem que conforma.

Vezes ha, porém, em que, sorrindo, na ignorancia do que conduzes, levas, a um lar feliz, a dôr, o luto, a lagrima, o desespero! Da tua inconsciência natural, porque cumprindo o teu dever de conductor de desesperos e entregador de alegrias nada sabes e nada dizes, depende, não raro, a estabilidade de uma existencia preciosa, o destino de muitas vidas...

Eu tenho uma divida para comtigo. Devo-te tudo o que de bom tenho experimentado até hoje, todas as manhãs, ao primeiro beijo do sol á terra, quando me entregas a epistola esperada, comprehendendo a infinita angústia do meu coração desolado. E's o pássaro amigo e misericordioso que, ao clarear de todos os dias, traz á minha alma, como aquelle leva ao sertanejo apaixonado, o canto mavioso que alegra e o encoraja para o labor titanico de todas as horas.

Tens alguma coisa de divino em tua missão: os povos se comprehendem por teu intermedio; a paz se faz, entre homens que se guerrêam, pela tua mão, porque és tu, dentro da tua humildade, que conduzes o entendimento das chancelarias dentro de um envelope lacrado; és ainda, o maior cooperador do [illegible] envolvimento de uma nação, porque — galgando serras, atravessando brejos, varando mattagaes extensos, mala ás costas, levas ás mais [illegible] pidas localidades do hinterland os raios faiscantes da civilização. Irradiam do teu serviço apparentemente simples as maiores forças de contribuição para o bem de uma nacionalidade. Em tuas mãos velhas e descarnadas, muita vez, se [illegible] a sorte de um povo e o destino de um paiz.

E's, sobre tudo a maior esperança e o grande consolo dos corações que se separaram de outros corações, quando surges, passo a passo, numa esquina de rua, prendendo á tua mão velha e descarnada a carta esperada, o canto epistolar e mavioso da alma da distante...

EDWALDO [illegible]

Ao jornalista Danton Jobim, nosso brilhante confrade do «Diário Carioca», foi offerecido ha dias, pelos seus collegas e amigos, um cordial almoço, no qual tomaram parte as pessôas que formam o presente grupo.

AS ELEIÇÕES

DOMINGO, 14 de outubro. Dia bonito, de sol. A cidade era todo um alvoroço de festa. As ruas amanheceram cheias de movimento e de vida. Aqui e acolá, as dactylographas de emergencia batiam chapas. Em autos, nos passeios, em frente aos edificios, onde funccionavam mesas receptoras, esse aspecto da cidade liberal-democratica tinha a sua graça. O elemento feminino dava uma nota de encanto na paizagem politica...

* * *

A psychologia feminina é enigmatica. Não pensem que as eleitoras torciam pelas candidatas ás eleições de domingo. Nada disso. Eu sou capaz de jurar que todas as mulheres votaram só nos homens...

Só encontrei uma eleitora, que me disse suffragaria um nome feminino nas urnas. Essa mesma ponderou:

— O meu proprio nome!

O voto secreto permitte-lhe votar em si mesma...

* * *

Houve uma secção, no Districto, composta só de nomes femininos. Uma secção, mais ou menos, como esta: Feira de Vaidades...

A nota curiosa da chamada constou de que alguns homens compareceram e votaram. E' que elles receberam na pia baptismal nomes applicados indifferentemente aos dois generos...

Eu vi um chamado Dagmar. Outro, Aracy.

E eram guapos rapazes, fortes, varonis, com esses nomes leves, transparentes, de mulher...

* * *

Outro caso pittoresco das eleições: o eleitor de certa secção recebeu a sua senha e esperou a sua vez. Longo tempo. Afinal, foi chamado. Correu pressuroso. Mas, uma surpreza immensa lhe estava reservada. O seu titulo continha, em vez do seu, o retrato de uma linda joven...

* * *

Trascorreu assim, bem humorado, o ultimo domingo, que o dever civico riscou das preferencias sportivas do carioca, do seu programma de praia, do seu *camping*, das suas reuniões habituaes.

Copacabana ainda assim armou algumas barracas na areia e raros tritões e bem poucas nereidas fôram votar no deus Neptuno para protector dos *flirts* do verão...

CIDADE BARULHENTA

HA um movimento sympathico em torno da idéa de se dar combate ao ruido, ou antes, ao abuso dos ruidos, nesta nossa mui leal e formosa cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Na verdade, vivemos n'uma terra barulhenta. Ninguem se preoccupa aqui com os deveres da vizinhança, nem com o socego publico. Se é na rua, o transeunte se julga dono do logradouro e berra á vontade, com toda força dos pulmões ou dos apparelhos mechanicos, que conduz; se é em casa, o morador se presume um senhor discricionario, que não tem contas a dar a ninguem.

Ainda outro dia, o noticiario policial referiu o caso de um cavalheiro, que, em franco desespero invadiu o apartamento do vizinho para fazer calar um radio insupportavel.

Ora, numa casa de apartamentos pode-se ter um radio, mas o seu funccionamento não póde ser á vontade absoluta do seu dono. Quem quer ter liberdade plena procura logares afastados, nas zonas suburbanas ou despovoadas.

A idéa, pois, de se dar combate ao barulho é simplesmente benemerita. Os ruidos continuados são fontes de serias perturbações, fontes de males incalculaveis.

Numa época de estranho e profundo nervosismo, como já é a nossa, aggravar o seu estado de vibração permanente é concorrer para que surja uma serie de desequilibrios funestos.

Que a campanha, em bôa hora iniciada, não esmoreça. É preciso que a propria população carioca se compenetre dos seus deveres, cumprindo dest'arte as referencias impertinentes, mas indispensaveis, ao seu entranhado amor ao barulho...

LUCIANO

ALOYSIO DE CASTRO

Ao senhor Aloysio de Castro fôram prestadas grandes homenagens intellectuaes por occasião do seu jubileu scientifico: vinte e cinco annos de vida professoral.

A Faculdade de Medicina, a Academia de Letras, a Academia de Medicina realizaram sessões solennes, festejando o cathedratico, o poeta e escriptor, o scientista.

Fôram manifestações excepcionaes ao notavel patricio, cuja carreira publica tem sido assignalada pelos mais bellos triumphos da intelligencia e do saber.

Todas as classes intellectuaes, a alta sociedade e o governo, a diplomacia e os circulos de arte associaram-se ás homenagens do jubileu professoral de Aloysio de Castro.

Espirito de profunda illustração, o prosador lapidar, a quem as letras nacionaes devem incomparaveis paginas anthologicas, é um humanista fulgurante.

Seu saber classico, sua finura esthetica, seu bom gosto aristocratico dão ao literato e ao scientista, ao professor e ao poeta uma collocação á parte entre os mais altos valores mentaes do Brasil.

Associado ás homenagens a Aloysio de Castro, foi evocada a memoria de seu saudoso pae, o grande mestre Francisco de Castro, de quem o prof. Antonio Austregesilo traçou na Academia de Letras um perfil magnifico.

Assim á gloria de um, fulgurantissima, juntou-se em reverente preito a immortalidade do outro.

LUCIANO

DIA DA CRIANÇA

JA' revestiu a solennidade de uma encantadora tradição o dia 12 de outubro, dedicado ás festas da criança.

Por todas as fórmas o espirito publico procura manifestar o seu cuidado em favor do bem-estar e do conforto da infancia.

Ficou assim conhecido o Dia da Criança. Já todas a classes se interessam por tornál-o cada vez mais festivo e attrahente.

* * *

Este anno maiores fôram as demonstrações de solidariedade transmittidas por elementos da mais prestigiosa expressão social á data da meninada.

O Rio todo movimentou-se para celebrar o 12 de outubro, com um programma puramente infantil, organizado com o proposito de proporcionar ás crianças excepcionaes alegrias.

* * *

Uma commissão de senhoras, presidida pela illustre dama, que é *madame* Darcy Vargas, esposa do senhor presidente da Republica, trabalhou incansavelmente pelo exito das festas, levadas a effeito no dia 12.

E esse exito foi completo. A lista de nomes é extensa. Comtudo, alinho alguns: a senhora Macedo Soares, a senhora Marques dos Reis, a senhora Souza Costa, a senhora Protogenes Guimarães, a senhora Góes Monteiro, a senhora Walter Sarmanho, a senhora Simões Lopes, a senhora Rubens de Mello, a baroneza de Bomfim.

Ainda outros: a senhora Alice Sá de Faria, a senhora Stella Guerra Duval, a senhora Maria Luiza Camargo de Azevedo, a senhora Laura Xavier da Silveira, a senhora America Xavier da Silveira, a senhora Cacilda Martins, a senhora Adelaide da Costa Azevedo, a senhora Edina Galizo de Faria, a senhora Claire Max Ferrez, a senhora Alice S. de Figueiredo, a senhora Anna Amelia Carneiro de Mendonça, a senhora Alberto Rozenval.

* * *

Que festa mais linda do que essa festa para as crianças? Alegrar o coraçãozinho infantil é proporcionar-se a gente um prazer celestial...

CHA' DANÇANTE

APRESENTOU um brilhante cunho de elegancia o chá dançante realizado no dia 13 do corrente nos salões do Botafogo F. C., em beneficio do Sodalicio da Sacra Familia.

Essa festa, que uma ansiosa espectativa recommendava á animação mais completa, contou com todos os elementos para o seu grande exito.

Uma sociedade distincta, acostumada a essas reuniões em que o espirito de caridade se allia ás nobres e puras preoccupações da elegancia, encheu os animados salões do Botafogo.

Foi uma noite dançante de memoravel impressão, que a todos deixou verdadeiramente encantados.

* * *

O comparecimento de numerosos valores da juventude feminina, que brilham nos encontros da alta sociedade, póde ser apreciado através dos nomes das senhoritas Regina Liberalli, Nadéje de Alencar Pinheiro, Carminda Saboya, Lourdes Marcondes, Antonietta Magalhães Machado, Licia Goulart Ribeiro, Cora Bocayuva, Honorina de Abreu, Alzira e Jandira Vargas, Carmencita Ferrari, Lydia Carbonell, Sarita Saavedra, Zita Coelho Netto, Marina Moscoso, Alice Sebastião Sampaio, Lazinha Luiz Carlos, Malvina Dolabella Portella, Maria Victoria Baptista, Mercedes Faria Marcial, Nair Castello Branco, Zaira Eiras, Odette Gonçalves, André Magalhães Mello.

"RIDING COCKTAIL"

TEM constituido uma nota de alta distincção o "riding cocktail", que o Centro Hippico Brasileiro lançou no seio da mais fina sociedade carioca.

E' uma reunião de elementos representativos da elegancia do Rio: domingueira de alto bordo, como diria um classico familiar ás letras mundanas.

O Centro Hippico Brasileiro já por si recommenda o seu brilhante circulo. A novidade desses cocktails está dando o que fazer ás mais nobres damas da sociedade do Rio e ás suas mais gentis senhoritas.

* * *

O ultimo "riding cocktail" foi uma parada de bom gosto e de chic. Lá esteve, no Centro Hippico, a aristocracia metropolitana: a senhora Martinez de Hoz, a senhora Cavalcanti de Lacerda, a senhora Lindinger, a senhora Adhemar de Faria, a senhora André Betim Paes Leme, a senhora Carvalho Vieira e senhoritas Luly Carvalho Vieira, Meira Penna, Vera Alegria, Snell, Margarida Genetsky, etc.

Uma novidade... comme il faut!

PONTO CHIC

A moda do *drink* venceu a do chá das 5.

Foi a prohibição americana que a motivou. Hoje é elegante beber-se um cocktail. E ha um diabolico prazer em saborear-se a mistura.

Principalmente as senhoras, commummente ecleticas, gostam de sentir o sabor differente que uma reunião de bebidas produz...

* * *

Para o *drink* das tardes, o Ponto Chic continúa a dar a nota elegante.

Tenho visto: a senhora Taciano Abreu, a senhora Pinto de Moraes, a senhora Rodrigo Peixoto de Sá, a senhora José Manhães, a senhora Claro Cordeiro, a senhora Nelson Pinto e senhoritas Lourdes Nelson Machado, Alicinha Ferraz Souto, Araujo Jorge, Rosalinda Alencar de Britto, etc.

"COCKTAIL PARTY"

FOI uma reunião brilhante, concorridissima, o "Cocktail Party", que o senhor Henry Leonardo, presidente da Camara de Commercio Polono-Brasileira, offereceu quarta-feira ultima, das 17 ás 19 horas, á alta sociedade carioca e á distincta colonia polonesa, nos salões do Copacabana-Palace.

Essa recepção, que contou com a presença de distinctissimos valores sociaes, foi realizada em commemoração das recentes victorias aeronauticas polonezas.

O "Cocktail Party" do Copacabana-Palace deu uma nota de elegancia no transcurso desta semana.

SOCIAES

SENHORA RAUL FERNANDES — A bordo do "Conte Grande", viajou da Europa, onde se encontrava em visita a pessôas de sua familia, a excellentissima senhora Raul Fernandes, esposa do eminente *leader* da maioria da Camara dos Deputados.

O desembarque da distincta dama foi muito concorrido, vendo-se, no Cáes do Porto, numerosas familias, que fôram levar-lhe, pessoalmente, as suas saudações de bôas vindas.

A' senhora Raul Fernandes offereceram lindos *bouquets* as relações do fino casal.

O EXPLORADOR FAWCETT

DESDE que desappareceu o famoso explorador inglez que se vêm formando em torno do seu paradeiro os mais desencontrados juizos. Aliás, muita gente é de parecer que Fawcett tenha morrido ha muito tempo. Uma vez por outra, entretanto, surge uma noticia nova. As versões divulgadas já adquiriram o feitio de lenda. Não é de admirar, pois, que á margem do desapparecimento de Fawcett a imaginação dos homens teça a sua renda de hypotheses...

Agora, a noticia é sensacional. Chegou a S. Paulo um caçador de profissão, chamado Angelo Trucchi. Esse homem vive nas selvas a pegar animaes vivos para os jardins zoologicos.

A imprensa ouviu-o sobre Fawcett. E elle referiu o seguinte: Percorria o rio das Mortes, quando foi feito prisioneiro dos indios e levado a uma tribu, onde encontrou um homem civilizado, falando correctamente o inglez.

Accrescenta Trucchi que graças a Fawcett teve a sua liberdade e que o famoso explorador inglez lhe pedira que désse essas noticias, á sua familia!

Fawcett é hoje chefe de 60 tribus, sendo temiveis os seus indios.

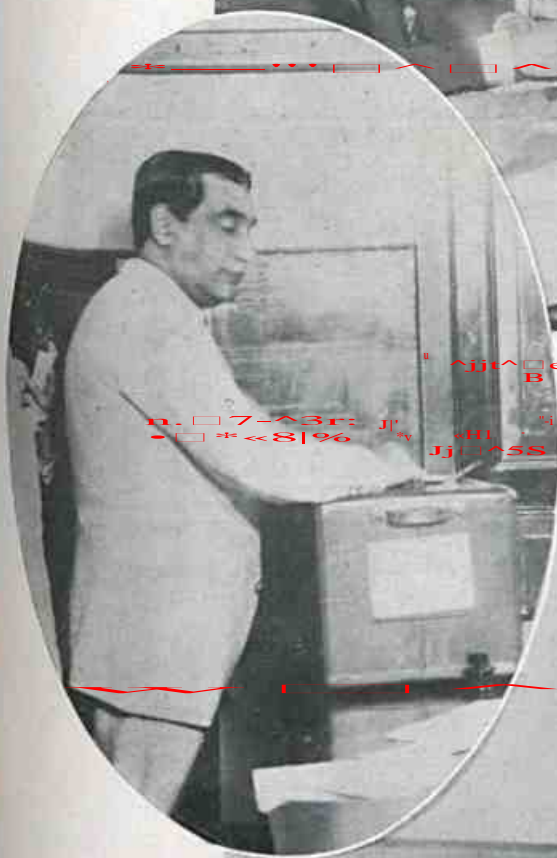
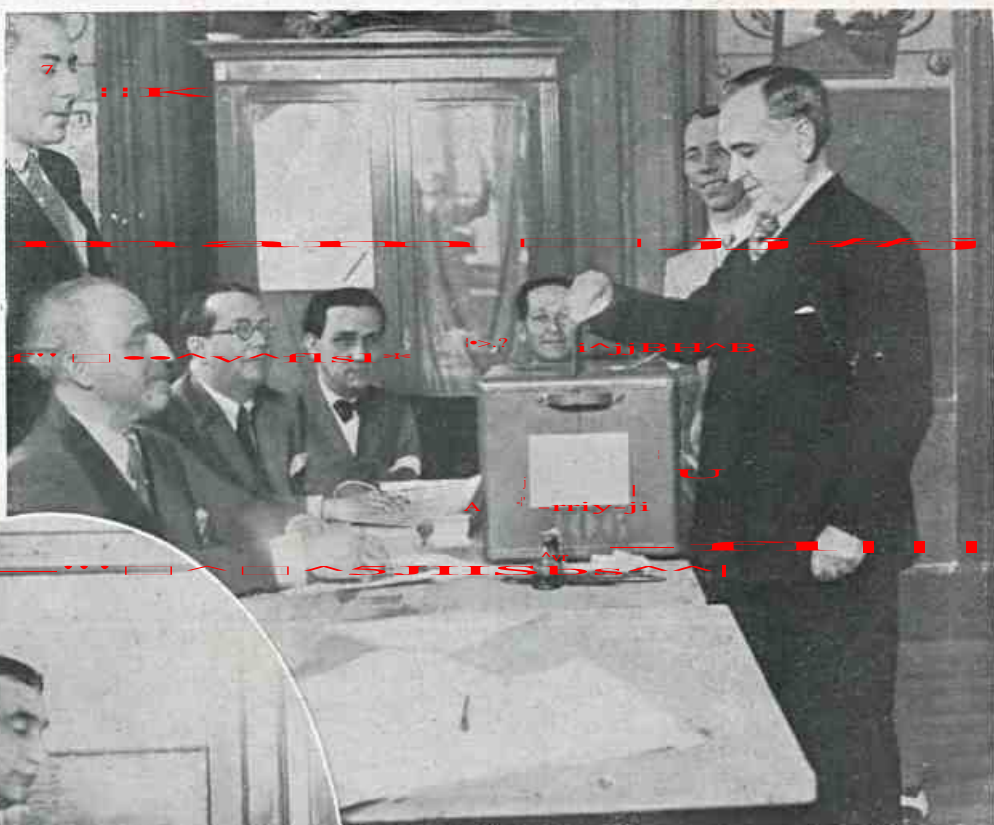
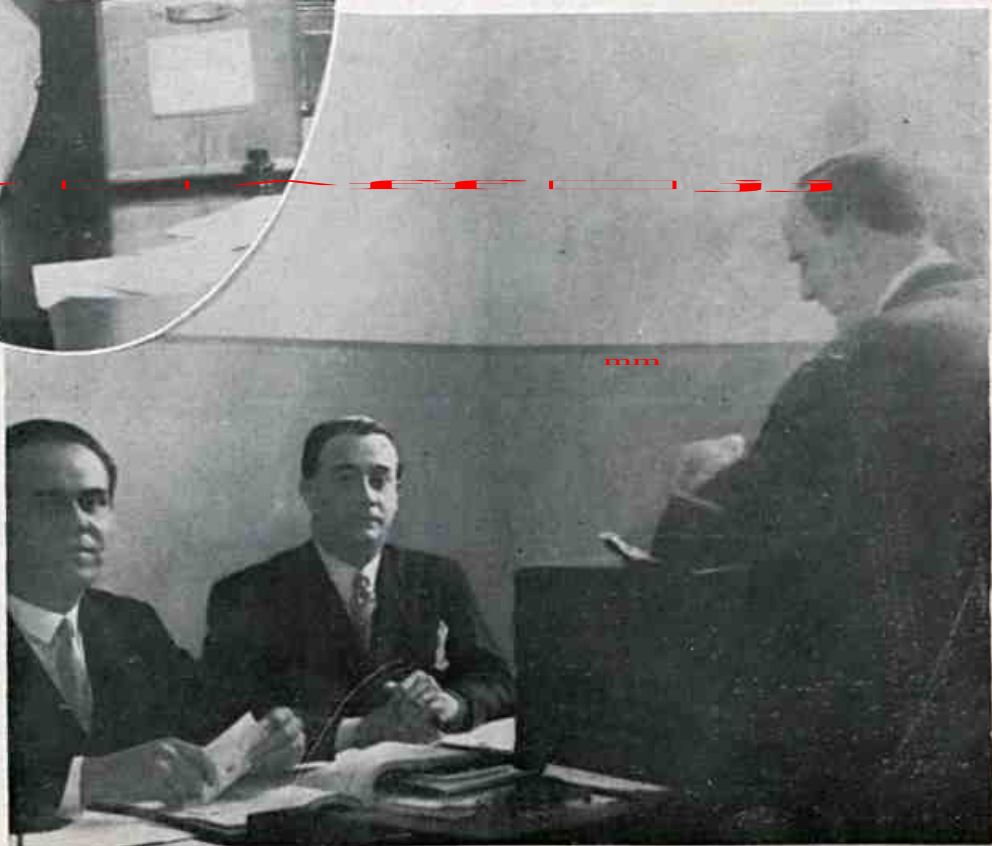
Segundo informa Trucchi, elle será o primeiro a auxiliar os trabalhos de uma expedição, que vá a Matto Grosso com o fim de libertal-o.

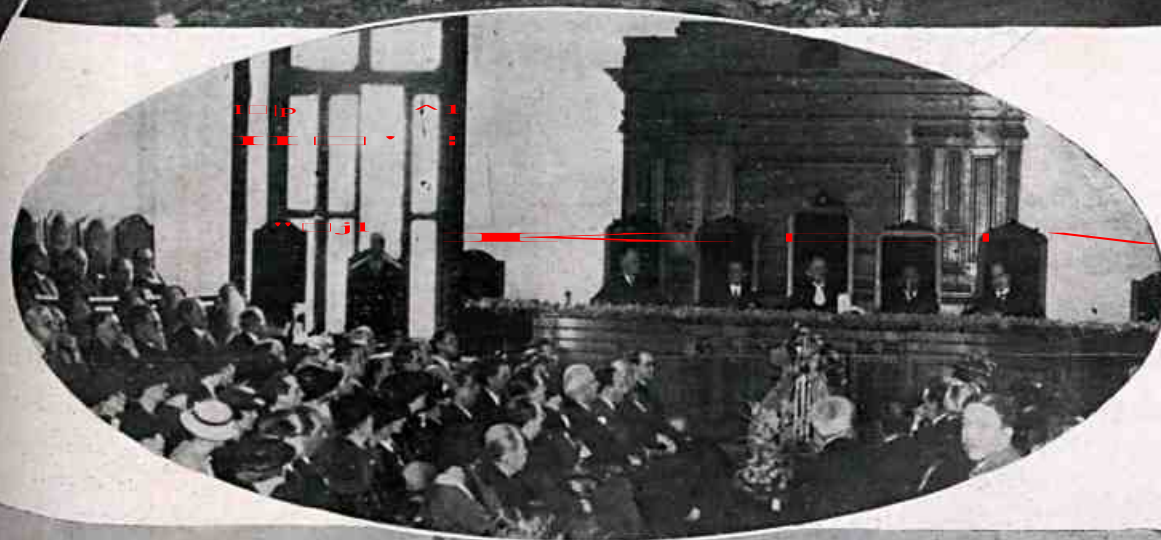
O caçador em questão diz que saberá conduzir essa expedição ao logar certo do seu paradeiro.

E', como se vê, mais uma noticia de Fawcett. Será verdadeira?

LUCIANO

O pleito de domingo passado despertou, nesta capital, o maior interesse, movimentando toda a população eleitoral do Rio de Janeiro para a grande parada civica de 14 de outubro. Mais de cem mil votantes compareceram ás urnas para cumprir o seu dever de cidadão, suffragando os nomes que a sua consciencia ou as suas preferencias ditavam. Foi bello o espectaculo das eleições no Districto Federal, onde reinou durante as mesmas, de par com o mais expres-

sivo enthusiasmo, uma serenidade digna de registo. As nossas paginas focalizam flagrantes do memoravel pleito, vendo-se, ahi, o presidente da Republica, dr. Getulio Vargas, os ministros da Marinha e da Fazenda, almirante Protogenes Guimarães e dr. Arthur de Souza Costa, e o interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto Baptista, um dos candidatos, quando exerciam as suas funcções de simples eleitores.

Francisco de Castro e Aloysio de Castro

Juntamente com o 33.º anniversario da morte do dr. Francisco de Castro, foi commemorado, nesta capital, no dia 11 do corrente, o 25.º anniversario do magisterio medico do professor Aloysio de Castro, tendo sido realizadas varias solennidades em homenagem aos dois insignes mestres da medicina. O professor Aloysio de Castro, continuador das tradições e da gloria paternas, teve, pela manhã, o seu busto inaugurado no Pavilhão Francisco de Castro, annexo a 5.ª Enfermaria do Hospital da Misericordia. Depois, assistiu o illustre scientista á sessão com que a Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro celebrou a grande data. Mais tarde, recebeu a homenagem dos collegas da Academia Brasileira de Letras. A' noite, finalmente, foi solennemente recebido na Academia Nacional de Medicina, que realizou brilhante cerimonia commemorativa de seu jubileu scientifico.

Este galante grupo foi um dos encantos do chá em beneficio do Sodalicio da Sacra Familia, que se realizou sabbado á tarde nos salões do Botafogo Football Club, com a presença de elementos destacados da sociedade carioca.

EXPOSIÇÃO PHILATELICA

No palacio das Festas, situado no recinto da Feira de Amostras, está aberta a Exposição Philatelica Nacional, promovida pelo Club Philatelico do Brasil, e que se apresenta muito interessante. Um dos expositores mais originaes é o sr. Agostinho de Almeida, que expõe trabalhos admiraveis de Pinacotelia, uma nova e curiosa arte, que consiste na confecção de quadros, com o emprego exclusivo de sellos. O sr. Agostinho de Almeida, unico artista no genero, entre nós, assim define a Pinacotelia: «Arte da paciencia, com sello e gomma» — tambem como a denominou o dr. Cicero Peregrino, em 1922. A gravura acima reproduz um dos trabalhos do sr. Agostinho, exposto no certame da Feira de Amostras.

OS GIGANTES

Tem-se discutido muito sobre se os homens primitivos eram ou não de tamanho gigantesco. Sabe-se já que o famoso esqueleto encontrado em Cro-Magnon é de alta estatura e, em 1929, se descobriu em Tournus, no logar denominado Les Ardenéches, em França, esqueletos de 2 metros e vinte centímetros de altura.

O bispo e poeta Sidonio Apolinario, que viveu no século V de nossa éra, dizia que os Burgundos eram em geral muito altos, medindo sete pés, isto é, 2m. e 33 cm.

A descoberta dessas sepulturas na região borgonheza parece confirmar a asserção do bispo-poeta e demonstrar, com effeito, aos scepticos de hoje que esse povo barbaro de raça allemã era um povo de gigantes.

No palco do Rival Theatro foi levada á scena, recentemente, a comedia «Sonho de Carnaval», de autoria do escriptor Walter de Sequeira, que dirigiu os ensaios e a representação da mesma. Ao lado de artistas da Companhia Dulcina-Odilon, tomaram parte na representação de «Sonho de Carnaval» alguns elementos da nossa sociedade, que apparecem no grupo do «clichê», em companhia de Walter de Sequeira.

— AMÔR? Palavras de amôr? Mas, meu amigo, estará você louco?

— Louco? Por que, Hely?

— Amôr, entre nós dois? Não vê que é impossivel!

— A palavra impossivel não existe na linguagem do amôr...

— E o seu estado? Esqueceu que é... Oh! que tortura!

— Casado? Sim, Helly, você bem o sabe... Mas...

— Sei. Vae dizer que está separado, já ha muito tempo...

— Não. Não era bem isso. Ia dizer-lhe que, apezar de casados, o homem ou a mulher, separados por este ou aquelle motivo, não podem, nem devem renunciar aos anseios da felicidade que um novo amôr lhes poderia proporcionar. Porque isso seria renunciar á propria vida, Hely, a tudo que é razão de ser e expressão de belleza e de harmonia da vida humana...

— NÃO me responde, Hely? Este silencio...

— Perdôe-me. Não o comprehendi bem. Estou tão afflicta... Qual é a razão de ser e a expressão de belleza e de harmonia da vida?

— Qual, Hely? Mas, minha filha, é o proprio amôr. O amôr immortal, que é tudo e é nada no infinito das coisas.

— Tudo e nada? Ou será tudo, ou será nada — não o comprehendo de outra maneira...

— Tudo, Hely, porque elle é infinito e eterno, como Deus...

Como Deus?

— Sim, minha filha, porque Deus é o proprio Amôr... E' a suprema revelação do amôr immortal e infinito. E nada...

— E nada?

— Porque todo amôr humano é apenas um pequenino rythmo, uma insignificante palpitação do amôr infinito, principio e fim de tudo na vida...

— Poesia. Romantismo. Em palavras e em sonho, todo amôr é assim. Mas, na realidade...

— Na realidade?

— Como é differente!

DE novo assim calada, Hely? Por que não completou seu pensamento?

— Para que, meu amigo? Entre nós, tudo isso é impossivel.

— Hely, mesmo que eu lhe offerecesse um amôr... espiritual?

— Platonico?

— Não: espiritual.

— Não é a mesma coisa?

— Não. Nossa alma e nosso coração amar-se-ão livremente, Hely...

— Não comprehendo. E, mesmo, vocês, os homens, não amam nunca só com o espirito...

— Escute, Hely...

— Diga, meu amigo, mas não me faça soffrer tanto!

— Soffrer, Hely? Por que?

— Oh! Não me peça que o diga. Tenha pena de mim. Basta...

— Escuta, Hely: meu amôr...

— Não! Não... Vá... De outra vez eu lhe direi. Estou nervosa, agora...

— Está bem, Hely. Obedeço-lhe. Adeus...

— Adeus?...

— Minha filha, como estão frias suas mãos... Hely, deixe que eu as aqueça um pouco nas minhas mãos cheias de carinho para você... Com o meu beijo quente, só seu e só para você, Hely!

— O amôr espiritual... E' esse o amôr espiritual?

— Que tambem deseja, Hely; que, tambem, tem ansia de beijo e de carinho!

— Oh! mas é impossivel! Impossivel...

— CHORA, Hely? Perdôe-me. Vou deixal-a. Não quero vêl-a triste. Nunca mais fal-a-ei soffrer. Adeus...

— Adeus! Sempre adeus! E diz que me ama!

— Então, até logo, Hely... Até quando você quizer vêr-me de novo...

— Está zangado?

— Zangado? Não... Triste, somente...

— Triste? Por que?

— Porque você me nega o direito de amar, de ainda pensar em ser um pouco feliz, amando-a...

— Um pouco, somente?

— Um pouco que, para mim, é tudo... Tudo...

— Tudo?

— Sim, Hely...

— Escute... E se eu, apezar de tudo, o amasse tambem?

— Espiritualmente?

— Como você...

— Como eu? Mas, eu... Não sei bem... Seus olhos são tão ardentes... E sua bôcca...

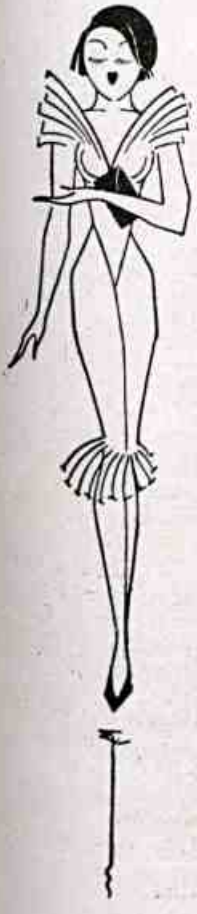
— E' uma "bôcca para beijar"?

— Não brinque, Hely... Ella desafia e tenta o meu beijo... Este beijo...

— Que ella recebe e retribue feliz e contente... porque tambem eu o amo, muito, muito... muito!

— Fazendo-me feliz. Reconciliando-me com a vida, que é bella e infinitamente bôa!

— Quando se ama...

— Sim, quando se ama, como nós...

As Duas Laranjeiras

por Christovam de Camargo

"FABULARIO de Vôvô Indio" é titulo do novo livro de Christovam de Camargo, que a Companhia Editora Nacional lançará por estes dias. Encerra o volume quarenta fabulas interessantes, que fazem rir pela malicia e dão o que pensar pela philosophia. E' do "Fabulario de Vôvô Indio" a pagina que offerecemos abaixo aos leitores do FON-FON.

Alli viviam, na mesma estrada que conduz ao povoado, a suave mãe das laranjas selectas e a outra, uma laranjeira brava, rispida como um asceta, de fructos acidos como a palavra do Evangelista.

Um sapo philosopho, que costumava passear por alli nos bellos dias de chuva, pôz-se a reflectir nos temperamentos, tão differentes, daquellas duas arvores irmãs. E lamentava a sorte da laranjeira selvagem, que não podia ser feliz, a pobre, com aquelle genio que punha todo mundo de pé atraz.

— Uma é amavel, sorridente, pensava. Amiga de todos, está sempre disposta a servir. Não ha quem lhe não queira bem; todos a festejam; é a arvore mimada destas redondezas. Por isso, está bonita e viçosa e os seus fructos, que já começam a amadurecer, serão tão doces que fariam perder a cabeça ás abelhas do Hymetto. Emquanto que a outra, pobre! — não ha ninguem que se lembre de dirigir-lhe uma palavra de affecto. Mas é claro; quem se vae lá metter com um bicho daquelles, sempre carrancudo, respondendo a todas as perguntas por monosyllabos? Nunca ninguem lhe viu os dentes e é mais facil a terra parar no seu gyro do que fazêl-a baixar a cabeça para saudar quem se approxime. Si tivesse de virar laranjeira—do que Deus me livre, que estou muito contente na minha condição de sapo, quereria ser como aquella, a que dá as lindas laranjas selectas...

Isto dizia o sapo com os seus botões.

Foram passando os dias e as semanas, as laranjas civilizadas iam crescendo, ficando polpudas e adquirindo aquelle dourado saboroso, que é um encanto para os olhos e faz prenunciar um encanto ainda maior para o gosto.

As laranjas do outro pé sahiam mirradas; via-se ás leguas que deviam ser azedas e offereciam á vista o amarello esverdeado das pessôas que soffrem do figado.

Um bello dia, umas creanças que passavam pela estrada aproximaram-se da laranjeira sympathica, cumprimentaram-na, fizeram-lhe festas e uma dellas disse:

— Laranjeirinha amiga, meu bemzinho, queres fazer-me um favor? Abaixa um pouco os teus galhos, para que possamos colher algumas laranjas!

A laranjeira sorriu e fez o que desejava a menina.

Dahi a pouco appareceu outra menina com o mesmo pedido.

Ella, com seu genio amavel, não podia recusar.

Veio em seguida um menino, que agarrou numa vara e começou a despojál-a brutalmente das suas fructas.

A' laranjeira, cortêz como era, não ficava bem protestar.

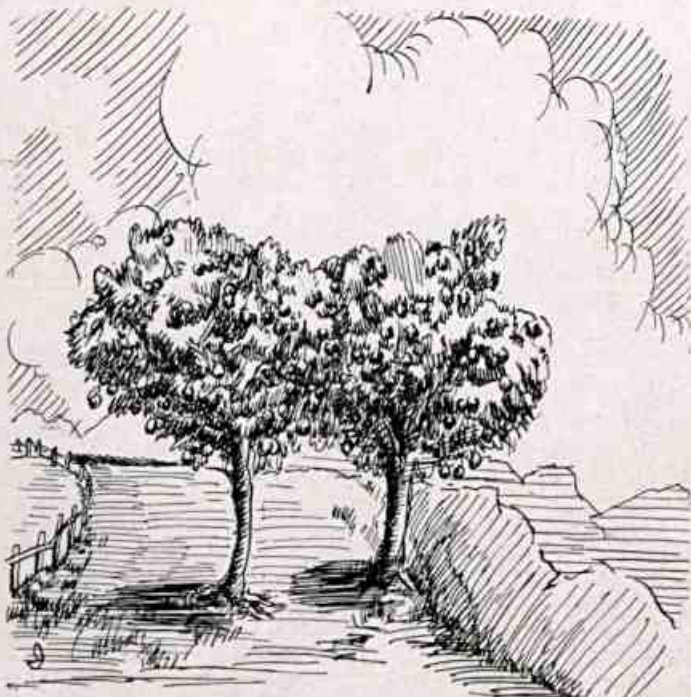
Mais tarde, sabedores da sua gentileza, appareceram uns passaros e supplicaram-lhe deixasse-os installar o ninho nos seus ramos.

Depois, uma virgem, que ia casar, quiz umas flores e o vigario da matriz, todas as folhas de que pudesse dispôr, para juncar a estrada á passagem da procissão.

A laranjeira, incapaz de uma negativa, era a todo momento importunada com novas solicitações. Nunca a deixavam tranquilla; a coitada não tinha um momento de seu.

O sapo, que acompanhava com o maior interesse todas aquellas peripecias, acabou tendo pena da laranjeira sympathica, convencido de que a outra é que sabia viver.

Retrahida, taciturna, não gostavam della, mas deixavam-na socegada. No intimo, ella devia rir-se da sua irmã amabilissima, que só conhecia decepções, ingratidões e enganos.

* * *

Homem [illegible]vel. Queres ser bom? Sê serviçal e bom, o mundo te corteja. E o mundo te escraviza e explora.

O mundo é egoísta; e, si não mudares de modo de ser, acabarás pedindo uma esmola, que todos te recusarão. Sê generoso, si quizeres, mas que ninguem o saiba. Que todos pensem que és mau. Mostra-te aspero e glacial. Todos fugirão de ti. E serás feliz.

Trepações

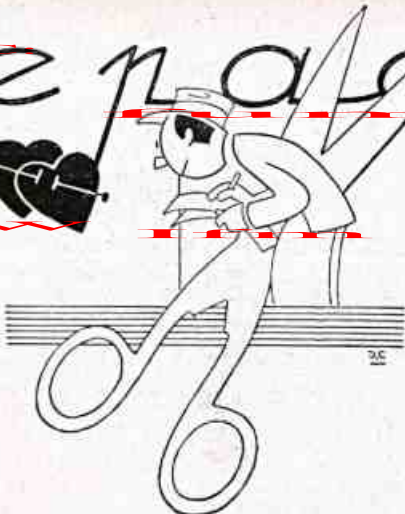
Carlos Eduardo, galante filhinho do sr. Frederico Schmidt, agente do Lloyd Brasileiro em Portugal, e de sua exma. esposa, d. Alzira Schmidt.

Os romances da vida são quasi sempre cruéis. Nós não sabemos nunca fugir das tentações e cahimos fulminados, victimas da nossa illusão. O elegante militar, por exemplo, sabe que não deve alimentar a fantasia de um amor fóra do lar, onde é tão feliz, mas, estando arrastado para outro lado da vida — está inteiramente dominado pela creaturinha loira de olhos da côr do mar.

Ella, solteira, não desconhece a condição social do militar. Entretanto, insiste em dominál-o inteiramente, o que vae conseguindo com incrivel successo.

Seguidamente encontram-se e são vistos em passeios romanticos pelas praias silenciosas da cidade, parecendo mesmo que não fazem questão de ser reconhecidos, pois não usam de cautéla alguma. Caminham despreoccupados, um pelo braço do outro, esquecidos do mundo, vivendo ambos para o seu amor.

Como vae acabar o lindo romance? Não podemos saber. Ainda não existe o divorcio no Brasil para solucionar o caso, sem maior ruido.

Elle está preso e tenta naturalmente uma solução sem provocar escandalo; mas isto é impossivel. Numa cidade onde toda gente se conhece, é impossivel tapar o sol com uma peneira... Ou a loirinha desiste do seu capricho de mulher, ou então elle não terá outro remedio sinão etregar os pontos, sem pousar nas consequencias bôas ou más do seu gesto. E era uma vez...

QUANDO a repartição não havia sido ainda invadida pelo elemento feminino, aquillo era triste, de uma tristeza de apertar o coração. As mesas viviam atulhadas de papeis, e uns velhos servidores

Mára Costa Pereira e o professor Waldemar Henrique — ella interprete, elle compositor das musicas que serão apresentadas no recital que se realizará a 27 deste mez no I. N. de Musica, ás 21 horas. O escriptor Benjamim de Lima fará uma interessante palestra sobre themas amazonicos que inspiraram o artista paranaense. Lendas e toadas nortistas serão tambem interpretadas por diversos cantores de valor.

esbravejavam contra as autoridades, falando mal do governo, que não augmentava os vencimentos, permittindo uma aposentadoria melhor remunerada para um fim de carreira cheia de trabalhos exhaustivos... A politica era o assumpto forçado das palestras na hora do café.

Os processos dormiam, e era tolice qualquer reclamação dos interessados, pois os chefes, desanimados tambem, appareciam quasi sempre na hora de encerrar o expediente, sem ligar grande importancia ao resto. Porem, inesperadamente, houve uma radical transformação nos habitos da repartição.

O ambiente tornou-se menos pesado com a sahida de alguns velhos e a entrada de algumas creaninhas bonitas. O elemento feminino penetrou na repartição e domina pelo numero.

Aquillo até parecia sala de espera, de cinema, sentenciava um servente, esfregando as mãos de contente.

Em vez do pigarro chronico dos velhos, o *frou-frou* suave das sêdas. Em vez do cheiro de tabaco ordinario, o perfume delicioso de Caron...

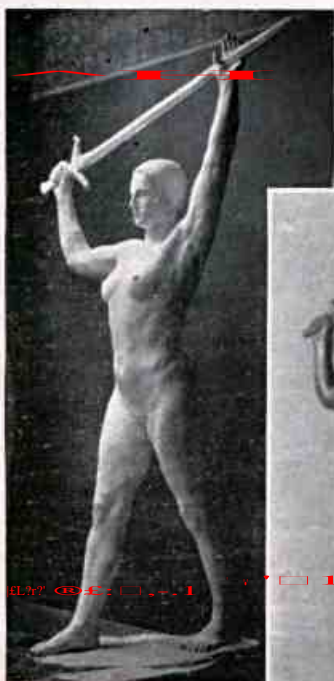
O preto do paletós surrados dos homens, substituido pelas côres berrantes e alegres das toilettes das mulheres.

Para completar a transformação, o chefe renunciou um pouco á força da sua autoridade, e quem manda ali agora, segundo as más linguas, é a dona de uns olhos bonitos... Manda e desmanda, porque o chefe não sabe fazer outra coisa senão obedecer aos bonitos olhos da pequena, e o serviço anda como Deus quer...

Emfim, o servente philosopho tem razão.

Aquillo agora é mais divertido que um cinema, onde as fitas nem sempre são comicas...

O menino Eldio, filhinho do casal Elpidio Coêlho-d. Carolina Werneck Coêlho.

A ESTATUA QUE FOI "VESTIDA"...

FON-FON estampa, hoje, nesta pagina, uma curiosidade que não deixará de interessar a todos os seus leitores. Trata-se de Pallas (Minerva) — obra do esculptor Antoine Vriens, de Bruxellas, actualmente, um dos mais conhecidos dentre os grandes esculptores europeus. Antoine Vriens, em 1929, obteve o «Grand Prix de Rome», e a obra que lhe valeu esta distincção — a maior que se concede na Europa — foi o «Promethéu», — de inestimavel valor. Pois bem; Antoine Vriens concebeu e executou a sua «Pallas», tal como está representada no nosso primeiro «cliché», e que é, incontestavelmente, uma obra de grande pureza de linhas, representando, além disso, um bello trabalho anatómico. Mas, a estatua foi adquirida pela villa de «Uccle», uma das villa de que se compõe a cidade de Bruxellas, e os compradores exigiram que o artista vestisse a estatua! Esse facto, que é verídico, (ahi está a documentação photographica para o provar) passou-se em pleno seculo XX, no coração da Europa, na capital de um dos mais civilizados paizes do mundo! Póde-se imaginar com que pesar o esculptor foi obrigado a «vestir» a sua estatua, que, só então, foi collocada no logar que lhe era destinado — o parque Wolvendael, um dos mais lindos e bem cuidados de Bruxellas.

CARTAS Á MINHA VIDA

DE ODILLON NEGRÃO

NÃO sei quem é Peter Skarakóf. Nunca o vi e ignóro mesmo se elle existe. Mas, apesar disso, eu conheço toda a sua tragedia sentimental, que cheira a Freud e a Thereza de Jesús.

E, como a desgraça alheia é um lenitivo para a nossa infelicidade, vou narrar a mim mesmo o soffrimento, a angústia dilacerante desse Peter fabuloso, que, embóra tenha um nóme exotico, se aclima, perfeitamente, á universalidade das minhas idéas.

Peter Skarakóf, como todo animal bem alimentado, amou uma mulher bonita. Ella era proletaria e vivia nos bairros pobres da cidade, repartindo sua vida entre o trabalho na fabrica e os folguedos semanaes nos bailes exhaustivos. O meu amigo era o homem mais intelligente do mundo! Nasceu para governar ou para ser fusilado. A sua vida tumultuaria não admittia pensamentos médios. Suggeria, de prompto, extremismos desconcertantes.

Mas essa mulher vulgar e rústica encheu-lhe toda a existencia. Sua carne palpitante penetrou-lhe os escaninhos mais reconditos da sexualidade. Peter não reflectia mais, já não sabia pensar em cousa alguma... Entregou-se-lhe. Deu-se-lhe de todo e arrancou essa flôr dos bairros proletarios, para plantál-a na estufa requintada de seu coração de homem predestinado. Era um sonhador!

Peter subiu, galgou posições, festejado sempre e sempre assombrando aos outros homens pelo arrojo de suas concepções e o desgarre de seus pensamentos. A proletaria, porém, não o comprehendia. Não poderia comprehendêl-o jamais. Ella nascêra para viver e morrer no ambiente soturno das fabricas, olhando as altas chaminés que sujavam o azul dos céos com a fumarada do trabalho, e para criar filhos anemicos e fracos e doál-os á ganancia fatalizante da machina. Incommodava-a o fastigio, a ascenção de Peter. E, na sua inconsciencia criminósamente innocente de mulher sem mentalidade, julgava que Peter deveria viver só para os seus desejos, como vivem felizes, os carroceiros, os varredores e todos esses bemaventurados pobres de espirito.

Dois annos após de vida em commum, Skarakóf despertou. Viu a realidade, a dolorósa e miserável realidade, que os homens não podem encobrir, nem desfazer. Pretendeu elevál-a, fazêl-a pairar na mesma altura em que elle se encontrava. Seu esforço foi inútil. Desgraçado!

E' que Peter Skarakóf, como um tigre, se atirára á presa e saciára toda a sua fóme de animal sem cerebro. A carne empolgou-o e elle, para melhor gozál-a, afastou de si o policial vigilante de seu subconsciente, temendo censuras e conselhos. Depois, como o tigre farto, dormiu. Quando accordou, lembrou-se que possuia imaginação. E pretendeu alimentar-se de hervas e frutas... Mas a carne, que sempre fôra carne, não se transmudou, para a sua desgraça, na flôr cubiçada.

Meu pobre e louco Peter Skarakóf! Lamento a sua infelicidade! Sinto tanto a sua tragédia, como si nella (que insania tôla!...) eu estivesse em jogo!

Lá fóra, a garôa paulista lava as ruas e as arvores.

Ah! como eu seria feliz se ella também lavasse a minha alma!...

Em uma das dependencias da Casa Bayer, á rua D. Gerardo, 53, realizou-se, segunda-feira ultima, o 2.º Sorteio de Sympathia que aquelle importante estabelecimento promove em homenagem aos pharmaceuticos do Brasil. E' um aspecto desse acto o que fixa o «cliché» acima.

Carrilhões de S. Paulo

No relogio da igreja de São Bento
Deve morar com certeza
A alma serena e pura
De alguma santa creatura,
A alma bemfazeja de algum anjo, talvez,
De algum monge macilento
Que viveu solitario
A vida inteira, desfiando o seu rosario
Naquelle convento.

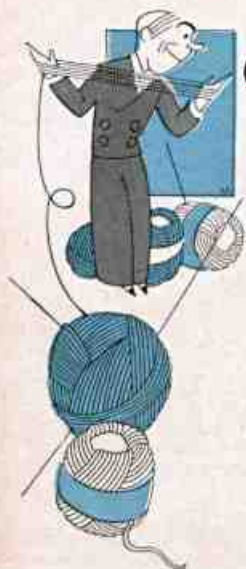
Pois, na hora alegre do meio-dia,
Quando a cidade toda resplandece
Gloriosamente,
Festivamente,
Cheia de gente...
Gente bôa, que ri, que canta, que [illegible]
Que anda depressa, quasi [illegible]
Na alegria de ser util, na alegria
De estar cumprindo algum dever.

Então,
Deante daquelle anxioso perpassar de passos
E de vultos ligeiros,
O relogio da igreja de São Bento
Estende para cima os luminosos braços
— Os braços collossaes dos seus ponteiros —
E, de mãos postas,
De mãos unidas,
Como si fosse um santo,
Fica lá no alto, supplicando bençãos,
Pedindo bençãos para aquellas vidas.

E depois, na hora triste da meia-noite,
Quando a cidade inteira se transforma
Numa grande e sinistra bacchanal
Onde o cortejo fatal
Do peccado, do vicio, do crime e da orgia
[illegible] e tripudia
[illegible] barulhento...

Então, [illegible]
O relogio da igreja de São Bento,
Que tudo vê na luz do lampadario
E que vigia e segue nesse lugubre scenario
A alma da nocturna multidão,
Ergue outra vez os braços para o céo,
E naquelle mesmo gesto sacrosanto,
De mãos postas,
De mãos unidas,
Como si fosse um santo,
Fica lá no alto, cheio de anciedade,
A chorar pela voz dos carrilhões,
Pedindo a Deus piedade, piedade
Para aquelles outros corações...

S. Paulo, 1934.

CLOTILDE de MATTOS

da Mulher para a Mulher

Pannos de CROCHET para a mesa do LUNCH

O *crochet*, trabalho antigo e ha tantos annos desprezado, resurgiu novamente e ganha cada dia mais prestigio. As graciosas toalhinhas para o serviço do *lunch* que se vêm na photographia são facilimas de executar, pois são todas trabalhadas em pontos de laçada e pontos de corrente.

Deve-se empregar linha mercerisada n. 40, branca ou *beige*, e agulha de aço n. 3.

ILZA

ALMOFADA

NADA póde haver de mais singélo do que o desenho e os pontos desta almofada. Entretanto, uma habil combinação de côres dá-lhe um realce inesperado, fazendo della um objecto ornamental.

A fazenda escolhida é o linho crême-perola ou beige claro.

Para as linhas parallelas emprega-se o ponto de cadeia, o ponto de asa de mosca para as linhas em zig-zag, e o ponto cheio para os quadrados dos cantos e as linhas sombreadas.

Bôrde sempre com 6 fios. Termine as cabeceiras da almofada por uma franja de pontas dobradas feita com linha Ancora F. 775 e F. 699 em grupos alternados de 2 1|2 cms.

O diagramma indica as côres e pontos.

Material necessário: 5 meadas de linha "Ancora" F. 796 (côr de ouro pallido); 4 meadas F. 699 (preto); 3 meadas de cada uma das seguintes côres: F. 517 (côr de vinho claro); F. 775 (verde alga); 2 meadas F. 766 (azul da China); 1 meada F. 566 (azul).

Grupo tirado a bordo do «Buenos Aires Marú», no qual viajam os excursionistas brasileiros que foram visitar o Japão. Ao centro, a senhora Kingiri Hayashi, esposa do embaixador japonez no Brasil, ladeada pelas familias J. Fraga, Graça Couto, Ataliba Pires e Galeno Gomes, pela senhorita Clotilde Brito, pelo dr. Carneiro dos Santos e pelo commandante do «Buenos Aires Marú».

POEMA DO MARTYRIO

O sapo nojento e repellente morava lá no fundo de uma lagôa de aguas verdes. Aguas verdes como os olhos tristes das creaturas desesperançadas.

Poeta lyrico das lagôas verdes, o sapo cantava namorando as estrellas. E as estrellas, piedosas e divinas, parece que entendiam sua grande desventura — ser feio.

Era feio. Muito feio, triste e só.

Certa vez, um bando alegre de creanças achou graça na tristeza delle. E elle foi pelo grupo alacre das creanças, em festas, aos risos e aos tumultos, ferido, maltratado.

Arrancaram-lhe as pernas e os braços. Jorrava o sangue rutilo das feridas abertas por chuços e pedradas.

Tiraram-lhe os olhos... os olhos feios olhos que viam coisas tão altas e tão lindas.

E o sapo nunca mais poude ver no azul o ballado lithurgico das estrellas...

* * *

Soffreu muito. Certa noite, as estrellas choraram. Subiu, pelo azul, um grito longo...

Synthetizando a dôr de uma injustiça, o ai do sapo perdeu-se no infinito...

PAULO FREITAS

Baixo relevo da estatua da princeza Izabel, em Juiz de Fóra, obra de Humberto Cozzo. A idéa do monumento, hoje uma formosa realidade, foi do jornalista e escriptor Raul de Azevedo.

POEMA DA MINHA VIDA...

Você... poema de minha vida...

Orlando com suas flores de ternura e de suavidade o quadro amortecido e sombrio de meu destino, onde minh'alma se desenha genuflexa ante o altar do seu amôr...

O meu amôr... poema que se não descreve... sem palavra... Silencioso... *"N'est-ce pas le silence qui determine, et qui fixe le saveur de l'amour? S'il etait privé du silence l'amour n'aurait ni gout ni parfums éternels... Il n'y a pas de silence plus docile que le silence de l'amour: et c'est vraiment le seul qui ne soit qu'à nous seuls..."* Maeterlink glorificou o silencio no amôr...

Eu glorifico meu amôr no silencio...

O amôr floresce no silencio...

A saudade desabrocha na solidão...

Saudade de você... Meus lábios se entreabem murmurando uma canção sem rimas... sem estylo... Uma canção para você...

Poesia do sentimento, que não conhece regras... Espontanea, sincera... Rosas de ternura que se esfolham, fragmentos de sonhos que esvoaçam, adejam no espaço infinito da chimera...

Chimera... Fantasia... Miragens que nos acenam e nos conduzem ao reino do amôr...

Amôr... Recordação... Lembrança... Seu vulto amado. Olhos melancolicos e sombrios feitos de inquietude e de ansiedade... Parecendo buscar alguma coisa perdida em longiquas e infinitas paragens.

Nostalgia, nevoas brincando no fundo negro de suas pupillas. Angustias, receios unindo meus labios...

O nosso amôr... o nosso sonho...

Um raio de Esperança resplandecendo no seu olhar... um retalho de certeza que minha voz revela... Felicidade...

MARIÚCHA

Aspecto da manifestação que os funccionarios da Recebedoria da Prefeitura do Districto Federal prestaram, ha dias, ao seu chefe, sr. Joaquim de Barros, por occasião do seu anniversario natalicio.

A serviço de FON-FON, acaba de embarcar para a Europa, onde desenvolverá sua actividade, o sr. Belmiro de Sousa Sobrinho, cuja photographia vae aqui reproduzida.

O FILHO DE KING KONG

(Son of Kong) — Producção da RKO-Radio — com Robert Armstrong, Helen Mack e Frank Reicher

Quando "King Kong", o gigantesco simio, foi morto na cidade de Nova York, a sua morte foi a causa da ruina financeira de Carl Denham, o homem que o capturara. O principio desta historia mostra-nos Denham partindo novamente com o capitão Englehorn, afim de refazer a sua fortuna.

Em Java, Denham trava relações com uma linda garota que trabalhava num circo, Hilda Peterson, cujo pae fôra assassinado por Helstrom. Ella se apaixona por Denham e se esconde a bordo do navio.

Em terra Denham e Englehorn se interessam por Helstrom, quando este lhes conta uma historia referente a diamantes escondidos na ilha Skull, a qual elles decidem visitar.

Helstrom, no emtanto, incita a tripulação á revolta, contando-lhes historias espantosas sobre marinheiros mortos por monstros prehistoricos que habitavam a ilha.

Denham, a moça, Englehorn e Charlie, o cozinheiro chinez de bordo, deixam o navio num pequeno barco, recolhendo em caminho Helstrom, que fôra jogado de bordo pela tripulação.

Os nativos se recusam a deixal-os desembarcar na aldeia e os aventureiros saltam em terra, numa enseada desconhecida. Alli, num antigo templo, elles encontram o Filho de King Kong, simio gigantesco, lutando pela vida na areia movediça. Denham salva o quadrumano, derrubando uma grande arvore através o charco. O macaco salva-se, e logo combate contra um grande urso. Carl, trata-lhe da mão ferida, depois de ter conquistado a victoria.

E quando o grupo é atacado por um triceratops, o filho de Kingo Kong, agora amigo de Denham, vence o reptil, numa luta espectacular.

Mas tarde Carl entra no velho templo, e com a ajuda do simio levanta uma enorme prancha de pedra. Debaixo, encontra o thesouro occulto de uma civilização já desapparecida — diamantes tão grandes como o Kohinoor!

Denham volta ao acampamento com boas noticias. Mas a alegria que estas proporcionam dura pouco tempo, pois um terremoto se manifestára na ilha, desmoronando-se o templo e abalando-se a montanha.

Denham, estupefacto, observa que o Filho de Kingo Kong fica a seu lado, quando ella vê cortada a sua retirada; no emtanto, os outros correm em direcção ao barco.

Helstrom, covardemente, tenta abandonar os fugitivos, mas uma grande serpente maririnha se levanta para desapparecer com elle. A moça, o capitão e o chinez, emquanto isto, se afastam rapidamente.

Abalada com o terrivel terremoto, a ilha começa a desapparecer sob as aguas. O Filho de King Kong e Denham trepam no cume da Montanha Skull, agora um ponto perdido na immensidade das aguas. O monstro levanta Denham com uma das mãos, trepando no ci-

(Conclúe na pag. 50)

Da PARAMOUNT — **DADA EM PENHOR** — (Little Miss Marker)

com *Adolphe Menjou, Dorothy Dell e Charles Bickford*

INUTILIZADA a sua "machina" pela resolução legislativa que acabou com a prohibição, Big Steve, um malandrão de Broadway, está agora applicando a sua technica, macia mas efficiente, na exploração dos *book-makers*.

Elle é o chefe de um grupo de jogadores que ganham o seu dinheiro apostando em "Dream Prince", o cavallo de Steve, mas o pobre animal já pouco vale, e se o inscreverem para outra corrida, morrerá com certeza.

O grupo de Steve arranja uma nova corrida em que "Dream Prince" figurará, desta vez como perdedor, e Sorrowful Jones, o mais sovina, o mais miseravel e desataviado de todos os "brokies" de Broadway, acceita uma aposta a que serve de garantia Markie, uma linda menina de cabellos encaracolados. O pae que a deu em penhor, não apparece porém a reclamál-a, e Sorrowful a leva ao "cabaret" de Steve, onde ella tem occasião de conhecer todos os membros da quadrilha.

Em cada um delles, o seu espirito ingenuo, nutrido das fantasias das lendas do Rei Arthur, vê um nobre fidalgo e a todos ella distribue titulos os mais pomposos. Dispostas as cousas para a ultima corrida em que "Dream Prince" deve tomar parte, Steve lança mão das joias da sua amante, Bangles Carson, e dá-as em penhor a Sorrowful para arranjam mais dinheiro com que possa apostar. Ao mesmo tempo vem-se a saber que Steve foi suspenso pela associação dos jockeys pela sua actuação illicita no hyppodromo, e que o pae de Markie se suicidou.

Os parceiros de Steve resolveram então registar Markie como dona de "Dream Prince", mas quando a levam a vêr o cavallo, ella se apaixona pelo "nobre corcel".

Steve vae a Chicago collocar as suas apostas, e Sorrowful, sabendo que a policia anda procurando a menina, deixa-a na companhia de Bangles. E por que ambos igualmente amam a menina, aproxima-os num laço mysterioso que não tarda a converter-se em amôr.

Markie depressa apanha os modos e expressões da quadrilha e perde a sua fé nos cavalleiros e nas damas das lendas do Principe Arthur. Bangles pede aos companheiros de Steve que façam uma mascarada, apresentando-se como os cavalleiros da Tavola Redonda, a vêr se assim impressionam Markie. Mas a garota ri-se dos disfarces delles e não se apercebe do espirito da mascarada senão depois que "Dream Prince", o "nobre corcel", é introduzido no local. Então começa a crêr de novo no seu mundo de fantasias e pergunta, indicando o cavallo: "E' meu para sempre?" E Bangles acena que sim com a cabeça.

De regresso de Chicago, Steve interrompe a reunião e assusta o cavallo. Markie é cuspida fóra, e recebe graves ferimentos. No hospital, os medicos declaram que só uma transfusão de sangue lhe salvará a vida. Muitas pessôas generosamente se offerecem para esse acto de philantropia, mas nenhuma tem o typo de sangue adequado.

Steve, que foi ao apartamento de Bangles descobre as joias restituidas, e convencido de que elle e Sorrowful o tem explorado durante a sua ausencia, corre ao hospital, resolvido a matar o "book-maker". No hospital tomam porém Steve por outro

(Continua na pag. 50)

A princeza das Czardas

OPERETA DE EMMERICH KALMAN

com

MARTHA EGGERTH

e HANS SOHNKER

Foi quando patinava, no bosque, onde se reunia para se divertimento toda a jeunesse dorée de Buda Pest, que elle a encontrou pela primeira vez, aliás em companhia do seu amigo, o conde Bonifacio Kons-[illegible], que aliás fez tudo para que depois os dois jovens se separassem, um tanto brus-

camente. Por isso o principe Edwin von Weylersheim ficou desolado por não poder continuar a conversar com Sylvia Valescu. Naquella mesma noite, porem, voltou a vel-a, e a ouvil-a, pois que Sylvia é a primeira estrella de uma companhia de operetas, e foi no palco que ella tornou a surgir aos olhos delle, por signal que mandou elle vir um carro cheio de flores para juncar o palco! E isso, se lhe valeu um agradecimento e depois uma doce entrevista com Sylvia, lhe custou tambem ter de ir no dia seguinte para as manobras, pois que o seu coronel se indignou com o "escandalo". Mas Edwin promettera a Sylvia que a veria no dia seguinte, ás duas horas, no banquete que lhe ia ser offerecido... e á hora marcada lá chegou, contra toda a disciplina militar. Com isso obstou elle que Sylvia fosse para a America, pois que um emprezario americano acabára de contractal-a, e ella não assignára apenas pela certeza agora do amor de Edwin.

Quem não ficou satisfeito foi o conde Bonifacio, o Boni, como todos o tratavam. E o coronel, sendo amigo do principe pae de Edwyn, achou que devia prevenir este, mesmo porque sabia elle que o amigo queria casar o filho com a condessinha Stasi von Planitz. E o velho principe foi procurar o seu amigo, conde Feri, emprezario do Orpheum, onde cantava Sylvia, a "Princeza das Czardas", como a appellidavam, por saber que o filho iria lá. Lá estavam com o emprezario, Sylvia e Boni, e como o principe entrasse no momento em que Sylvia abraçava o conde, contente porque ia ver Edwyn, o fidalgo suppoz que se tratava da esposa do seu amigo conde, e os dois não tiveram coragem para desmentir. E o velho principe abriu-se com a supposta esposa do seu amigo, para pedir-lhe que desse conselhos ao seu filho, para não se deixar levar por... uma artista! E pouco depois, quando chegava Edwyn, Sylvia sabia indignada por ter sabido que o rapaz era noivo da condessa Stasi! Não sabia ella que pae e filho haviam tido uma discussão, em que Edwyn jurava que não se casaria com aquella que queriam impor. Mas elle vae ter com ella, no theatro, e tudo explicava, quando chegou a ordem de embarque immediato para Vienna!

Passaram-se dias sem noticias delle. Por outro lado o conde Feri, emprezario, procurou dissuadir Sylvia daquelle amor. Disse-lhe a differença de classe, contou-lhe a impossibilidade de viverem juntos; elle mesmo se casára com uma artista, e trez mezes depois ella se via obrigada a deixal-o, essa Mathilde que elle tanto amára... E convenceu-a de ir para a America, com a com-

(Conclue na pag. 50)

A PRINCEZA DAS CZARDAS

CONCLUSÃO

panhia, partindo todos para Vienna. Foi no Grande Hotel... Nos salões nobres da casa havia festa. Ia ser annunciado o noivado do principe Edwyn com a condessa Stasi. Foi quando chegaram os da companhia, e Boni com elles... pois que não deixava Sylvia. Boni veio a encontrar-se com a condessinha Stasi, aliás em condições especialissimas, e resultou que os dois começaram a comprehender que... se amavam! Mas o velho principe que vê Sylvia, fica contente por estarem alli os amigos de seu filho, e os apresenta. De novo, frente á frente Sylvia está indignada por saber que vão annunciar o noivado de Edwyn. Quer partir. Boni que se resolveu partir com Stasi, é quem acaba tecendo as coisas de modo que os dois se reconciliam. Mas ha a objecção dos paes do joven principe, e quem consegue por tudo a limpo é o conde Feri, o emprezario, que reconheceu na velha princeza, a esposa que delle se divorciára, essa Mathilde que até então escondêra ao esposo a sua verdadeira personalidade de artista de revista...

Miriam Hopkins, da Paramount.

O FILHO DE KING KONG

(Conclusão)

mo da montanha que lentamente desapparece circumdada pelas aguas. O barco com os seus trez tripulantes horrorizados, se aproxima e o Filho de King Kong, ultimo da dynastia dos King Kong, desapparece para sempre depois de salvar Carl Denham.

E o romance deste e da moça, segue afinal o seu curso calmamente.

DADA EM PENHOR

(Conclusão)

voluntario e descobrem que o seu sangue é do typo desejado.

O sangue de Steve salva Markie, e Sorrowful, muito embora o arruinem as apostas perdidas, destróe a bola do ping-ping, o que evitará a morte do corcel de Markie.

Quando Steve sae da sala de operações, fulo de raiva, Sorrowful vae ao seu encontro, disposto a enfrentar a cólera do jogador, mas Steve, feliz de ter salvo a vida de Markie, generosamente offerece desapparecer para que Bangles e Sorrowful possam casar-se e ser felizes.

Um poeta capichaba

HA uma verdadeira orgia de côres e de rythmos nos escriptos do lyrico scintillante — joalheiro da phrase — que aprisiona no seu cerebro extraordinario as labaredas do infinito.

Grita nelle o barulho das cachoeiras brancas, saltando dos pincaros longinquos das montanhas altivas.

O estylo do vibrante poeta reflecte a grandeza dos panoramas brasileiros.

E' um passaro de vôos largos e afoitos.

Escrevendo em uma prosa luminosa e rythmica, onde ha beijos de estrellas e symphonias de flores, é um lyrico de alto merecimento.

Estou referindo-me a Saul de Navarro.

Saul póde ser considerado, sem nenhum favor, um dos bons escriptores do Brasil.

A prosa sae-lhe da penna de ouro como um cantico. E' uma caricia para os ouvidos. Recebendo a inspiração divina, faz com que os vocabulos brotem do infinito, numa gloriosa floração de harmonias e de suavidades.

Delicioso ler-se um livro do artista primoroso para sentir a volúpia dos rythmos e dos perfumes!

Ha uma belleza grandiosa e sideral nos vôos da sua imaginação prodigiosa.

Brincando com as estrellas nas noites silenciosas e lindas, vive aureolado pela luz da eterna belleza.

E' uma festa para o espirito acompanhar-se o escriptor nas suas fugas longinquas de ave liberta para se gozar a volúpia das grandes alturas.

Guardando um mundo de scentelhas no cerebro de poeta, Saul Novarro assombra pela potencia da sua imaginação.

[illegible] para a amplidão. E' a amplidão que vibra em todos os seus escriptos, parecendo existir no espirito do brilhante poeta capichaba a capacidade das agulhas magnéticas na attracção das luzes infinitas.

O Espirito Santo, pequenino em territorio, tem, no autor de "Poemas Titanistas", grandeza prodigiosa e imponente.

Sob a luz brasileira do Cruzeiro do Sul, nas noites suaves de silencio, é uma caricia para o espirito a leitura dos poemas sagrados e deslumbrantes — lindas paizagens coloridas pelo poeta. Vulto de relevo na litteratura nacional, Saul de Navarro é um dos maiores poetas capichabas.

PAULO FREITAS

VERDADE OU MENTIRA ?

DE LUISA SAVOY

A verdade,
ás vezes é tão triste,
tão ferina, tão má,
que a gente, nem sempre,
lhe resiste!

Ha verdades tão duras
e mentiras tão bonitas!

Fica-se até na indecisão,
Si mais convem entristecer um coração,
com uma verdade dura,
impiedosa,
ou dar-lhe a illusão da suprema ventura,
numa linda mentira côr de rosa!

COVARDIA

COM trajes azues, brancos e rosas as meninas loiras ou morenas conversavam a meia voz, sob a galeria.

— O que mais me encanta em um homem é a coragem! — declarou, de repente, a sympathica Elisa.

— Oh! Nestes tempos — contestou a outra — com nosso modo de viver tão facil e tão isento de perigos, a coragem é uma das coisas menos uteis! Vocês acham ainda necessario para um homem o ser valente em nossa época?

— Absolutamente necessario! — replicou Elisa, em tom convencido. O ser covarde é, ainda hoje, graças a Deus, muito vergonhoso para os homens e tambem muito prejudicial.

— E em que?

— No que elles mais procuram: um bom casamento.

As meninas azues, brancas e roseas adivinharam um conto. Avançaram curiosamente suas cabeças morenas, louras e castanhas. Sem maiores preliminares, Elisa começou:

— Ha um anno, me compromettí com Paulo Marinval, que, apesar de ser bom rapaz, rico e elegante, não me agradara de todo. Por outro lado, Marinval, possuidor de uma grande fortuna, havia vacillado longamente, porque entendia que meus cem mil francos não eram um grande dote. Não sabia que minha tia Euphrasia, viuva e millionaria, muito caseira, timida e até medrosa apesar de seu talhe de gigante e dos bigodes que adornam sua cara — não sabia que minha tia Euphrasia, encerrada em sua propriedade do Berry, guardava sua fortuna para mim.

"Meu pae, porém, desejoso desse casamento, não poude deixar de revelál-o a Paulo, e este, logo que soube disso e mais que minha tia viria, a despeito de seu terror panico pelo trem, assignou meu contracto de casamento, formulou seu pedido, e meus paes, sem ter em conta minhas objecções, o acceitaram. Nesse tempo viviamos na quinta a vinte minutos da estação. Minha tia Euphrasia chegaria no sabbado e Marinval no domingo, pelo expresso.

* * *

DECORREU o sabbado e ficámos sem noticias. Domingo pela manhã, á hora do expresso, perdida a esperança de que chegasse minha tia, só esperavamos meu futuro esposo, quando parou deante da quinta um carro de aluguel e delle saltou minha tia, pállida, tremula e com os cabellos quasi em desalinho. Vacillando, atravessou o jardim e foi cahir sobre o sofá da sala. Tivemos que fazêl-a tragar cinco colheradas de agua medicamentosa para que ella viesse a recobrar o uso da palavra.

— Ah! minha querida Elisa! — exclamou, por fim. — Acabo de escapar ao mais espantoso dos perigos. Como eu tinha razão de temer essas viagens em trem! Que terrivel situação! Ainda sinto a pelle de gallinha e suores frios por todo o corpo! Vocês acreditam que me vi sózinha num wagon com um louco, durante uma hora de viagem sem parada em nenhuma estação?

— Um louco?

— Sim, um louco! Perdi o trem no sabbado e esta manhã pude tomar o expresso. Os compartimentos para senhoras sós estavam completos e eu tive que subir a outro. Escondida a um recanto, com um véo bem tapado que me cobria o rosto, fazendo-me o menor possivel — o que não é muito commodo — ia dar graças a Deus por estar só, quando, no momento em que soou o apito da partida, um senhor se attira dentro do compartimento. Fechada a portinhola, o trem começou sua marcha.

"Não tardei em me certificar de que meu companheiro de viagem não gozava de todas as suas faculdades mentaes.

"Percorrendo as noticias de seu jornal, lançava, de quando em quando, para mim, olhares furtivos e desconfiados. Esse mal-estar durou mais de uma hora. Fiz um movimento para melhor acommodar-me em meu assento, e o viajante, inquieto, atirou bruscamente seu jornal ao chão.

"Quando, afogando-me de calor, procurei tirar as luvas e pôl-as em meu bolso, elle tambem revolveu seus bolsos com agitação. Quando levantei meu véo, foi presa de um tremor epileptico, levantou-se bruscamente e, apontando-me com o revolver que acabava de puxar, os olhos perdidos, a voz estrangulada, se poz a balbuciar:

"— Já sei quem é vocé, miseravel!

De Carlos Foley

nova! Si fizer um gesto antes de chegarmos á estação, mato-a como a um cão! Previno-lhe de que acerto no alvo a trinta passos!

"Fiquei estupefacta, dura de espanto. Nem siquer tive a força necessaria para levantar o braço e tocar a sineta de alarme. Dez minutos, e elle me teria morto.

"Afinal o trem parou. Nesse momento o louco levantou sua arma. Não sei como fiz para abrir a portinhola, saltar na gare, correr á sahida e precipitar-me num carro."

Minha tia acabava de fazer a sua narrativa quando a campainha da porta soou. Era Paulo Marinval. Deixando meus noivos com minha tia, desci ao jardim.

— Chego atrazado — foi me dizendo Paulo, com voz entrecortada — e ainda se vê você emocionado pelo terrivel perigo que acabo de correr! Não leu nos jornaes de hoje que um bandido que escapou á justiça, viajando no expresso de Lyon, entrou em pleno dia a assassinar uma senhora?

— Sim, li-o — respondi. — E que ha?

— Pois esta manhã no wagon me vi frente a frente com esse miseravel.

— Será possivel?

— Exactamente como lhe digo. Primeiramente confesso que não sou desconfiado, não tive suspeitas, porque o infernal criminoso tivera a precaução de disfarçar-se de mulher. Envolto em sua capa, conservava um espesso véo sobre o rosto. Mas, emquanto lia meu diario, no qual precisamente se davam os pormenores necessarios para identificar o individuo, verifiquei que a viajante possuia um talhe de gigante. Tirou suas luvas e vi mãos de homem. Em eguida, o infame levou as mãos ao bolso, indubitavelmente para tirar seu punhal de assassino ou sua corda de estrangulador. Mais depressa do que elle, lancei mão de meu revólver. Essa attitude resoluta o desconcertou completamente, e elle commetteu a insigne torpeza de levantar o véo que lhe cobria o rosto: o imbecil se esquecêra de raspar o bigode! Já não podia haver duvida: era elle. Apontei minha arma contra elle e o ameacei de fazer-lhe fogo ao primeiro movimento que fizesse. Minha atitude fêl-o empallidecer de espanto e não mais se moveu. Logo que o trem parou, abriu a portinhola e desappareceu por entre a multidão. E eis o que me atrazou. Fui até á delegacia prestar declarações, e espero que a policia não tardará em prender esse miseravel.

— Está preso — respondi, procurando conter minha vontade de rir — e só esperam você para a devida acareação.

* * *

"Sem outra explicação, conduzi Marinval, estupefacto, até a sala onde se achava minha tia. Depois de ter aberto a porta, entre minha tia, rija de horror sobre o sofá e o joven cravado de estupor á porta, fiz a apresentação rindo-me ás gargalhadas:

— Tia Euphrasia, seu louco! Senhor Marinval, seu assassino!

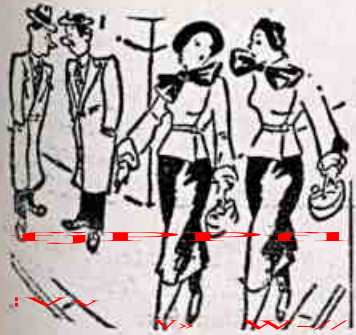
Imaginem que scena theatral! — ajuntou Elisa.

Minha tia, que houvera desculpado a Marinval o têl-a aterrorizado, nunca poude perdoál-o de havêl-a confundido com um homem — e que homem!

O noivo presentiu explicações difficeis e o dôte mutilado. Preferiu tomar as de Villa Diogo. Não lhes contarei como regressou á estação, porque me esqueci de acompanhál-o. E foi assim que, sem o menor sentimento, escapei, não ao perigo, mas á humilhação de casar-me com um covarde!

E azues, e brancas e roseas — todas as meninas approvaram com suas cabecinhas morenas, louras ou castanhas.

Elisa concluiu, triumphalmente:

— Vêem vocês que para um homem, mesmo na época em que vivemos é nocivo e vergonhoso não ser valente!

— Quem as vê, pensa logo que são duas irmãs.

— E não são duas irmãs?

— Não, homem, são trez; a outra está em casa...

LITERATURA ESTRANGEIRA

NO livro "Verde Vóz", que acaba de publicar o sr. Felix Ros, poeta hespanhol, as figuras apparecem recortadas, os themas traçados a esmo, como se tivesse o seu autor o fim preconcebido de obter precisão e clareza, de modo simples e subtil.

A's vezes, sobre as coisas que desfilam em seu livro, se projecta uma luz com toda a sua realidade: é a luz do poeta engenhoso que prefere definir, para depois fascinar.

O livro foi obra escripta mais para quem deseja pensar:

"Para qué los venenos, si las rosas?
y para qué la muerte, si la vida?
Si el rodar es ajustarse, en cuantas [cosas!
buscas la cantidad de tu caída
en la nada? Si el césped vive en losas,
para que césped? Esta misma huida
este temor, esta inquietud, si el barro
mismo no da para tan cruel desgar- [rol"

E seu livro borbulha de perguntas como essas. Outras vezes, se distrae em descripções em melhor estirpe:

De PLINIO MENDES

"Está la tarde agujereada
de estrellas comenzando. El canto [triste
del silencio se esfría en la cañada.
Vuelven del campo. Qué pulmon asiste
al frío y al cantar de enamorada
de la doncella en flor que el aura [viste?
Jarras de fuentes en la cadera [apoya
en las olas del trigo tumba y boya."

Outros poemas, como, por exemplo: *Ariadna*, accentuam o sabor acre da realidade, que nunca falta em todo o livro, si bem que aqui alli mais attenuada:

"Te mueres y la vida no se pondrá [de luto.
Los niños pescan astros, lanzando [sus cometas
el verde se cotiza como nunca en [las redes."

Ao acabar a leitura desse lindo livro que é "Verde Vóz" seguramente deve ficar em nós uma vibração sonóra. Não é livro para os ouvidos, em para os olhos, mas sim para o pensamento.

Temos que ver, sem o querer, que é notoria a differença entre essa especie de poesia, a que chamaremos erudita e a popular, que o filho do povo canta para o povo, em versos sentidos, graciosos, mas sem essa singular genialidade de Felix Ros.

De facto, a arte desse poeta, que nem siquer conhecemos, logrou alcançar, na poesia, as mais altas expressões!

O TUMULO DE RONSARD

— Proximo a Tours acha-se o mosteiro de São Cosme, admiravel reliquia architectonica, que, ao par do seu inestimavel valor artistico, serve de tumulo ao celebre poeta francez Pierre de Ronsard.

Em 1925, a Sociedade Protectora da Arte Franceza adquiriu a parte mais formosa daquelle edificio historico, pois todo elle estava nas mãos de gente pouco respeitosa ás tradições.

Pouco tempo depois, iniciaram-se as obras de restauração, reconquistando-se, devotamente encantadores vestigios do côro, lindos capiteis e outras maravilhas.

Graças a esses trabalhos, foi encontrado o tumulo do poeta. Em 27 de setembro de 1932, dois operarios, removendo á terra descobriram alguns ossos humanos no recinto do côro. Foi feita uma minuciosa busca afim de se verificar si se tratava ou não dos restos mortaes de Ronsard. Continuou-se com as escavações e, ao segundo dia de pesquizas, appareceu um esqueleto.

O doutor Robert Raujard analysando o craneo, comparando-o com os detalhes da mascara do poeta, achando nos ossos vestigios do arthritismo rheumatico, que lhe occasionou a morte, e ajudado ainda por certos pormenores relativos á dentadura, poude affirmar com toda a segurança que o esqueleto em questão era o do admiravel artista.

No dia seguinte, junto ao muro do jardim, foram enterrados os despojos.

AMÔR

O amôr é essa alegria enorme que eu sinto quando te vejo... E' a agradavel sensação de ouvir a tua vóz de longe mesmo nos dias que passo sem te ver.

O amôr é essa saudade linda de alguem que se quer bem, saudade que torna a minh'alma emotiva e sentimental, triste e nublada como um dia de frio, como um dia sombrio de inverno intenso...

E' o sol das tuas caricias; é a volúpia do teu e do meu olhar reflectindo toda a exaltação do nosso desejo...

E' aquelle doce "frisson" que nos causa os beijos que trocamos; é a ventura de crêr no que tu dizes; é a tortura de duvidar de ti; é a doce amargura de um rompimento, é tudo aquillo tão deliciosamente bello, que só sabemos sentir e não explicar...

E' ainda, o rosario infinito da nossa ternura; é a oração sublime do silencio nas horas em que longe um do outro tão perto estamos pelo pensamento!

E' a loucura dos momentos que vôam, que se escoam céleres ligeiros como o vento quando estamos juntos...

E' um pequenino nada e é tudo por que o amôr, meu amôr, é — o Amôr!

A MIRA

A NOVA MÃE

RICARDO VANE acabou o trabalho daquelle dia, soltando um suspiro de allivio. Reuniu uns tantos papeis, e, depois de os prender com um alfinete, collocou-os cuidadosamente em uma cestinha que tinha a um dos cantos da secretaria. Então, puxou o relogio. Eram quasi seis horas. Tinha que se barbear, vestir-se e ir jantar no club, antes de ir ver Marion. Mas primeiro que tudo...

Foi ao telephone e pediu ligação para sua casa, que era situada em uma das povoações proximo da cidade.

Respondeu-lhe a governante, a senhora Meckers.

— Ha alguma novidade? — perguntou, emquanto esboçava uns riscos com o lapis azul que tinha na mão.

Tinha por costume não dizer quem era que falava. Se a senhora Meckers não lhe conhecesse a voz, depois de estar cinco annos ao seu serviço, peor para ella. Sempre falava para casa, quando não ia jantar.

— Como está Ricardo?

— O menino? Muito bem! Está agora no banho.

— Perfeitamente. Dê-lhe um beijo de minha parte e diga-lhe que lhe desejo bôa noite. Irei vêl-o quando voltar para casa. Como? Um pouco tarde. Até logo!

E Ricardo pae dependurou o tubo do telephone, emquanto Ricardo filho sahia do banho e perguntava á senhora Meckers:

— E' papae quem fala?

A senhora Meckers largou o receptor sem se dignar responder á pergunta do menino, que, ao ouvir a campainha do telephone, saltára da banheira e, sem se enxugar da espuma do sabonete, que lhe cobria o corpo, correu com a intenção de falar com o pae. A governante, porém, não lhe deu tempo, e o menino ficou um pouco desconsolado, immovel, com a agua a escorrer por elle a baixo, a molhar o soalho encerado.

A senhora Meckers approximou-se-lhe, com uma expressão de severidade reflectida no rosto.

Falou lentamente, e recalcando as palavras:

— Ricardo! Não me dirá o que significa sahir desta maneira do banho?

Ricardo olhou-a receioso. Sabia bem o que viria em seguida a taes palavras.

— Então? Não tens fala?

— Queria falar com papae! — disse o menino, com uma voz que mal se percebia.

— Estavas no banho. Não foi a ti que elle chamou. Vê como puzeste o soalho.

A senhora Meckers segurou o pequeno pelo pescoço, e com um movimento brusco fêl-o inclinar a cabeça para o sólo. Ricardo soffreu estoicamente, apesar de ser muita a pressão dos dedos da mulher.

— E's um máo menino! Ouvês-me? Olha para a minha cara!

Ricardo ergueu a cabeça, não tanto pelo que lhe diziam, mas porque a mão que primeiro lhe apertava o pescoço, com força, se lhe cravava agora em um dos hom-

De James Saire Peckering

bros, fazendo-o contrahir a bôcca numa careta de dôr. Depois, foi levado de novo para o banho e mettido nagua, que já tinha ficado quasi fria.

Estava desconsolado, o Ricardinho. Não gostava nada que papae viesse tarde para casa, pois não o poderia ver, e pela manhã estava sempre tão apressado para ir para o escriptorio, que apenas ficavam juntos uns minutos durante o primeiro almoço. Um beijo de fugida e não o tornava mais a ver até a noite, se elle regressasse cêdo.

A senhora Meckers ficava sempre ao pé delles, e o pequeno não podia falar livremente com o pae. A' hora do jantar tambem a mulher estava a seu lado para o vigiar, e se acaso não tinha appetite, obrigava-o a ingerir toda a comida que lhe puzéra no prato. Do contrario, já sabia.... Vinha a pressão, aquella dolorosa pressão da mão no hombro, onde se lhe cravavam com força os dedos. Não lhe batia, mas aquillo era muito mais doloroso.

Estava resolvido. Devia falar com o pae. Nem sempre havia de ser o seu odiado verdugo quem fizesse o relato amplo e augmentado das travessuras que elle commettia durante o dia. Tambem haveria de saber algum dia seu pae o que aquella mulher era para Ricardinho. Decidiu não adormeceu até que o pae voltasse aquella noite.

Mas, para uma criança de sete annos, é coisa um pouco difficil ficar acordado até uma hora avançada.

Ricardo pae tinha concluido os seus preparativos no escriptorio e sahiu, assim que telephonou para casa. Pedira a Marion Drake que o acompanhasse a jantar essa noite. Ella, porém, não accedeu.

— Meu querido Ricardo! — havia-lhe dito. — Não me é possivel acompanhar-te, como seria meu desejo. Se visses as coisas que eu tenho para fazer! Pódes vir um bocadinho cá em casa.

— Marion! Eu desejaria estar livre cêdo. Ha muitos dias que apenas estou cinco minutos ao lado de Ricardo.

— Oh!

O monosyllabo sahiu dos labios de Marion como uma manifesta expressão de contrariedade. Ricardo julgou que a incommodasse falar-lhe do filho, e Marion notou o erro que tinha commettido, e accrescentou quasi arrependida:

— Perdôa, Ricardo! Tens razão. Vem cá em casa quando te fôr possivel e demorar-te-ás o que puderes. Não quero exigir-te nada que não seja logico!

* * *

Foi, pois, ao club, onde jantou apressadamente, e foi a seguir á casa de Marion. A moça sahiu-lhe ao encontro, e, com as mãos enlaçadas, atravessaram o vestibulo, dirigindo-se a um dos salões, onde se sentaram.

Era uma moça encantadora, intelligente, um pouco sonhadora, a ponto de parecer não dar pela realidade do mundo em que vivia. Respondeu de fórma deliciosa ao sorriso que Ricardo teve para ella. A vivacidade dos olhos azues de Marion e aquelle sorriso deram a Ricardo um novo sopro de vida e energia. Era um tonico para elle tal sorriso!

Havia, não obstante, uma coisa que o trazia preoccupado. Como teria elle de resolver o problema consistente em ser elle um homem viuvo e com um filho de sete annos.

(Continúa na pagina seguinte)

A NOVA MÃE

(Continuação)

e ella uma moça joven? Visitava-a trez vezes por semana e todos os dias em que a ia ver, pensava affrontar a discussão. Mas, assim que olhava para ella, faltavam-lhe forças para tal.

Essa noite foi ella a que pareceu interessada em falar de Ricardo filho.

— Quando me telephonaste hoje, pareceu-me notar qualquer coisa de estranho na tua voz. Que é que ha com o menino? Alguma coisa que não é como deveria ser? Bem sabes que eu desconheço tudo quanto diz respeito a taes coisas, mas desejo ser-te util no que puder.

Ricardo meneou a cabeça, commovido.

— Não. Não ha nada... Isto é, eu não sei de nada. Parece-me que de ha algum tempo para cá lhe noto uma certa tristeza. Mas, vejo-o tão pouco! De manhã, ao sahir de casa, e um minuto á noite, quando recolho cêdo. E' pouco. Demasiado para a sua idade. Ha uns dias, em que, como já disse, elle me parece preoccupado. Mas... Que é que póde succeder de gravidade a uma criança de sete annos? Possivelmente, será tudo obra da minha consciencia, que me censura abandonal-o tanto.

Sorriu. Marion, porém, olhou-o com seriedade.

— Vamos a ver, Ricardo. Examinemos com attenção a situação. A tua governante, a senhora Meckers... é boa creatura?

— E'. Pelo menos sempre o foi. Um pouco rigida, talvez. Ella suppõe que uma criança daquella idade deve ser tão séria como um juiz e não desculpa, como é muito natural em um menino assim, que elle corra, que salte, que grite. E' muito possivel que a vida de Ricardo fosse outra se eu estivesse com elle o domingo todo o dia.

Marion fez um gesto.

— O domingo! — repetiu como um éco. E' verdade. Não tinha pensado nisso. Justamente estava para te pedir que me acompanhasses este domingo á casa dos Randall. Tinha esquecido por completo de que os domingos os dedicas por inteiro a teu filho. Sinto muito que não possas vir commigo!...

Sorriu. Ricardo levantou-se e dirigiu-se em silencio para uma das varandas da casa. Pensava em Ricardo e no domingo. A senhora Meckers! Sim. Era uma excellente governante. Mas não comprehendia o menino. Era necessario resolver o problema de uma vez. Impunha-se o sacrificio, se não conseguisse ficar de accordo com Marion com respeito ao futuro.

Voltou-se resolvido a falar; No momento, porém, entrava na sala um grupo de convidados que iam á festa que se dava em casa da moça, em honra de um dos poetas da moda, um rapaz que conseguira recentemente o primeiro dos seus exitos literarios. Não era mais possivel resolver nada essa noite. Ricardo consultou o relogio, pois não queria perder o ultimo trem que o havia de levar para casa. Procurou com o olhar Marion, e poude vel-a entre uns convidados. Ella veiu logo para o seu lado, a sorrir pela mesma fórma encantadora de sempre.

— Marion, devo retirar-me. Que o teu poeta tenha muito exito. Parece um rapaz de talento.

— E é mesmo, Ricardo. Espero que elle me acompanhe, domingo, á casa dos Randall... E' de crer que elle não tenha tantas occupações como tu... Não! Não te censuro nada. Acho o que succede o mais natural. Desejaria, porém, achar uma solução satisfatoria para todos!

Elle ouviu-a em silencio. Tambem elle desejava achar a fórma de poder viver junto aos dois grandes affectos da sua vida.

— Marion. Acompanhar-te-ei no domingo, como desejas. Ricardo póde sacrificar-se uma vez.

— Assim é que é, meu amigo! Verás como não tens razão para estar tão preoccupado. Serão rabujices de criança. Indagaremos isso. Podemos tomar o trem das dez da manhã, chegando assim á hora do almoço. Passaremos um dia delicioso juntos, passeando pelo jardim que elle têm, pelo bosque que chega até o rio...

Ricardo sorria tristemente... Que destino o seu! Para fazer feliz um dos seres que elle tanto amava, tinha de sacrificar o outro!

— Bôa noite, Marion! Até domingo ás dez horas!

— Obrigada, Ricardo! Estou mais satisfeita, por resolveres acompanhar-me!

* * *

Emquanto durou a viagem para casa, Ricardo esteve dominado por desencontradas recordações, umas agradaveis e outras que turvavam a felicidade que sentia. Pensava em Marion e no filho e tratava de achar a fôrma de se reunir para sempre com os dois.

Quando chegou em casa, foi apagando as lampadas que ficavam accesas até elle chegar. No andar de cima eram os dormitorios, e ao passar pelo da senhora Meckers ouviu-lhe o resonar e pensou que se Ricardinho necessitasse de alguma coisa não seria ella certamente quem teria de o ouvir. A porta do quarto do menino estava aberta. Entrou e accendeu a lampada resguardada de tela, para que os raios da luz não despertassem a criança. As pretas madeixas destacavam-se sobre a alvura do travesseiro, assim como o rosto um pouco pallido, e os labios vermelhos. Ficou-se a contemplar o pequeno em silencio. O coração estava opprimido. Ao ver o menino, comprehendeu a razão de que os paes se sacrificassem pelos filhos.

— Pobre criança! — murmurou. Necessita uma mãe! A senhora Meckers suppre essa falta até certo ponto, mas não basta. Estará Marion disposta á vida de sacri-

A NOVA MÃE

(Continuação)

ficio que supporá para ella cuidar de Ricardo?

Recolheu-se a seu quarto, a pensar nisso, mas adormeceu antes de achar uma resposta satisfatoria.

* * *

Na manhã seguinte, reuniram-se pae e filho no salão de jantar, para o primeiro almoço, como tinham por costume.

— Papaezinho, hoje é sabbado? perguntou o menino.

— E' sim, meu filho.

— Então, amanhã é domingo, e papae ficará todo o dia em casa, sim?

— Creio que não me vae ser possivel fazer isso, Ricardinho. Tenho que sahir.

O pequeno parou de comer, e olhou para elle assustado quasi.

— Por que vae papae sahir?

— Tenho que fazer, meu filho.

— Mas, o dia todo?

Houve uma pausa. Uma pesada pausa, durante a qual a criança parecia estar dominada por tristes idéas, e o pae se sentia envergonhado do seu procedimento para com o innocente ser. Então, o menino, depois de olhar em torno, se approximou do pae, e disse-lhe:

— Chega cá o ouvido; quero dizer-lhe um segredo.

Ricardo inclinou a cabeça para que o menino pudesse chegar até elle.

— Papae! Ella não gosta de mim!

Ricardo ficou-se a olhar para elle, admirado da confidencia.

— Quem é que não gosta de ti, meu filho?

— A senhora Meckers!

Que significava aquillo? Era uma confirmação dos seus presentimentos?

Antes de que nenhum dos dois pudesse pronunciar uma palavra mais, appareceu a governante, e, ao ver o menino junto ao pae, exclamou, em tom desagradavel:

(Continúa na pagina seguinte)

— Que é isso, Ricardo? Por que desceste da tua cadeira?

Ricardinho dirigiu um olhar de supplica ao pae, e apressou-se a sentar-se no seu logar pondo-se a tomar o leite que tinha servido na caneca. Não era possivel que falasse com o pae sem estar sujeito á severa disciplina!

Acabaram em silencio, e depois foram para o jardim.

— Papae! — insistiu o menino. Não vá sahir amanhã. Não me deixe sózinho o dia inteiro.

O tom com que elle pronunciou essas palavras inquietou Ricardo.

— Mas, o que succede, menino? Conta-me... Dize-o a teu pae, que te estima tanto!

Tomou nos braços a criança, e apertou-a fortemente contra o peito.

— Papaezinho, a senhora Meckers não gosta de mim, e apertame com a mão, o braço, e o hombro, assim... Faz-me um mal horrivel!

As lagrimas brotaram-lhe francamente dos bellos olhos.

— Socega, meu filho, tranquiliza-te! Conta-me tudo o que ella te faz! Dize-me a verdade!

A NOVA MÃE

(Continuação)

— Vou dizer, papae.

Seguiu-se uma longa relação de factos realmente censuraveis. Aquella mulher rigida não tratava, como devia, o menino. Chegava, até, em certas occasiões, a atál-o a uma cadeira para que estivesse quieto. Ricardo ergueu-se do banco em que estava sentado com o filho, e chamou a senhora Meckers.

— Por que trata a senhora dessa maneira meu filho? — perguntou, severamente, quando ella appareceu.

— Por que é um desobediente! Se o trato com um pouco de rigidez, é só para bem delle.

— E' verdade que a senhora o castiga?

— Quando o merece, é.

— Pois a senhora não póde ficar nem mais um minuto nesta casa! Tem um quarto de hora para sahir daqui.

— E' esse o agradecimento!... Depois de cinco annos de lutas contra esse malcriadão!...

— Um quarto de hora, já disse! Do contrario, boto-lhe as coisas no meio da rua.

* * *

Já era meio dia, quando os dois acabaram de arranjar a casa, e pensaram em que havia chegado a hora da refeição. A senhora Meckers fôra-se embora, e não voltou. Ricardo telephonou para o escriptorio a dar algumas ordens, e a prevenir, ao mesmo tempo, que não compareceria por uns dias. Tinha que resolver qualquer coisa que surgira de fórma imprevista.

Que louco elle havia sido! Deixar correr tanto tempo sem dar pelo que succedia!

Mas, uma vez passado o primeiro momento de excitação, pensou em que Marion o esperava no dia seguinte, para fazer com ella uma visita. Outro problema!...

Quando se deitou, ainda não tinha tomado uma resolução. Não podia deixar Ricardo sózinho em casa, nem o podia levar! Que fazer?

Pela manhã, pensou em falar com Marion para lhe explicar o que se passava, e pedir-lhe desculpa por não poder ir com ella á casa dos Randall. Mas as horas

Casa malassombrada

(No album de Semiramis Glauce)

E' esta a estrada. O êrmo é lá em baixo.
Dobre você á esquerda e vá seguindo.
Ninguem acha neste êrmo como eu acho
um certo encanto mysterioso e lindo.

Não leve guias e nem leve facho.
E vá sózinha, vá e vá subindo
a encosta agreste onde a descrença é um cacho
de sempreviva sempre e sempre abrindo...

Logarêjo, meu Deus, é esse êrmo triste!
Vá povoál-o, menina, encha esse ninho
do macaçá que em torno delle existe.

Sem agua benta, sem pinhão nem vela,
é seu dever povoál-a de carinho,
sem se importar com o malassombro della.

ESDRAS FARIAS

foram transcorrendo sem que se resolvesse nada.

Já eram mais de dez horas quando bateram á porta. Ricardo foi abrir com um gesto de contrariedade, e grande surpresa experimentou ao encontrar-se com Marion em pessôa.

As pernas vergaram-se-lhe. Quiz falar, e só lhe sahiram da garganta uns sons roufenhos. A joven approximou-se-lhe, assustada.

— Que houve, Ricardo?

Ficaram por algum tempo um e outro sem poder falar. Afinal, elle recuperou um pouco a serenidade e levou Marion para um sofá.

— Marion, por que vieste?

— Não estava socegada, Ricardo. Estive á espera e quando vi que passava a hora em que me havias promettido ir buscar-me, sem apparecer, suppuz que te houvesse succedido alguma coisa de desagradavel. Felizmente, estás bem... Ricardinho, talvez?

A NOVA MÃE

(*Conclusão*)

— O menino está bem...

— E a senhora Meckers?

— Não está mais cá em casa.

E então, aborrecidissima. Ricardo contou a Marion tudo o que tinha acontecido desde sabbado de manhã. A moça ouviu-o, attentamente. Depois, sem dizer palavra, tirou o chapéo e as luvas.

— Por que não me telephonaste para casa a dizer que viesse? Porventura, não me suppões capaz de assumir a responsabilidade de me encarregar de Ricardinho? Tu tens o teu trabalho e não é possivel que esta situação se prolongue, sem uma solução rapida. Eu tenho confiança em ti, no teu amor... Não ignoro que se tu não te tens resolvido a marcar data para o nosso casamento, é porque não sabes o que o menino poderia ser para mim... Não é isso? Amo-te, e amo-o a elle porque é teu...

— Mas... mas...

— Estou vendo que hei de ser eu a que disponha tudo. Bem. Já que não te resolves a fazer-me a pergunta logica, fal-a-ei eu. Quando nos casamos, Ricardo? Se não o fazes por mim, fal-o por elle... — acrescentou Marion, sorrindo encantadoramente.

— Minha alma! Como és bôa! Não o fazes por ti, quando estou loucamente apaixonado? Ricardo! Ricardinho!

O menino chegou a correr, do jardim, onde estava brincando á vontade. Talvez não estivesse muito limpo, mas em compensação tinha uma expressão de satisfação na encantadora carinha, como não succedia havia muito tempo.

— Olha quem está aqui! Não a conheces? E' Marion! Mamãe Marion!

A moça tomou o menino nos braços e cobriu-o de caricias.

A môsca

Bate em meu rosto, a voar, a môsca desgarrada.
Escorraço-a, porem, vejo-a de novo em róda
de mim, voando e revoando, impertinente, ou-
[sada!
Persigo-a, mas em vão. Um instante se accommoda,

mette-se nalgum canto ou se deixa pousada
quasi sempre alli mesmo, ahi escondida, e toda
vez que a supponha já encontrar-se afastada,
eil-a que se apresenta a impacientar-se, doida!

Tudo eu faria por num impeto alcançál-a!
A môsca tem no vôo a arte da pulga esperta,
tornando sem proveito o esforço de apanhál-a!

E quanto nos preoccupa, e quanto nos engana!
O insecto pertinaz que ao tédio nos desperta
é o symbolo fiél da teimosia humana.

FÉLIS AYRES

— Trouxeste alguns policias? perguntou elle simplesmente.

— Trouxe. Trouxe tres.

— E' quanto basta; pôr hoje essa gente á minha disposição?

— Sem duvida; tens qualquer coisa de importante?

— Não. E' só para me esperarem durante uma hora num sitio determinado.

— Estou ás tuas ordens.

A' hora combinada estava Sherlock, disfarçado no engenheiro de barba grisalha, á entrada da Capella em ruinas. Dick esperava já por elle.

— Antes de ir mais alem sou obrigado a vendar-lhe os olhos.

— Nunca, declarou o policia, que temia descobrirem-lhe dessa forma a cabelleira e a barba postiça, que cuidados lhes pode inspirar um homem que parte amanhã para a Australia.

Dick meditou um instante.

— Tem razão, disse elle num tom singular. Desta vez podemos desprezar esta medida de prudencia.

Como Holmes pensara, dirigiram-se ao poço. Dick apontou para a abertura.

— Espero que não terá duvida em seguir-me até lá abaixo. Vamos entrar numa galeria que conduz directamente á machina.

— Já tenho visto coisas para que é preciso mais coragem ainda, replicou Sherlock Holmes.

Dick desceu primeiro, seguido logo por Sherlock.

Em baixo, accendeu o primeiro uma lanterna, que dava uma luz clara. O policia constatou que a galeria era uma linha perfeitamente recta.

De repente sentiu um ruido, que se tornava cada vez mais distincto. Era como que um sussurro de agua; talvez que os outros a empregassem nos seus trabalhos.

Os moedeiros

(SHERLOCK HOLMES

Por fim chegaram a uma porta de ferro, que Dick abriu sem demora. A galeria alargava-se alli; e parecia ter-se transformado numa enorme sala subterranea.

Do lado direito erguia-se uma especie de andaime.

— Aqui está a prensa hydraulica que o senhor tem de reparar, disse o guia.

— De onde vem a agua para aqui? perguntou Holmes.

— Temos aqui agua bastante, respondeu o homem da barba negra. De resto, será bom que não pergunte tanto.

— Onde estão os outros dois collegas, perguntou ainda Sherlock, inspeccionando o andaime, como se quizesse certificar-se da sua solidez.

— Hão de vir ainda. Mas basta de perguntas, e occupe-se do seu trabalho.

O policia abriu a portinhola do andaime e mergulhou o olhar na confusão de rodas dentadas, eixos e bielas que constituiam a machina.

— Faz favor de pôr a machina em movimento, disse elle. Cada machina, como sabe, é construida a seu modo. Emquanto não vir e ouvir trabalhar o mecanismo, não posso descobrir o defeito.

Dick dirigiu-se a um canto e agarrou uma alavanca. No mesmo instante ouviu Sherlock um ruido surdo, as rodas giraram, e um batente desceu com medonha força entre duas faces do andaime, que

Falsos de Sheffield

(Por CONAN DOYLE)

deixavam apenas o espaço livre para se mover um homem no meio dellas.

A machina funccionou ainda durante alguns minutos; depois parou.

— Sabe agora onde está o defeito? perguntou o homem de barba negra, acercando-se do policia.

— Parece-me que o encontrei, respondeu este. Como lhe disse ha uma valvula que não está em ordem. Deixe-me agora trabalhar aqui um bocado sosinho e espero que não durará muito tempo.

Dick lançou-lhe um olhar inquisitorial.

— Quando estiver prompto chame-me, disse elle. Desejo vêr depois o seu trabalho. Não entre na galeria — poderia ser a sua morte. Aqui ha perigos em toda a parte.

Ainda mal Dick se tinha afastado, quando Sherlock Holmes ouviu um ruido no portão de entrada. A' luz da lanterna distinguiu os vultos dos dois companheiros do typo barba-negra.

Cá estão os homens, pensou elle. Os "ingênuos" trabalhadores de mina de sal...

Percebeu que Dick lhes fallava e viu affastarem-se de vez para o fundo da sala.

— E' uma perfeita caverna de bandidos, disse o policia. Se o batente desanda, vem esmagar-me irremediavelmente a cabeça, volte-me eu para onde me voltar.

Tirou do bolso uma chave de parafusos e começou a trabalhar. Num dos cylindros encontrou uma valvula cujo isolador de borracha se encontrava deteriorado. Não foi preciso procurar mais para se convencer de que era esse o defeito capital do machinismo.

Nisto ouviu um ruido de passos.

— Já encontrou o defeito? perguntou Dick, abrindo a portinhola e mergulhando no interior o olhar de fera.

— Encontrei-o já, respondeu Holmes. Se tem ahi um isolador de borracha, tudo se remedeia no mesmo instante.

Dick quedou-se um momento surprehendido. Meneou a cabeça, como si se tivesse enganado nas suas supposições, foi buscar o isolador necessario e entregou-o ao policia.

— Sim senhor, exclamou convicto. O senhor sabe do seu officio.

Neste momento bateu Sherlock Holmes involuntariamente com a lanterna na barba postiça e esta cahiu.

Ouviu-se um grito terrivel de espanto e raiva.

— Sherlock Holmes! exclamou Dick, o policia! Com mil raios!

Saltou furioso para fóra e fechou a portinhola atraz de si.

— Patife! continuou elle do lado de fóra. Que nem tudo estava em ordem já eu tinha visto na tua cabelleira. Mas que era o proprio Sherlock Holmes quem se misturava nas nossas coisas para descobrir o assassino, isso é que eu não sabia ainda.

Os seus olhos lançavam chammas atravez das grades...

(Continúa na pagina seguinte)

O TURBULENTO

De CARLOS

O tranquillo bairro de Laranjeiras foi abalado com o começo de um conflicto na rua desse mesmo nome no "Bungalow" mimoso do sr. J. B. Montanha-Russa.

— Para lá... alto... estou lhe pedindo um favor!

— Favor? Favor? O senhor veiu até aqui com o intuito de me desmoralizar... O lar é sagrado! Ahi estão o Codigo Civil, o Codigo Penal, o Codigo Militar, o Codigo de Contabilidade... e o proprio Direito Internacional... Todos são pela inviolabilidade do lar. O senhor tentou penetrar em minha casa; o senhor é... o senhor é...

— Mas, cavalheiro! Eu vim lhe pedir um favor...

A esse tempo, uma multidão de curiosos rodeava a casa do Montanha-Russa. Ninguem sabia explicar a razão do conflicto.

Um guarda-civil compareceu indagando o motivo:

— O senhor é o proprietario da casa?

— Sou... Este homem veiu aqui para me desmoralizar...

— Como o senhor explica isso?

— Eu não comprehendo nada; pedi licença, para...

— Para falar no telephone, seu guarda, e eu não tenho telephone em minha casa... Como eu ia deixar esse homem falar num telephone que não existe... Este homem está me desmoralizando, pois agora todo mundo sabe que eu não tenho telephone em casa...

• • •

Durante o dia o sr. J. B. Montanha-Russa veiu para a cidade.

Pelo simples facto do conductor do bonde gritar "quem vae querer", Montanha-Russa desandou em mil descomposturas á Light.

Uma garota a seu lado lia a columna medica dum matutino. O esculapio respondia a uma centena de consulentes sobre o emmagrecimento.

Montanha-Russa leu a seguinte resposta: "A perda de 3 kilos por mez é o sufficiente; assim v. s. vae bem".

O valente e espadaúdo morador nas Laranjeiras, voltando-se para a graciosa morena, estrillou:

— O que vocês mulheres pensam no fim das contas? Ora, está lendo a resposta desse medico? Veja lá: 3 kilos por mez... num anno 36 kilos... em 3 annos 108 kilos... Nesse tempo a mulher vira pó de asphalto... Esse medico não conhece mathematica.

A garota respondeu e estabeleceu-se conflicto no bonde até chegarem na Galeria Cruzeiro, onde Montanha-Russa desembarcou para tropeçar e cahir sobre um garoto vendedor de jornal motivando protestos dos presentes...

— Jotabê... jotinhabê-ê-ê...

— Lili... "mon coeur", je parle em francê palavrê "d'amour"...

— Ah! meu cachorrinho lulú" beija-me as mãos... ingrato.

Em pleno largo da Carioca o valente J. B. Montanha-Russa, "assassinando" o francez, curvou-se para beijar as mãos duma franceza que o tratava por "meu cachorrinho lulú"...

Dali, foram ás casas chics de chá. Mme. Lili trazia um vestido preto, magnifico e bem talhado. Loira, bem loira, chamava a attenção de todos pela sua elegancia.

Pequenas miserias do estomago

A maioria dos que soffrem do estomago, começaram o seu martyrio por pequeninos mal-estares. Depois das refeições sentiam pezadumes, tinham eructações acidas, enxaquecas, gazes e dormiam mal. Estes varios incommodos não duravam muito tempo; um ou dois repastos se passavam muito bem, num outro digeriam mais difficilmente. "Isto passa" diziam as futuras victimas. Chegou um dia em que as refeições se tornaram uma apprehensão: a digestão que as seguia tornava-se de mais a mais dolorosa. Quantos milhões destas victimas de seus estomagos, se aperceberam que, não somente sentiam-se alliviados immediatamente ao tomar uma pequena dose de pó ou duas a trez tabletas de Magnesia Bisurada em um pouco d'agua depois de cada refeição mas que finalmente as funcções digestivas volviam a se normalisarem. Outros, menos previdentes, tornaram-se doentes chronicos, a sua vida é uma miseria. Sejais previdentes tendo sempre ao alcance da mão um frasco de Magnesia Bisurada *"O Salvador do Estomago."* A' venda em pó e em tabletas em todas as pharmacias.

80 % DAS MOLESTIAS ENTRAM PELA BOCCA

A importancia da hygiene buccal como preventiva

A bocca diz do estado de saúde de um individuo. A bocca determina o estado geral do organismo. As estatisticas provam que 80 % das molestias entram pela bocca. Isto mostra bastante a necessidade de uma hygiene rigorosa do meio buccal. Principalmente sabendo-se que as mesmas estatisticas proclamam que, pelo menos, 50 % desses males poderiam ser perfeitamente evitados.

Os dentes cariados, as fermentações dos residuos alimenticios, a proliferação dos bacillos na bocca fazem della um meio de cultura microbiana que é uma permanente ameaça para a saúde. Perde-se a capacidade de reacção contra os agentes nocivos que vêm de fóra. E' a propria saliva ingerida pode determinar molestias gravissimas inclusive cancros e ulceras no estomago. Um dente mal tratado pode causar até a cegueira. Os den-

MONTANHA - RUSSA

DE BRAGANÇA

Estava "agarradinha" nos braços do valente Montanha-Russa e o valente Montanha-Russa orgulhoso por desempenhar o papel de "coronel" em praça publica.

* * *

Na praça Tiradentes o casal apartou-se, devido Mme. Lili ir a uma modista nas immediações.

Ficou o Montanha-Russa á espera de sua "diva" deante do Theatro Carlos Gomes.

Um grupo de rapazes fez ponto ali, admirando o monumento de D. Pedro I.

— Imponente! — Dizia um!

— Garboso! Valente!

— Grande conquistador...

— Mas conquistava tudo... mulheres, patrias, nações, povos...

— Fez a independencia do Brasil, creando assim um reinado e edificando uma patria!

— Restaurou um throno... lutou e nelle collocou a quem cabia a corôa.

Montanha-Russa cansou-se de ouvir tanto elogio, e, entrando na conversa, exclamou, bem alto:

— E que adeantou tudo isso? Que ganhou d. Pedro I com isso? E vocês tambem... uns rapagões dessa idade... param ahi para philosophar sobre a historia... Sim... estão me olhando com espanto? Isso não é patriotismo. Deixem de sophismas... Emprehendam! Realizem! Não fiquem ahi como "patetas" discutindo uma estatua! Que ganham vocês com isso?

Mme. Lili surgiu como um "anjo de salvação", pois a tróca de palavras já tinha assumido tal proporção, que a policia se preparava para apaziguar os animos.

— Meu "cachorrinho Lulú", joinhabêe... ingrato!

— Ho! mon cheri... et vouz lê grandê almê... di... de... cest ma... vie... oui... ma vie... caminhêz par votre maison... no... "house" in inglish... no... comprehendê vouz?

— Fale em portuguez, meu cachorrinho lulú... Eu comprehendo melhor...

* * *

Largo de S. Francisco!

O casal caminhava como se estivesse caminhando "sobre as ondas". Tudo azul... o céu... a vida... os olhos da franceza...

Um automovel parou repentinamente e delle saltou uma senhora empunhando um chicote.

Mme. Lili correu em direcção da rua do Ouvidor misturando-se no povo que se comprimia nessa estreita via publica.

J. B. Montanha-Russa começou a ser chicoteado.

Escandalo! O povo correu em direcção do casal que em pleno largo de S. Francisco, ás 16,30 horas, se entregava ás doçuras da vida de casado".

Era mme. Montanha-Russa que apanhava o marido em flagrante, ao lado da "outra"...

— Mas que outra? — indagou o policial...

— A "outra"... a "talzinha"... a "franceza"!

E, com o rosto marcado pelo chicote, Montanha-Russa voltou-se violento para o povo, e perguntou, decidido:

— Então nem se póde apanhar da propria mulher nesta terra?

Sherlock Holmes descera lentamente da escada com a lanterna na mão.

— Escuta! exclamou elle, dirigindo-se ao facinora, que encostara o rosto ás grades para melhor poder observar a agonia do policia.

— Que queres ainda, cão? Talvez pedir-me a vida? Mas garanto-te que me podias offerecer todos os thesouros do Banco de Inglaterra, e nem assim me privarias do prazer de te ver morrer ahi da morte lenta que te preparo.

De repente calou-se. Poucos momentos depois, ouviu o policia o seu sorriso sardonico.

— Ouviste porventura dizer algum dia que Sherlock Holmes tenha pedido qualquer coisa a um bandido? perguntou o policia. Não foi para isso que te disse: Escuta! Foi para te dar outra idéia de quem eu sou.

Calou-se um instante, levantando a cabeça, na attitude de quem escuta alguma coisa.

— Vamos, então o que é? perguntou Dick.

— Quero dizer-te quem foi o assassino de Carlos Johnston. Foi Dick Paterson. Não vos bastava expulsal-o do quarto com a brincadeira do phantasma, a que obrigaram a pobre Betsy; o infeliz tinha desvendado o mysterio que se occultava no sub-solo; era preciso fazel-o cahir. Mas como Dick Paterson tem tanta covardia como basofia, assalariou um pobre pastor idiota para commetter o crime. Uma funda e uma pedrada fizeram o resto.

Sherlock Holmes ouviu o criminoso ranger os dentes de raiva.

— Cão! podes-te gabar que ladraste pela ultima vez. Mas quero ter ainda uma satisfação. Bill Kundry, o unico que te podia ter contado tudo isso, faltando ao juramento que prestou será condemnado á morte, como assassino. Nós todos o accusaremos, e Betsy fará um depoimento terrivel.

— Que pretendia Bill Kundry junto do cadaver? disse o policia encolhendo os hombros.

— O bandido sabia que Johnston descobrira o nosso segredo, e que trazia comsigo um valioso enveloppe cuja descoberta pela policia nos prepararia as mais amargas difficuldades, bem como á sua adorada Betsy.

Por isso, quando viu que já não chegava a tempo de impedir a morte de Johnston, lançou-se sobre o cadaver e tirou-lhe o enveloppe.

— Ah! exclamou Sherlock surprehendido. Um enveloppe dirigido a lord Milster em Londres?

— Nem mais nem menos. E agora, meu amigo, ponhamos ponto na conversa, e dize-me se tens ainda algum pedido a fazer-me, perguntou Dick com perfidia.

— E verdade, meu caro Dick. Desejava saber que horas são, disse o policia tranquillamente.

O criminoso hesitou um instante, e deu uma gargalhada estrondosa.

— Chama-se a isso despedir-se do mundo com sangue frio, e com franqueza, admiro-te. Mas descança que ainda chegarás a tempo ás profundas do inferno. Boa viagem!

Correu ao fundo da sala, abriu uma torneira, a agua invadiu a canalisação, as rodas começaram a mover-se, a prensa hydraulica gemeu, o batente desceu furioso, ouviu-se um crepitar, como ossos que estalam e tudo ficou em socego.

— Bem, exclamou Dick Paterson, tacteando na sombra a entrada da caverna. Agora ahi tens o pago dos teus serviços, Sherlock Holmes. Já se póde respirar e trabalhar sem medo...

Ouviu-se uma gritaria horrivel, dominada por um assobio estridente. Do lado da galeria appareceram os clarões das lampadas electricas, e quatro homens precipitaram-se na sala.

— Agarrem aquelles dous, gritou Sherlock. Se resistirem, façam-lhes saltar os miolos. Do chefe já eu proprio me encarreguei.

Em poucos instantes foram os tres proprietarios da mina de sal algemados e conduzidos para o meio do subterraneo, onde Sherlock entrava pela primeira vez.

— Tambem vieste, meu caro Wilson? — disse o policia ao inspector.

— E' verdade, respondeu este um tanto enleiado. Quiz acompanhar os meus agentes neste passeio subterraneo.

— E ver ao mesmo tempo, o que faria esta noite Sherlock Holmes...

— Tambem tens razão. Explica-me agora que quer dizer isto.

— Um instante, meu amigo. Deixa-me gosar tambem um pouco, e esperemos que este cavalheiro, o sr. Dick Paterson, que perdeu os sentidos com um socco que lhe preguei, tenha voltado a si.

Sherlock Holmes relanceou o olhar pelo subterraneo e teve um sorriso satisfeito.

— Uma officina installada á moderna, murmurou elle.

Approximou-se de uma das mesas, levantou algumas chapas brilhantes e examinou-as á luz da lampada electrica.

— Trabalho fino, continuou o policia. E' habil esta gente, nem outra coisa era de esperar.

Um dos policias despejara um balde de agua fria sobre a cabeça de Dick Paterson, que continuava sem sentidos... O bandido abriu os olhos espantado e olhou em torno, sem comprehender.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000

Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000

Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000

Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000

Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Levindrey

Rue Tronchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

Os Romances de Fon-Fon

Constituem um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga a parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou selos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. A descriminação abaixo está na ordem de sahida.

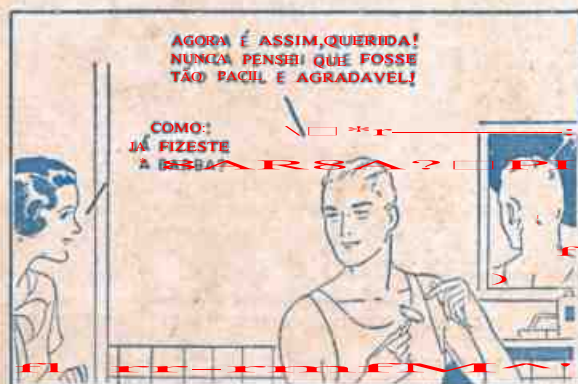
	Preço	Pelo Correio
FAUSTA — 10 fasciculos	5$000	6$000
FAUSTA VENCIDA — 9 fasciculos	4$500	5$400
PARDAILLAN E FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMORES DE NANICO — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasciculos	8$000	9$600
O FIM DE PARDAILLAN — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FIM DE FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
CAPITAN — 14 fasciculos	7$000	8$400
BURIDAN — 19 fasciculos	9$500	11$400
PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMANTES DE VENEZA — 7 fasciculos	3$500	4$200
O CASTELLO SAINT POL — 9 fasciculos	4$500	5$400
JOÃO SEM MEDO — 6 fasciculos	3$500	3$600
HEROINA — 14 fasciculos	7$000	8$400
NOSTRADAMUS — 13 fasciculos	6$500	7$800
DON JUAN — 7 fasciculos	3$500	4$200
REI AMOROSO — 9 fasciculos	4$500	5$400
O RIVAL DO REI — 7 fasciculos	3$500	4$200
PASSAVANT — 9 fasciculos	4$500	5$400
MARIA ROSA — 8 fasciculos	4$000	4$800
FLORES DE PARIS — 20 fasciculos	10$000	12$000
FLORINDA A BELLA — 5 fasciculos	2$500	3$000
A RAINHA DO ARGOT — 13 fasciculos	6$500	7$800

Pedidos á Empreza

Fon-Fon e Selecta S/A

Rua Republica do Perú, 62 - Rio

TELEPHONE: 2-4136

COMO O SERGIO QUASI PERDEU O EMPREGO

BARBEAR-SE EM CASA

é mais rapido e economico

Fazer a barba pelo velho systema não é só dispendioso e incommodo: é arriscado tambem. Barbear-se em casa com a GILLETTE é tão pratico e economico que não ha mais desculpa para o homem que não procura ter bôa apparencia. Passe a fazer a sua propria barba. Poupará tempo, dinheiro e bom humor. *Use sempre* as laminas GILLETTE *legitimas*, que são as mais afiadas e duraveis e, portanto, as mais economicas.

BARBELINO AFFIRMA:—

Gillette

GRATIS

Gillette Safety Razor Co. of Brazil
Caixa Postal 1797—Rio de Janeiro — 36

Queiram enviar-me, gratis, o seu folheto a côres "A DESCOBERTA DE BARBELINO" de util e interessante leitura para os que se barbeiam.

Nome ....

Rua e Nº ....

Cidade ....

Estado ....